

Entendendo George Orwell  
A Estrutura das Comunicações de Massa no  
Romance 1984

João Pedro Vicente  
Universidade Fernando Pessoa

13 de Dezembro de 2005

# Índice

<b>1</b>	<b>Prefácio</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>Exórdio</b>	<b>10</b>
2.1	Bases Teóricas . . . . .	11
2.2	Novilíngua . . . . .	22
<b>3</b>	<b>Descrição do Objeto</b>	<b>29</b>
3.1	O Protagonista . . . . .	33
3.2	Classes Sociais Fictícias . . . . .	35
3.3	Ordem Mundial Fictícia . . . . .	41
3.4	Dulipensar . . . . .	44
<b>4</b>	<b>A Cultura de Massas em 1984</b>	<b>48</b>
4.1	Prelúdio dos Meios Massivos . . . . .	53
4.2	Uma versão social da disfunção narcotizante . . . . .	66
4.3	Teletelas e o Cinema . . . . .	70
<b>5</b>	<b>Jornalismo Estatal em 1984</b>	<b>81</b>
5.1	Ministério da Verdade . . . . .	82
5.2	A Verdade da Guerra . . . . .	93
<b>6</b>	<b>Cultura Cívica para a Classe Média</b>	<b>101</b>
6.1	Dísticos, Hinos e Tipos Físicos . . . . .	102
6.2	Reescrita da Poesia, dos Compêndios e da história . . . . .	113
6.3	Semiótica na Novilíngua, Uniformes e Tortura . . . . .	116
<b>7</b>	<b>Grande Irmão</b>	<b>121</b>
7.1	Idealização do Líder . . . . .	122
7.2	Nacionalismo Jacobino . . . . .	126
7.3	Poder pelo Poder . . . . .	127

---

<b>8</b>	<b>Considerações Finais</b>	<b>130</b>
<b>9</b>	<b>Referências Bibliográficas</b>	<b>132</b>
<b>10</b>	<b>Anexos</b>	<b>136</b>
10.1	Intertextualizações . . . . .	136
10.2	Conceitos Gerais . . . . .	138
10.3	Íntegra das Epígrafes . . . . .	140
10.3.1	Epígrafe do Capítulo 1: . . . . .	140
10.3.2	Epígrafe do Capítulo 2: . . . . .	141
10.3.3	Epígrafe do Capítulo 3: . . . . .	142
10.3.4	Epígrafe do Capítulo 4: . . . . .	143
10.3.5	Epígrafe do Capítulo 5: . . . . .	143
10.3.6	Epígrafe do Capítulo 6: . . . . .	145

Estudo acadêmico originalmente intitulado: *A estrutura da informação manipulada no romance “1984”, de George Orwell*, receptor da nota máxima por parte da banca examinadora convidada pelo Centro Universitário Barão de Mauá - Ribeirão Preto/SP [Brasil] (2005) e do troféu de melhor monografia de 2005 no âmbito do curso de Jornalismo do mesmo Centro Universitário.

Dedicado à profª. Ms. Audre Alberguine pelas demonstrações de empenho no que diz respeito à busca contínua de conquistas acadêmicas e pelo constante incentivo proporcionado por ela a seus alunos no sentido da ampliação do conhecimento e busca da erudição e da sabedoria.

Vaso Grego (Alberto de Oliveira)

Esta de áureos relevos, trabalhada De divas mãos, brilhante copa,  
um dia Já de aos deuses servir como cansada, Vinda do Olimpo,  
a um novo deus servia.

Era o poeta de Teos que a suspendia Então, e, ora repleta ora es-  
vazada, A taça amiga aos dedos seus tinha, Toda de roxas pé-  
talas colmada.

Depois... Mas o lavor da taça admira, Toca-a, e do ouvido aproxi-  
mando-a, às bordas Finas hás de lhe ouvir, canora e doce

Ignota voz, qual se da antiga lira Fosse a encantada música das  
cordas, Qual se essa voz de Anacreonte fosse

# Resumo

A presente monografia demonstra a forma como os meios de comunicação de massas são utilizados pela máquina estatal socialista fictícia descrita pelo romancista George Orwell em sua obra 1984, produzindo comunicação e ideologia para as diferentes classes sociais criadas por Orwell em seu romance, sendo o objetivo de tal criação e direcionamento de mensagens a manutenção do status quo através do fomento à tensão entre classes e idealização passiva da classe dominante. Para realizar este estudo o autor da monografia valeu-se de paradigmas clássicos do estruturalismo, mormente as teorias de Harold Lasswell e Paul Lazarsfeld, conhecidas como Agulha Hipodérmica e Two Step Flow, além de conceitos correlatos da área do funcionalismo na Comunicação Social.

# Capítulo 1

## Prefácio

“Sorria, você está sendo devastado”

A soma de informações que nos levam à reflexão diante não somente da linguagem que nos oferecem os personagens de tantas literaturas, em última análise, reproduz uma indagação. Não somente sobre a natureza humana, mas como as diversas formas de discurso agem sobre a fragilidade do homem, alteram sua visão crítica e percepção de mundo, sua auto-estima, suas escolhas.

E refletir significa o primeiro passo para captar o objetivo e as imagens inseridas nos discursos para entendê-los melhor, não para absorvê-los bovinamente, mas para nos defender da teia tecida à revelia da nossa vontade.

Certamente, o trabalho que os leitores verão a seguir, significa não somente a escolha de um tema qualquer para o obrigatório TCC - Trabalho de Conclusão de Curso de graduação. A grandeza está justamente na escolha do tema, tão cheio de armadilhas, mas que conduz a um exercício profundo de reflexão sobre o poder, o processo e as nuances da comunicação, aqui revelada em sua forma mais despótica e cruel, tendo como base a ficção de Orwell, que hoje temos dúvidas se era mesmo ficção ou previsão, embora com poucas semelhanças na forma, mas muitas no conteúdo.

Este trabalho reproduz ou simboliza os discursos capazes de destruir as relações democráticas, como tantos que a história nos revela.

Não somente a história de ontem, mas a imediata, essa que vamos assimilando subliminarmente nos diversos meios de comunicação, ancoradas pelos avanços tecnológicos - e aqui uma pausa para a reflexão sobre o termo avanço, pelos apelos de consumo, pela ditadura da estética, pela "numeração" do homem repleto de senhas, controlados por câmeras e de algo chamado sistema:



“- O sistema não aceita”. “- Posso falar com o sistema?” “- Não”.

Se Orwell pudesse nos ver hoje, ou melhor, se o Grande Irmão pudesse nos enviar uma mensagem, talvez se comovesse com nossa falta de identidade, ou não! Talvez nos mandasse uma mensagem: “Sorria, você está sendo devastado”. Conhecer a real motivação do autor é algo pretensioso, mas como leitora, este trabalho me faz lembrar que precisamos estar bem atentos aos discursos. Eles quase nunca são literais.

Matilde Leone<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup>Matilde Leone é jornalista, escritora, mestra em Comunicação Social e professora universitária.

## Capítulo 2

### Exórdio

Alguém que nos possua, alguém a quem seguir Alguém para culpar-nos, algum Apollo admirável Alguém para ludibriar-nos, alguém como você Queremos você Grande Irmão, Grande Irmão<sup>1</sup> (“Big Brother”, David Bowie)<sup>2</sup>

O objetivo deste trabalho é analisar o modo como a elite dirigente do regime totalitarista descrito na obra literária 1984, de George Orwell (1903 - 1950), produz informações de massas a fim de manter o status quo e manipular pensamentos e ações, nas diferentes classes sociais apresentadas no romance. Tendo como universo de estudo o panorama fictício estabelecido por Orwell, os meios massivos de informação e entretenimento popular (mantidos pela instituição governamental de nome “Ministério da Verdade”) serão submetidos à análise de conteúdo, visando decifrar as estratégias comunicacionais utilizadas pela oligarquia fictícia para manter sob seu jugo intelectual e cultural as camadas inferiores da estratificação social pré-estabelecida.

A metodologia utilizada para levantamento de informações, constatação de argumentos e embasamento teórico será a pesquisa bibliográfica. A corrente de estudo escolhida para o transcorrer da dissertação consiste na escola do estrutural-funcionalismo devido à possível aplicação de seus preceitos e paradigmas na análise do fluxo informativo quando analisada a mensagem como libelo de um emissor, para um receptor, gerando respostas que reali-

---

<sup>1</sup>Epígrafe traduzida pelo redator. Versão integral completa nos anexos.

<sup>2</sup>O cantor americano David Bowie baseou-se no romance "1984" para lançar seu álbum "Diamond Dogs", em 1974, em cujas letras faz referências às ideologias e personagens criadas por George Orwell na obra literária. A ideia inicial consistia na produção de um espetáculo musical; intento truncado pela viúva de Orwell, que não disponibilizou os direitos autorais do romance para tal adaptação artística; (FORLANI, 2004).

mentam o sistema. "Com o auxílio da linguística, da psicanálise, história, hermenêutica, etc., a análise de conteúdo desenvolve sua dimensão qualitativa [...] no universo metodológico, principalmente nas análises dos discursos falados e escritos", define Onésimo de Oliveira Cardoso (1998, p. 563). Desta forma, a utilização de obras fictícias cujas temáticas mostrem-se adstritas ou complementares às de 1984, assim como estudos científicos e obras teóricas de comunicólogos unir-se-ão para fortificar e alimentar esta comunicação, através de paralelos comparativos e exemplificações clássicas.

Aos interessados em estudos de Comunicação este escrutínio poderá servir como modelo da aplicação dos ditames padronizados pelo estrutural-funcionalismo para a interpretação dos diferentes elementos dos sistemas de informação, procurando romper a ótica pragmática e elucidar como o interesse dos emissores pode refletir-se psicologicamente nos receptores e estruturalmente na chamada "ordem social". Mas, além de abarcar interesses sociológicos, filosóficos e comunicacionais, o presente trabalho poderá interessar a cativos da literatura em geral, sendo tido, então, como análise de um tópico particular dentro de uma respeitada obra de ficção, o mais aclamado título de um dos mais influentes autores do século 20.

Tendo o primeiro destes sete capítulos destinado ao introito, o autor apresentará, anterior ao início da análise, as bases teóricas a serem aplicadas ao longo da mesma e conceitos primordiais para o melhor entendimento da obra 1984. É tomado, ademais, o segundo capítulo para o entendimento e apresentação do objeto de estudo. A partir de então, o esquadramento desdobrar-se-á em quatro capítulos, complementados por subcapítulos, antes das inferências finais. O uso das epígrafes no início de cada capítulo, tal como a inserção de gráficos (mapas, pirâmides sociais) necessários para a melhor intelecção do leitor, vêm agregar caracteres externos à dialética abordada e quiçá adicionar ilustrações a essa discussão - como pretende essencialmente o texto.

## **2.1 Bases Teóricas**

Adequam-se aos fitos deste estudo os paradigmas e teorias desenvolvidos pela escola comunicacional do funcionalismo (ou estrutural-funcionalismo), originária dos Estados Unidos da década de 1930. Tendo como objeto de estudo a mensagem na comunicação de massa, o pensamento funcionalista estabelece estruturas fixas para o estudo da comunicação, em cujos arcações enquadram-se "emissor, mensagem, meio, receptor" como agentes; e "efeito" como subproduto.

“A teoria funcionalista é herdeira direta do positivismo<sup>3</sup>”, define Roberto Elísio dos Santos (1992, p. 13). Entendendo-se que recebe a influência da referida corrente filosófica, pode-se compreender a adaptação de teorias organicistas (darwinismo social) - pedras basilares da ideologia positivista - para o âmbito comunicacional. Daí o título "funcionalismo" define-se como estudo da ação funcional de cada agente dentro de uma estrutura fixa. "Da mesma forma que um órgão (coração, rim, pulmão) mantém a vida no ser humano, o indivíduo ou a instituição (família, igreja, escola) mantém a ordem social vigente" (SANTOS, 1992, p. 14).

O cientista político Harold D. Lasswell (1902 - 1978) publicou em 1948 - coincidentemente ano de produção do romance que serve de universo para a presente análise - um paradigma no qual correlaciona os indivíduos atuantes no processo comunicacional. Cardoso (1998, p. 563) corrobora a importância dos princípios salientados neste teorema, “Lasswell, professor da faculdade de direito da Universidade de Yale, elaborou sua fórmula matemática de comunicação, que tem sido a mais amplamente aceita pelos estudiosos da área”. Surgiu o chamado Paradigma de Lasswell<sup>4</sup>, abaixo apresentado:

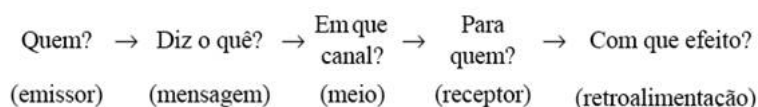


Figura 2.1

É com base na teoria supracitada que se desenrolam os estudos funcionalistas. Note-se como as funções bem definidas descrevem um sistema de fluxo irremissível, tal qual as partes de uma conjuntura biológica. Lasswell explica a aplicação de seu paradigma:

Aqueles que estudam o “quem” - o comunicador - se interessam pelos fatores que iniciam e guiam o ato comunicativo. Essa subdivisão do campo de pesquisa é chamada análise de controle. Os especialistas que focalizam o “diz o quê” ocupam-se da análise de conteúdo. Aqueles que se interessam principalmente pelo rádio, imprensa, cinema e outros canais de comunicação, fazem a

<sup>3</sup>Teoria sociológica criada no século 19, tendo como principal expoente Augusto Comte, cujos princípios básicos sublimam as Ciências Naturais e Exatas em detrimento das crenças subjetivas e religiosas, aproximando o meio social ao meio animal, ou totalmente racional, limando qualquer forma de misticismo ao taxá-la "negativa" para o desenvolvimento humano.

<sup>4</sup>Comumente encontra-se o termo original em inglês feedback como substituto para a definição de “retroalimentação”.

análise dos meios (media). Quando o principal problema diz respeito às pessoas atingidas pelos meios de comunicação, falamos na análise de audiência. Se for o caso do impacto sobre as audiências, o problema será de análise de efeito (LASSWELL, 1971, p. 105).

Desta forma o Paradigma de Lasswell servirá como ferramenta de circunspeção para o entendimento do fluxo de mensagem dos meios fictícios de mídia (informação jornalística e de entretenimento) neste trabalho. Nas grandes instituições criadas por George Orwell [Ministério da Verdade (jornalismo), Departamento de Ficção e Música (cultura)] será aplicada a “análise de controle”, uma vez que no sistema político totalitário do contexto da obra, encontra-se nos meios a presença do comunicador/censor.

A “análise de conteúdo” corresponderá à mensagem emitida. Enquanto a “análise dos meios” se incumbirá das táticas e formatações utilizadas pelas diferentes mídias fictícias nas distintas classes sociais por elas abarcadas. No público, a “análise de audiência” demonstrará como o elemento emissor planejara e adaptara as mensagens destinadas a cada receptor de acordo com suas necessidades, formatando-o conforme as informações recebidas. E a “análise de efeitos”, por fim, mostrará como no caso estudado o fluxo informativo agiu deliberadamente rumo à conquista da inelutável manutenção do status quo.

O sociólogo austríaco Paul Lazarsfeld, outro expoente do funcionalismo, valeu-se da estrutura de interpretação criada por Lasswell, desenvolvendo-a, ao atribuir-lhe contexto social capitalista. Registre-se, desde já, que o resultante “Paradigma de Lazarsfeld”, também conhecido por “Paradigma dos efeitos limitados”, não se aplica ao presente estudo, por destinar-se a entender, como salienta Santos (1992, p. 14), uma “sociedade de massas, capitalista, liberal, em que prevalecem as leis de mercado (oferta e procura)”. A população inconscientemente submissa ao poder totalitário que se apresenta em 1984, não poderia, pois, valer-se deste específico preceito de Lazarsfeld - o que não exclui total compatibilidade face aos cânones lasswellianos. O elemento que impossibilitaria o autoritarismo segundo Lazarsfeld, a opinião pública, é, como se verá no capítulo de descrição do objeto, inexistente na obra de Orwell. “Numa sociedade democrática, há uma pluralidade de fontes de informação, que ajudam a formar a opinião do público, que toma decisões e pode interferir nos processos pessoais”, Santos (1992, p. 14) descreve.

Outro conceito de Lazarsfeld, entretanto, concebido em 1955 em parceria com Elihu Katz, será aproveitado na análise adiante desenvolvida acerca da estrutura das informações manipuladas em 1984. A Teoria do Two Step Flow (duplo fluxo da comunicação) apresenta um novo elemento no processo, o

"líder de opinião", tendo como função difundir aos outros indivíduos, "menos informados", a doutrina desejada. Nas palavras do próprio Lazarsfeld :

O nazismo não atingiu seu breve período de hegemonia ao se apossar dos meios de comunicação de massa. Os *media*<sup>5</sup> tinham um papel auxiliar, suplementando o uso da violência organizada, a distribuição de prêmios pela conformidade e os centros organizados de doutrinação local. [...] Os organizadores da doutrinação chegaram à conclusão de que os meios de comunicação não agiam sozinhos; [...] a persuasão de massa incluía contatos diretos nas organizações locais como reforço do que os mass media transmitiam. [...] A propaganda não se torna eficaz pelo simples fato de sua exposição (LAZARSELD e MERTON, 2002, p. 129).

Marques de Melo (1998, p. 25) descreve os trabalhos de Lazarsfeld neste âmbito como "famosos estudos sobre os líderes de opinião, que [...] permitiram dimensionar a estrutura da transmissão em duas etapas - do comunicador ao líder de opinião e deste ao receptor". Também Lasswell confirma a doutrina do *Two Step Flow*, como lemos abaixo:

Em algumas sociedades, certos membros desempenham papéis especializados de vigilância sobre o meio. Agem como "sentinelas", ficando à parte do grupo, como observadores, manifestando-se sempre que ocorre alguma mudança alarmante nos arredores. Isto basta para pôr o grupo em movimento. Dentre as atividades dos "líderes" grupais especializados, consta o estímulo interno dos "seguidores", no sentido de se adaptarem, de forma ordenada, às circunstâncias anunciadas pelas sentinelas. [...] Os editores, jornalistas e editores vinculam-se à reação interna. Os educadores, na família e na escola, transmitem a herança social. [...] A maior parte das mensagens inerentes a qualquer Estado não envolve os canais centrais de comunicação. Ocorrem dentro das famílias, vizinhanças, lojas, grupos de campo e outros contextos locais

(MELLO, 1971, pp. 107 – 109).

Paralelo ao *Two Step Flow*, há no funcionalismo a Teoria da Agulha Hipodérmica<sup>6</sup>, criada por Lasswell, para, com pressupostos psicológicos do behaviorismo, interpretar a ação influenciadora dos *mass media* diretamente nos receptores, sem a ação de intermediários. A aplicação dos ditames da Agulha

<sup>5</sup> *Media*, *mass media*, e *medium* são nomenclaturas referentes aos meios de comunicação de massas.

<sup>6</sup> Também traduzida no Brasil como "Teoria da Bala Mágica".

Hipodérmica pode ser exemplificada no trabalho do estrutural-funcionalista Carl Hovland (1912 – 1961) descritos por Armand e Michele Mattelart:

Efetuada junto a soldados americanos nos fronts do Pacífico e da Europa, esses estudos tinham por meta medir a eficácia de certos filmes de propaganda [...] sobre o moral das tropas [...]. O resultado foi um verdadeiro catálogo de receitas para o uso do bom persuasor e da mensagem persuasiva eficaz, ou seja, capaz de alterar o funcionamento psicológico do indivíduo e levá-lo a realizar atos desejados pelo emissor das mensagens (MATTELART, 1999, p. 54).

A ilustração abaixo exemplifica concomitantemente as diferenças entre as duas formas de fenômenos comunicacionais descritas acima, a Teoria da Agulha Hipodérmica e a Teoria do *Two Step Flow*. Consideremos nas representações a seguir as esferas menores como sendo indivíduos isolados, e as esferas maiores (inexistentes na Teoria da Agulha Hipodérmica, figurando apenas no modelo que demonstra o *Two Step Flow*) como instituições sociais de abrangência ideológica sobre os cidadãos:

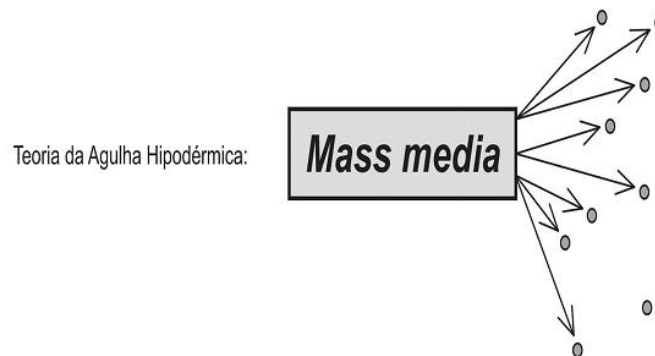


Figura 2.2

Permeando as funções dos agentes de comunicação que figuram no Paradigma de Lasswell podemos considerar um aspecto chamado “ruído em comunicação”, que seria um defeito, uma incapacidade natural ou imprevisto decorrente de qualquer aspecto passível de falha de quaisquer dos membros do arcabouço estabelecido por Lasswell.

Por exemplo, alguma falta de clareza no discurso do “emissor” poderia resultar numa comunicação menos efetiva ao final do processo de compreensão;



Figura 2.3

da mesma forma limitações do “canal” ou a capacidade cognitiva do “receptor” da mensagem interfeririam no produto final.

Embora teóricos funcionalistas não tenham desenvolvido teorias acerca do ruído em comunicação é inegável, atualmente, que os protagonistas do Paradigma de Lasswell sofrem graduações na capacidade comunicativa por diversos fatores inerentes aos meios utilizados e indivíduos envolvidos no processo<sup>7</sup>. O canadense Marshall Herbert McLuhan (1911 – 1980) em seus textos sobre comunicação de massa valia-se dos conceitos de “ruído em comunicação” para classificar os meios como “frios ou quentes”. Vejamos o seguinte trecho de seu livro *Os meios de comunicação como extensão do homem*:

Um meio quente é aquele que prolonga um único de nossos sentidos e em “alta definição”. Já uma caricatura ou um desenho animado são de “baixa definição”, pois fornecem pouca informação visual. O telefone é um meio frio, ou de baixa definição, porque ao ouvido é fornecida uma magra quantidade de informação. A fala é um meio frio de baixa definição, porque muito pouco é fornecido e muita coisa deve ser preenchida pelo ouvinte. [...] Um meio quente permite menos participação que um meio frio; uma conferência envolve menos que um seminário, e um livro menos que um diálogo.

Com a imprensa, muitas formas anteriores foram excluídas da vida e da arte, enquanto outras ganharam uma nova intensidade (McLUHAN, 1971, pp. 38 – 39).

Podemos identificar no trecho a classificação de McLuhan acerca dos meios

<sup>7</sup> W. Weaver trabalhou originalmente o conceito de isomorfismo das mensagens em sua *Teoria Matemática da Comunicação*, ressaltando o valor da redundância (saturação) na redução das deficiências de recepção.



“quentes” e “frios” de acordo com a quantidade de ruído de comunicação. A baixa definição (alta carga de “ruídos”), conforme a interpretação do comunicólogo, seria um aspecto positivo, pois permitiria maior interatividade do receptor ao completar as “falhas” nas imagens e sons com argumentos e visões próprias. É importante ressaltar que McLuhan não faz parte da escola estrutural-funcionalista, ele é citado aqui somente no intuito de confirmar e ilustrar o uso do conceito de “ruído” em teorias de comunicação. Não entraremos na polêmica sobre os méritos ou equívocos nas demais teorias de McLuhan neste espaço de apresentação das bases teóricas, não obstante, conceitos como o de “Aldeia Global” levantados pelo pensador surgirão como paridade e subsídio informativo nos capítulos centrais deste estudo.

Dando sequência à apresentação de teorias levantadas pelos pensadores do estrutural-funcionalismo podemos abordar o conceito de “disfunção narcotizante”. Cardoso teorizou:

A visão “denuncista” de diversos paradigmas de comunicação desenvolvida principalmente na década de 70 por correntes críticas de esquerda, foi, de certa maneira antecipada por Lazarsfeld e Merton em fins da década de 40, quando denunciavam a “disfunção narcotizante” dos meios massivos que levava os receptores a ignorarem seus problemas imediatos. Denunciavam, ainda, a influência dos meios sobre o público não só pelo que se diz, senão, mais significativamente, pelo que não se diz.

Afirmavam que os meios massivos, “apadrinhados por interesses comerciais”, cooperam para a sustentação do *status quo* e impedem uma perspectiva crítica da sociedade (CARDOSO, 1998, p. 565).

Com base na definição supracitada podemos entender o mecanismo de disfunção narcotizante como utilização dos meios de comunicação como elementos que suplantem a realidade social afastando o público das experiências táteis e empíricas, alimentado-o de informações e imagens virtuais aprioristicamente satisfatórias. Confirmam e complementam esta cognição as definições de Lazarsfeld e Merton:

A ela podemos chamar a disfunção narcotizante [...] denominada disfuncional em vez de funcional, supondo-se que não seja do interesse da complexa sociedade moderna ter uma grande parcela da população politicamente apática e inerte. [...] O cidadão interessado e informado pode contentar-se com seu elevado grau de

interesse e informação e negar-se a ver que se absteve de decisão e ação. Em suma, ele toma seu contato secundário com o mundo da realidade política [...] como uma ação indireta (MERTON e LAZARSFELD, 2002, p. 119).

O publicitário americano Jerry Mander, em sua obra *Quatro argumentos para acabar com a televisão*, aborda em sua análise sobre os efeitos da comunicação televisiva aspectos segundo ele prejudiciais à coletividade.

Dentre eles, Mander destaca características bem próximas à disfunção narcotizante:

Os cientistas, peritos de tecnologia, psicólogos, industriais, economistas e os media, que interpretam e divulgam as respectivas descobertas e opiniões, tornaram-se nossa fonte. Actualmente são eles que nos dizem o que é a natureza, o que somos, como nos relacionamos com o cosmos, de que necessitamos para sobrevivermos e sermos felizes, e quais as formas adequadas para organizarmos a nossa existência. [...] Não é pois surpreendente que comecemos a duvidar da evidência da nossa própria experiência e não consigamos observar o que é óbvio aos nossos próprios olhos. A nossa experiência não tem valor antes de confirmada pela ciência (MANDER, 1999, p. 85).

Noutro ponto de sua mesma obra, Mander correlaciona em uma lista de ações as “normas autocráticas”, segundo ele, numa analogia sobre o poder da televisão sobre o povo e a ditadura. Figura, como primeiro item desta lista, a seguinte descrição:

Eliminar o conhecimento pessoal: Tornar difícil às pessoas reconhecerem-se a si mesmas, perceberem como agem, o que é um ser humano, ou de que modo este se integra em sistemas mais vastos, naturais. As pessoas não serão assim capazes de distinguir o natural do artificial, o real da ficção (MANDER, 1999, p. 122).

Apresentados, portanto, tais conceitos e paradigmas da escola de pensamento que alimentará com bases teóricas a ambição deste trabalho, partamos para elucidar sobre a escolha de tal corrente de pensamento e sobre as fontes de pesquisa bibliográfica.

Além de fornecer o *Paradigma de Lasswell*, o estrutural-funcionalismo mostra-se propício por detalhar matematicamente a mensagem na comunicação de massa, possibilitando o estudo das diferentes etapas do processo.

Uma vez que permite a utilização de diversas ciências para a compreensão de seus *agentes*, permite vasta pesquisa bibliográfica e possibilidade de analogias e conflito de ideias. Desta forma, a pesquisa bibliográfica não se resume a textos acadêmicos e estritamente ligados à Comunicação, mas também abrange obras de ficção que forneçam subsídios que fortaleçam as paridades e aprofundem as temáticas.

É válido salientar-se que o método científico que embasara o funcionalismo em sua origem, nos Estados Unidos da década de 1930, é o positivismo. Coincidentemente, permeia as ideologias praticadas pelos personagens fictícios de *1984* a mesma linha de pensamento. Santos (1992, p. 13) explica tal vertente filosófica e comportamental como sendo a “teoria sociológica criada por Augusto Comte no século XIX, que buscava a compreensão dos fenômenos sociais com o mesmo rigor físico e científico empregado nas ciências físicas e naturais, e excluía explicações metafísicas e teológicas”. No contexto do romance de Orwell encontraremos não o positivismo científico aplicado às teorias de Lasswell, mas o positivismo social, excluindo do meio social misticismos, religiões, aproximando o homem e sua comunidade de sua base biológica.

O positivismo e sua relação de proximidade com o militarismo (seja em colégios militares ou governos oligárquicos, como em *1984*) pode ser entendido como uma ideologia da ordem, da resignação e da participação. Fazendo parte de um sistema; assumindo sua função sem questionar através de julgamentos de valor se ocupa uma função “inferior”, o indivíduo socializado faria parte do todo e deveria sentir-se feliz por completar o sistema e permitir seu funcionamento sadio. Michael Lony assinala tais aspectos do positivismo comtiano<sup>8</sup>:

A sociedade pode ser epistemologicamente assimilada à natureza (o que nós chamaremos de ‘naturalismo positivista’); na vida social reina uma harmonia natural. A sociedade é regida por leis naturais, quer dizer, leis invariáveis, independentes da vontade e da ação humana (LONY, 1989, p. 10).

Atestamos assim a curiosa adequação entre uma metodologia de bases positivistas a aplicar-se sobre um microcosmo fictício ditado por regras positivistas, como as que imprimiram na bandeira brasileira, durante o regime militar, o dístico “Ordem e Progresso”<sup>9</sup>. Santos (1992, p. 14) exemplifica a forma

<sup>8</sup> O termo comtiano refere-se a Augusto Comte (ou Auguste Comte), precursor do positivismo.

<sup>9</sup> Segundo o positivismo, o progresso ocorre a partir da ordem que existiria quando todas as

como o positivismo age dentro do estrutural-funcionalismo: “O funcionalismo estabelece uma analogia entre o corpo social e o biológico, através da ideia de que cada parte ajuda a preservar o todo”. Temos assim o mesmo preceito dos estudos sociais positivistas. Transcrevendo as palavras Lony acerca do positivismo de Durkheim – sucessor de Augusto Comte – aplicado à filosofia e sociologia, notaremos a ligação adstrita entre manutenção do *status quo* social e positivismo:

Durkheim vai aplicar diversas vezes modelos de analogia naturalista para “explicar” os fenômenos sociais, modelos cujo papel ideológico é sempre conservador. Por exemplo, segundo Durkheim, a sociedade é, como o animal, “um sistema de órgãos diferentes onde cada um tem um papel especial”. Alguns órgãos sociais têm “uma situação particular e, se quisermos, privilegiada”; essa situação é totalmente natural, funcional inevitável: “ela é devida à natureza do papel que preenche e não a alguma causa estranha a essas funções”. Esse privilégio é pois um fenômeno absolutamente normal que encontramos em todo organismo vivo: “é assim que, no animal, a preeminência do sistema nervoso sobre os outros sistemas se reduz ao direito, se pudermos falar assim, de receber um alimento mais escolhido e de apanhar sua parte antes dos outros”. Em outros escritos de Durkheim, observamos uma fusão entre a analogia “organicista” e o modelo social-darwinista da “sobrevivência dos mais aptos” na “luta pela vida” (LONY, 1989, pp. 11 – 12).

Este caráter “conservador” destacado por Lony em sua interpretação é comumente transmutado ao estudo do funcionalismo, uma vez que este também se embasa em conceitos positivistas. Não seria possível introduzirem-se estas bases teóricas sem abordar a polémica que as cercam no meio acadêmico, de exposição quiçá importante para o entendimento efetivo desta comunicação. Nas palavras de Cardoso:

Os avanços epistemológicos de Lazarsfeld, Merton, Lasswell e outros não absolvem o funcionalismo de sua “armadilha” metodológica no sentido de excluir sistematicamente os elementos de mutação, conflito, pólos contrários e superação de sistemas. [...] O

---

classes sociais assumissem e aceitassem sua condição como natural; já o marxismo defende a disputa de classes como fator de evolução social.

funcionalismo, no contexto dos EUA procura, na sua cientificidade, a legitimidade do sistema social capitalista industrializado, tendo em vista sua perpetuação e funcionalidade. [...] Ao mesmo tempo que procura reforçar o propósito do comunicador no sentido de afetar, com certa intencionalidade persuasiva o comportamento do receptor, o funcionalismo entende que os meios de comunicação de massa não constituem um sistema próprio, mas sim o reflexo funcional e disfuncional de um sistema macrosocial (CARDOSO, 1998, p. 566).

Não obstante, Cardoso (1998, p. 564 – 565) destaca que “a maioria dos críticos do funcionalismo desconhece ou olvida por oportunismo, os aspectos críticos desenvolvidos por teóricos funcionalistas do porte de Lazarsfeld e Lasswell”. Cardoso complementa esta análise:

Existe por parte da intelectualidade, principalmente aquela identificada como de “esquerda”, um preconceito muito grande em relação ao funcionalismo. Tenta-se, como se fosse possível, vê-lo de uma maneira monolítica como recurso epistemológico que visão tão somente a manutenção do *status quo* de miséria e subdesenvolvimento no contexto latino americano. [...] Não é mais possível cultivar a miopia e insensatez de certos “estudiosos” da comunicação que vêem os teóricos funcionalistas como intelectuais e especialistas academicamente desqualificados, que têm por único objetivo expandir o domínio dos EUA nos países subdesenvolvidos. [...] Não é difícil criticar o funcionalismo, principalmente se o conhecemos somente através de seus críticos, difícil é entendê-lo e interpretá-lo (CARDOSO, 1998, pp. 561 – 563).

Umberto Eco, teórico de comunicação italiano, em seu livro *Apocalípticos e Integrados* lança a nomenclatura “integrados” para definir os funcionalistas, criticando-os como parte integrante do meio, absorvidos pelo sistema dominante “por sua passividade diante das questões relativas à cultura de massas” (ECO, 2000). A nomenclatura “integrados” popularizou-se no âmbito dos estudos de teoria da Comunicação, tal qual “apocalípticos” que define como extremamente pessimistas os estudiosos da escola de Frankfurt devido a seu “pessimismo perante a sociedade de massa por negar a cultura de massa sem realmente analisá-la” (ECO, 2000).

Lancemo-nos, pois, às análises de controle, conteúdo, meios, audiência e efeitos. Deixemos nesta tentativa que o arcabouço idealizado por Lasswell

interprete o microcosmo social e comunicacional criado por George Orwell, visando com alguma ambição colaborar com a discussão, ao expor mais este exemplo, se afinal, até que ponto o funcionalismo pode ser tomado como uma forma “ingênua” de interpretação dos fluxos de mensagem.

Como estudo científico, a circunspeção sobre *1984* dispõe-se a ser mais uma pequena célula na construção do tecido do pensamento e realidade académicos e sociais,

abrindo margem para alguma reflexão sobre sociedade, liberdade, poder e comunicação (cultural ou jornalística).

O convite para leitura deste documento é acompanhado da instigante e também pitoresca declaração do antropólogo francês Claude Lévi-Strauss, expoente da psicologia estrutural-funcionalista europeia, concedida em entrevista ao jornal *Folha de S. Paulo*, a 22 de outubro de 1989, acerca do valor epistemológico de estudos científicos:

Na história da humanidade aconteceu um fenómeno importante, capital, que é o nascimento do pensamento científico e seu desenvolvimento. Esse fato é um valor intrínseco, em si mesmo, que realmente coloco fora do relativismo cultural. Agora, se você olha as coisas um pouco mais do alto, dirá que esse pensamento científico que respeitamos e que nos apaixona em seus progressos passo a passo, que se efetua no decorrer dos séculos, anos ou dias, é na realidade profundamente vão. Já que o que nos ensina é, ao mesmo tempo, a melhor compreender as coisas em seus detalhes e que não podemos jamais compreender na totalidade, no conjunto. O pensamento científico, ao mesmo tempo que alimenta nossa reflexão e aumenta nossos conhecimentos, mostra a insignificância última desse conhecimento. Depende do seu ponto de vista e do nível, que é o nosso, o do homem do século XX, do mundo ocidental; o pensamento científico é algo essencial fundamental, e devemos utilizá-lo. Porém, se nos tornamos metafísicos, diremos que de fato ele é essencial, mas ao mesmo tempo é preciso saber que não serve para nada.

## 2.2 Novilíngua

Para compreensão do romance *1984*, e subsequente entendimento da interpretação proposta por este estudo, é essencial introduzir a estrutura e os preceitos do idioma criado pelo autor George Orwell para sua trama de personagens. O

continente fictício de nome Oceania – a ordem mundial fictícia será explicada e representada no capítulo seguinte – traz como língua oficial no ano de 1984 a *Novilíngua*<sup>10</sup>, criada para atender as necessidades do sistema político vigente, o Socialismo Inglês (*Ingsoc*, em *Novilíngua*). O novo idioma é baseado na antiga língua inglesa, chamada de *Anticlíngua*, uma vez que a história dos protagonistas se passa na Inglaterra, mais especificamente em Londres.

A 29ª edição de *1984* no Brasil, lançada pela Companhia Editora Nacional no ano de 2003, traz ao final do romance um apêndice descrevendo os princípios da *Novilíngua*:

No ano de 1984 ainda não havia ninguém que utilizasse exclusivamente a *Novilíngua* como meio de comunicação, escrita ou falada. Os editoriais do *Times* eram escritos em *Novilíngua*, mas isso exigia um esforço sobre-humano que somente um especialista seria capaz de empreender. Esperava-se que a *Novilíngua* tivesse substituído definitivamente a *Anticlíngua* (ou inglês comum, como deveríamos chamá-la) por volta de 2050. Entretanto, ela ia ganhando terreno de maneira segura e todos os membros do Partido tendiam, cada vez mais, a usar palavras e construções gramaticais da *Novilíngua* em sua linguagem coloquial (ORWELL, 2003, p. 287).

Editada constantemente por intelectuais pertencentes ao partido dominante o objetivo da *Novilíngua* era, reduzindo seu número de vocábulos a cada ano, tornar-se uma língua extremamente objetiva, ortodoxa, que não permitiria, pela ausência de vocábulos, o logro de determinados pensamentos, visando a longo prazo à obediência e ao amor cegos pela autoridade, não pela concordância, mas pelo condicionamento mental, pela incapacidade cognitiva de questionamento:

Isso era obtido em parte pela invenção de novas palavras, mas principalmente pela eliminação de palavras indesejáveis e pelo esvaziamento, das palavras restantes, de qualquer significado heterodoxo e, tanto quanto possível, de todos os significados secundários, quaisquer que fossem eles. Por exemplo: a palavra *livre* ainda existia na *Novilíngua*, mas só poderia ser utilizada

---

<sup>10</sup> Todas as palavras em *Novilíngua* redigidas ao longo deste estudo serão grafadas em itálico, inclusive o nome do próprio idioma, salvo nas citações *ipsis literis* (reprodução de trechos do texto de Orwell).

em sentenças como “este cachorro está livre de pulgas”, ou “este jardim está livre de ervas daninhas”. Não podia ser utilizada em seu antigo sentido de “politicamente livre” ou “intelectualmente livre”, uma vez que a liberdade política ou intelectual já não mais existiam como conceitos e, portanto, não tinham necessidade de ser nomeadas (ORWELL, 2003, p. 288).

Neste novo idioma os vocábulos podem ser divididos em três classes, analisadas no apêndice da referida edição do romance como Vocabulários A, B e C. A primeira distinção, Vocabulário A, traz palavras de uso cotidiano como “*comer, beber, trabalhar, vestir-se, subir e descer escadas, dirigir veículos, cuidar do jardim, cozinhar*” (ORWELL, 2003, p. 289). A diferença deste vocabulário de uso diário entre o idioma modificado e a *Anticlíngua* está no extremamente reduzido número de vocábulos, tendo por sua vez os significados definidos com maior rigor:

Todas as ambigüidades e significados implícitos haviam sido eliminados. [...] Teria sido quase impossível utilizar o Vocabulário A para fins literários ou para discussões políticas ou filosóficas. Seu objetivo era somente expressar pensamentos simples e objetivos, geralmente envolvendo objetos concretos ou ações físicas (ORWELL, 2003, p. 289).

Gramaticalmente, por sua vez, a *Novilíngua* reestruturara as funções das palavras nas construções, permitindo que qualquer termo do léxico seja utilizado como verbo, substantivo, advérbio ou adjetivo, tendo como fito, invariavelmente, a redução da quantidade de termos necessários. “Não existia, por exemplo, uma palavra como *cortar*, uma vez que seu significado já estava incluído no substantivo-verbo *faca*”, (ORWELL, 2003, p. 289). Ademais, adjetivos formavam-se através da inclusão do sufixo *completo* a qualquer palavra, enquanto construir-se-ia um advérbio ao optar-se pelo sufixo *modo*. “*Rapidocompleto* significava ‘rápido’, e *rapidomodo* significava ‘rapidamente’. [...] Nenhum dos advérbios existentes foram mantidos; a palavra *bem*, por exemplo, foi substituída por *bommodo*”, (ORWELL, 2003, p. 290).

Já a inclusão de prefixos como *in*, *im*, *plus* e *dupli*, ceifou da *Novilíngua* os antônimos e superlativos expressos por palavras difusas. Desta maneira, agregava-se

aos vocábulos valor de radical, que aderido de prefixos ou sufixos produziam variações semióticas<sup>11</sup> menos desvinculadas do termo do qual derivava. Particularidade

<sup>11</sup> “A semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis,



que somada à redução lexical e mudanças nas conjugações e aplicações das formas do plural visariam uma eufonia intencional, mais adiante justificada.

O trecho abaixo exposto ilustra a ideologia da *Novilíngua* nas palavras do personagem Syme, intelectual do Partido, integrante da equipe de criadores do novo idioma, particularmente muito apaixonado pelas intenções do mesmo sobre o processo cognitivo da população. Em explicativo diálogo com o protagonista Winston Smith, Syme discorre com vigor acerca dos fitos da “nova língua” – somente assuntos estritamente ligados e favoráveis ao Partido permitiriam alguma paixão no tom da fala, qualquer outra empolgação poderia denunciar o cidadão por algum crime de pensamento.

\_ Não vêes que todo o objetivo da Novilíngua é estreitar a gama do pensamento? No fim, tornaremos a crimidéia literalmente impossível, porque não haverá palavras para expressá-la. Todos os conceitos necessários serão expressos exatamente por *uma* palavra, de sentido rigidamente definido, e cada significado subsidiário eliminado, esquecido. [...] A Revolução se completará quando a língua for perfeita. Novilíngua é Ingsoc, e Ingsoc é Novilíngua. [...] Nunca te ocorreu, Winston, que por volta do ano 2050, o mais tardar, não viverá um único ser humano capaz de compreender esta nossa conversa? (ORWELL, 2003, p. 54).

O grupo de palavras abarcado pelo Vocabulário B traz grande carga ideológica e tem significado ligado à política. São em geral palavras duplas, formadas pela junção de duas outras, com o intento de criar siglas e suavizar os termos, ao afastar o significado real do resultado obtido, e levar as pessoas à aceitação mecânica do significado semântico, sem o substrato de qualquer questionamento.

Como já vimos no caso da palavra *livre*, as palavras que um dia tiveram um significado herético às vezes eram preservadas por conveniência, embora desprovidas dos significados indesejáveis. Inúmeras palavras como *honra, justiça, moralidade, internacionalismo, democracia, ciência e religião* simplesmente tinham deixado de existir. Algumas palavras genéricas as englobaram, abolindo-as. Todas as palavras agrupadas sob os conceitos de liberdade e igualdade, por exemplo, estavam contida numa

---

ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno de produção de significação e de sentido” (SANTAELA, 1983, p. 13). Ver outras definições para “semiótica” nos anexos.

única palavra: *crimepensar*, ao passo que todos os vocábulos contidos reunidos sob os conceitos de objetividade e racionalismo estavam englobados em um único vocábulo: *anticpensar* (ORWELL, 2003, p. 294).

O cidadão doutrinado pelos princípios do *Ingsoc*, assim, não precisava saber o que era o incorreto. Guiava-se apenas pelo que assimilara ao longo de sua criação por correto, e afastava da mente as *crimideias*, praticava o *bomsexo* em detrimento do *crimesexo*. “Nenhuma palavra do Vocabulário B era ideologicamente neutra. A maioria era composta de eufemismos”, (ORWELL, 2003, p. 295). A lista abaixo exemplifica alguns dos termos em *Novilíngua* pertencentes do Vocabulário B<sup>12</sup>:

- Alegriacampo* – campo de trabalhos forçados.
- Almasentir* – amar com idolatria e empolgação as ideias dos líderes governistas.
- Anticpensar* – incapacidade de *crimideter* e *almasentir*.
- Bempensar* – ortodoxia.
- Bomsexo* – sexo sem prazer com único intuito de reprodução.
- Crimideia* – pensamento indevido, questionamento.
- Crimedeter* – capacidade de evitar *crimideias*.
- Crimepensar* – heterodoxia.
- Crimesexo* – imoralidades sexuais.
- Duplipensar* – capacidade de utilizar a *Novilíngua* e acreditar irremissivelmente em seus cânones.
- Facecrime* – feição imprópria capaz de denunciar alguém à Polícia do Pensamento.
- Falascreve* – microfone utilizado pelos membros do Departamento de Registro para adulterar, verbalmente, o conteúdo dos jornais arquivados pelo Ministério da Verdade.
- Ficdep* – Departamento de Ficção.
- GI* – Grande Irmão.
- Impessoa* – desaparecidos políticos, que de acordo com o *duplicpensar*, depois de “vaporizados”, nunca haviam de fato existido.
- Ingsoc* – Socialismo Inglês.
- Insemart* – Inseminação Artificial.

<sup>12</sup> As palavras contidas nesta lista foram retiradas do romance “1984” e organizadas pelo autor deste trabalho, assim como seus significados retirados do contexto em que são utilizados e ocasionalmente explicados tais vocábulos.

*Malnotícia* – notícia do passado a ser reescrita, por não condizer com os interesses do Partido.

*Miniamor* – Ministério do Amor, responsável pelas torturas.

*Minifarto* – Ministério da Fartura, responsável pela miserável distribuição de víveres.

*Minipaz* – Ministério da Paz, responsável pelas guerras.

*Miniver* – Ministério da Verdade, responsável pelas mentiras divulgadas pela mídia.

*Negrobranco* – cor que seria ao mesmo tempo branca e negra; aplicada à prática do *duplipensar* o *negrobranco* soaria como uma contradição quando na boca do inimigo, e uma forma de amor e confiança cega quando pronunciada por um membro do Partido.

*Patofalar* – falar incessantemente, de forma patética ou heroica, conforme autor do discurso (como *negrobranco*, *patofalar* é depreciativo quando aplicado a inimigos, e admirável quando aplicado ao Partido).

*Pensapol* – polícia do pensamento.

*Prolealimento* – produção de cultura barata e notícias falsas para a classe mais baixa.

*Regdep* – Departamento de registro do Ministério da Verdade.

*Teledep* – Departamento de programação televisual.

Podemos transcrever do apêndice de princípios da *Novilíngua* a justificativa para formação de termos desta segunda classe de vocabulário:

Nas primeiras décadas do século vinte, as palavras e frases abreviadas haviam sido uma das características típicas da linguagem política, e tornara-se mais perceptível a tendência a usar abreviaturas desse tipo em países e organizações totalitários. [...] Foi observado que ao abreviar um substantivo o significado dele era reduzido e sutilmente alterado, eliminando a maioria das associações que de outra maneira seriam relacionadas a ele. As palavras *Internacional Comunista*, por exemplo, evocam uma imagem composta de fraternidade humana, bandeiras vermelhas, barricadas, Karl Marx e a Comuna de Paris. A palavra *Comintern*, por outro lado, [...] pode ser pronunciada quase sem pensar, ao passo que *Internacional Comunista* é uma expressão que nos leva a refletir pelo menos por um momento (ORWELL, 2003, pp. 295 – 296).

Essas palavras do Vocabulário B, majoritariamente dissílabas ou trissílabas, não sem intenção apresentavam-se desta forma.

O uso dessas palavras encorajava um estilo de conversação semelhante a um balbúcio, ao mesmo tempo destacado e monótono; e esse era exatamente o objetivo. A intenção era criar uma linguagem que discorresse principalmente sobre assuntos que não fossem neutros do ponto de vista ideológico, tão independentemente quanto possível da consciência. No que se refere a assuntos do cotidiano, era sem dúvida necessário, pelo menos algumas vezes, refletir antes de falar, mas um membro do Partido, convocado a dar um parecer político ou ético, deveria ser capaz de emitir opiniões corretas tão rapidamente quanto uma metralhadora dispara balas (ORWELL, 2003, p. 297).

O chamado Vocabulário C, por seu turno, traz os termos técnicos e científicos semelhantes ao da *Anticlíngua*, mas, reduzidos ao máximo em número e modificados para evitar qualquer sorte de duplo sentido indesejável. “Não havia, na verdade, palavra para designar ‘ciência’; todos os seus significados já tinham sido suficientemente incluídos na palavra *Ingsoc*”, (ORWELL, 2003, p. 298).

Podemos entender a *Novilíngua*, portanto, como o instrumento adequado de comunicação para o atrofiamento da capacidade intelectual, a partir do momento em que a alimentação de estímulos é reduzida e, simultaneamente, estimula-se o laconismo e a objetividade extrema.

Outras nuances e formas de aplicação do referido idioma apresentar-se-ão ao longo do processo dissertativo, tendo-se registrado até aqui apenas o considerado imprescindível a respeito do tema.

Na *Novilíngua* era quase impossível expressar opiniões heterodoxas, exceto de modo superficial. Logicamente, era possível proferir heresias de caráter muito contundente, espécies de blasfêmia. Seria possível, por exemplo, dizer “o Grande Irmão é *im-bom*”. Mas essa afirmação, que para um ouvido ortodoxo soava simplesmente como um evidente absurdo, não poderia ser sustentada por uma argumentação justificada, pois não havia as palavras necessárias. [...] “Todos os homens são iguais” era uma sentença possível na *Novilíngua*, mas somente no mesmo sentido em que “todos os homens são ruivos” é uma sentença possível na *Anticlíngua*. Ela não contém nenhum erro gramatical, mas é expressa como uma verdade impalpável, isto é, que todos os homens têm a mesma altura, peso ou força (ORWELL, 2003, pp. 298 – 299).

## Capítulo 3

# Descrição do Objeto

Eles partirão seu belo crânio, e o preencherão com ar  
Dirão que você tem 80 anos, você não se importará  
Você atirará em qualquer coisa, o amanhã não existe  
Tenha cuidado com a mandíbula selvagem de 1984<sup>1</sup>  
(“1984”, David Bowie)

George Orwell, pseudônimo do britânico Eric Arthur Blair, escreveu em 1948 e publicou no ano seguinte o romance *1984*, como num trocadilho entre o ano de produção e um futuro que naquele tempo poderia ser tomado como distante. A história apresenta, a partir do cotidiano e da ação psicológica do protagonista Winston Smith, um universo social dominado por regimes de governo totalitaristas, em todos os três *megablocos* da então nova divisão mundial. A supressão das liberdades individuais atingem o ponto em que o cidadão é apenas uma engrenagem submissa de um sistema que ao final justifica-se por si só. Não que a população tenha consciência disso – nem poderia. O jugo silencioso sob o qual são mantidos procura sustentar-se, através de mecanismos psicológicos constantes, sobre falsas imagens, notícias e louvores, na tentativa de inculcar no cidadão médio a certeza de que ele é livre dentro de sua escravidão.

O Socialismo Inglês, plantado em Londres, representaria a crítica de Orwell ao Stalinismo corrente na União Soviética daqueles fins de anos 40 – como fizera o autor três anos antes, em 1945, em sua obra *A Revolução dos Bichos* – e quiçá um vaticínio para o futuro, caso o chamado socialismo real tomasse o mundo. “Os nazistas alemães e os comunistas russos muito se

---

<sup>1</sup> Epígrafe traduzida pelo autor; versão original completa nos anexos.

aproximaram de nós nos métodos, mas nunca tiveram a coragem de reconhecer os próprios motivos”, (ORWELL, 2003, p. 251), teoriza em determinado ponto da narrativa o personagem de nome O’Brien, membro do Partido Interno. A Londres do futuro criado por Orwell mostra-se decadente e suja, como tudo o que é disponibilizado à população – péssimas condições de moradia, alimentação deficiente, horas de trabalho escorchantes. Já nas primeiras linhas da rapsódia somos apresentados ao ambiente e parte de suas condições físicas; como grande parte de tudo o que é estatal se chama Vitória – cigarros Vitória, café Vitória –, Winston habita o edifício de nome “Mansão Vitória”.

Era um dia frio e ensolarado de abril, e os relógios batiam treze horas. Winston Smith, o queixo fincado no peito numa tentativa de fugir ao vento impiedoso, esgueirou-se rápido pelas portas de vidro da Mansão Vitória; não porém com rapidez suficiente para evitar que o acompanhasse uma onda de pó áspero.

O saguão cheirava a repolho cozido e a capacho de trapos. Na parede do fundo fora pregado um cartaz colorido, grande demais para exibição interna. Representava apenas uma cara enorme, de mais de um metro de largura: o rosto de um homem de uns quarenta e cinco anos, com espesso bigode preto e traços rústicos mas atraentes. Winston encaminhou-se para a escada. Inútil experimentar o elevador. Raramente funcionava, mesmo no tempo das vacas gordas, e agora a eletricidade era desligada durante o dia (ORWELL, 2003, p. 05).

A obra *1984* apresenta-nos um universo onde a privacidade em suas diversas formas de constituição foi suplantada. “O Grande Irmão Zela por Ti”, (ORWELL, 2003, p. 05), dizem as legendas sob a imagem do ditador em embalagens de alimentos, cartazes reproduzidos em todos os pontos, nas *teletelas* dentro de cada habitação. Este último termo refere-se às telas presentes no interior das salas de trabalho, apartamentos, ruas, praças e outras formas de lugares públicos. A função das *teletelas*, que não se permitem desligar, é a de emitir propaganda política pró-Partido e pró-Grande Irmão, através de programas criados especialmente para confirmar e louvar a grandeza das instituições (líder e governo). Além de enviar mensagens, a *teletela* traz a particularidade de receber imagens e sons, controlando assim os ambientes domésticos, urbanos e de trabalho. Admoestando cada cidadão.

O trecho a seguir contém um diálogo entre os personagens Winston Smith e Júlia. Contrariando as regras do Partido que proíbem toda forma de aproximação entre homem e mulher em busca de prazer sexual (*crimesexo*), Winston

e Júlia mantêm um relacionamento às escondidas. O que é dificultado pela vigilância constante das formas

de domínio da vida pessoal. O discurso direto têm início com uma fala de Winston, em seguida respondida por Júlia, que recebe réplica; consecutivamente:

- A que horas saís do serviço?
- Dezoito e trinta.
- Onde podemos nos encontrar?
- Praça da Vitória, perto do monumento.
- É cheio de teletelas.
- Não importa, se houver povo.
- Algum sinal?
- Não. Não te aproximes se eu não estiver no meio da multidão. Não me olhes. Apenas chega perto.
- A que horas?
- Às dezenove.
- Muito bem.

[...] Não tornaram a falar e, até onde é possível a duas pessoas sentadas à mesma mesa, uma diante da outra, não se olharam. A moça terminou o almoço rapidamente e se foi, enquanto Winston fumava um Cigarro Vitória (ORWELL, 2003, p. 110).

O Cigarro Vitória acima referido é um dos itens de consumo distribuídos pelo Partido, em seu sistema socialista, para os cidadãos. A “ração” de suprimentos básicos como açúcar, lâminas de barbear, sabão, café, cigarros, gim, chocolate, alimentos, roupas e calçados caracteriza-se pela quantidade miserável destes víveres, como pela baixa qualidade. Num contexto de época que permite interpretar tal quadro político como uma crítica ao socialismo real de Stálin na União Soviética do fim dos anos 40, a qualidade e a quantidade dos produtos de consumo diferenciam-se de acordo com as classes sociais, de sorte que dentre as três classes da estratificação social (adiante descrita, no item 2.2 deste mesmo capítulo) há gradual discrepância no conforto e qualidade de vida.

Num dos encontros secretos entre Júlia e Winston, nos bairros mais ermos e pobres da cidade, parcialmente livres de *teletelas* e microfones escondidos, a moça exhibe os itens de alta qualidade aos quais teve acesso de maneira heterodoxa.

O primeiro embrulho que entregou a Winston, lhe pareceu, ao tato, ter uma consistência estranha e no entanto vagamente fa-

miliar. Estava cheio de uma substância pesada, pulverulenta, que cedia onde se apertasse o papel.

– É açúcar?

– Açúcar de verdade. Nada de sacarina. E aqui temos um pão... um pão branco, decente, não aquela broa insossa, e uma latinha de geléia. Uma lata de leite... e olha! Disto eu me orgulho. Tive de enrolá-lo numa estopa, porque...

Mas não era preciso explicar por quê o enrolara. O aroma já enchia o quarto, um aroma rico e convidativo, que lhe parecia uma emanção de meninice, mas que de vez em quando ainda sentia, propagando-se por um corredor antes de uma porta bater, ou espalhando-se misteriosamente numa rua cheia de gente; um cheiro percebido uns segundos e depois perdido de novo.

– É café. – murmurou Winston. – Café de verdade.

[...] – É tudo para o Partido Interno. Não há nada que aqueles suínos não tenham. Nada. Mas naturalmente os garçons e os empregados afanam coisas e... olha, trouxe também um pacotinho de chá (ORWELL, 2003, pp. 136 – 137).

Neste universo socialista o personagem Winston vê-se tomado por um estímulo e uma dúvida. O primeiro, leva-o à arriscada atitude de comprar um caderno – objeto antigo, quase inexistente e muito comprometedor – em uma loja de antiguidades. Já a dúvida, consiste num distante e calado incômodo; questiona-se até que ponto o mundo pós-revolução é realmente próspero e melhor que o mundo capitalista do passado. Como tudo o que se foi apaga-se a cada dia nas mentes padronizadas e controladas da população, e o passado se reescreve nos departamentos de censura de jornais e livros, Winston tem, ao comprar seu caderno, a esperança de escrever um pequeno pedaço de verdade em meio ao contexto de contradições do *Ingsoc*. Num ponto de seu apartamento livre da *teletela*, arrosta a folha em branco da primeira página e permite, finalmente, deitar em letras seus sentimentos mais secretos, as dúvidas mais recônditas, a esperança de que no futuro, num universo onde a liberdade tornasse a existir, alguém o pudesse ler, e talvez compreender.

Vejamos abaixo a dedicatória que Winston imprimiu em seu diário:

Ao futuro ou ao passado, a uma época em que o pensamento seja livre, em que os homens sejam diferentes uns dos outros e que não vivam sós – a uma época em que a verdade existir e o que foi feito não puder ser desfeito: Cumprimento da era da uniformidade, da era da solidão, da era do Grande Irmão, da era do



duplipensar! [...] Crimidéia não acarreta a morte: crimidéia É a morte (ORWELL, 2003, p. 29).

Podemos notar a dúvida de Winston Smith quanto ao presente e ao passado nos dois últimos trechos destacados. Ao sentir o cheiro do café, sentira aroma que lhe parecera “uma emanção de meninice”, uma vez que o personagem não nascera no regime socialista, mas no abolido e já obscuro capitalismo. Quando dedica seu diário ao “futuro ou ao passado”, podemos entender que acredita o personagem que o futuro melhor e livre reflete o passado, distinto do tempo vivido por ele enquanto discorre a ação da narrativa. É através deste emaranhado de proibições, ortodoxias cegas e mídia manipulável que o personagem partirá em busca de uma resposta para o passado, presente e para si mesmo.

### 3.1 O Protagonista

Winston Smith protagoniza *1984*. Separado e sem filhos, o personagem tem 39 anos de idade e é um dos trabalhadores do Departamento de Registro (*Regdep*) no Ministério da Verdade. Sua função é a de adequar as notícias dos jornais e outros documentos do passado de acordo com os interesses do Partido. Winston trabalha em seu cubículo, recebendo instruções escritas que caem de um tubo pneumático na parede, “retificando” via *falascrive* (microfone que redige notas com modificações ditadas) e enviando o trabalho efetuado via outro tubo pneumático. As versões submetidas a “correção” dos documentos que a ele chegam são destruídas depois de lançadas noutro orifício aberto na parede, o “buraco da memória” de onde são tragadas por uma corrente de ar para devida incineração.

Assim que fossem reunidas e classificadas todas as correções consideradas necessárias a um dado número do *Times*, aquela edição era reimpressa, destruído o número original, e o exemplar correto colocado no arquivo em seu lugar. Esse processo de correção contínua aplicava-se não apenas a jornais, como também a livros, publicações periódicas, panfletos, cartazes, folhetos, filmes, bandas de som, caricaturas, fotografias – a toda espécie de literatura ou documentação que pudesse ter o menor significado político ou ideológico. [...] Desta forma, era possível demonstrar, com prova documental, a correção de todas as profecias do Partido; jamais continuava no arquivo uma notícia, artigo ou opinião que entrasse

em conflito com as necessidades do momento (ORWELL, 2003, p. 41).

O trabalho minucioso exige-lhe pensamento preciso e criatividade ortodoxa para, ao receber recados em *Novilíngua*, não apenas adulterar cifras como também modificar notícias, legendas de fotos, criar fatos e amenizar outros. Mas, ainda que se esforçando para reescrita das notícias, Winston não acredita no Partido. Dentro de si, odeia o Grande Irmão, como o estilo de vida miserável imposto pelo Socialismo Inglês. O seguinte trecho do diário de Winston pode exemplificar sua revolta, tanto pela insistência em que a frase foi escrita na folha de papel como pela disposição das letras maiúsculas:

ABAIXO O GRANDE IRMÃO  
ABAIXO O GRANDE IRMÃO  
ABAIXO O GRANDE IRMÃO  
ABAIXO O GRANDE IRMÃO  
ABAIXO O GRANDE IRMÃO (ORWELL, 2003, p. 20).

Winston vive a desesperança do oprimido. Por todas as partes, devido ao sistema social, o que vê é a doutrinação mental em nome da submissão. Ele, que em seu trabalho adultera o passado, procura ao iniciar seu diário, concretizar algum pensamento coerente e linear; teorizar alguma realidade sã, como numa forma de resistência contra os cânones do *duplipensar*. Winston é um dos membros do Partido, como todos que trabalham em qualquer departamento de qualquer ministério. Pertence, portanto, à classe média, fatia da população mais controlada, posta sob jugo comportamental e de pensamento. Depois de iniciar seu diário, tem a certeza de que será punido, pois seria impossível não ser descoberto, ele reconhece aprioristicamente devido a seu contexto, pela atitude herética. “me darão um tiro que mimporta me darão um tiro na nuca não mimporta abaixo o grande irmão eles sempre darão tiro na nuca que mimporta abaixo o grande irmão<sup>2</sup>” (ORWELL, 2003, p. 21), escreve em seu diário, durante um assomo de

histeria, excitado pela atitude comprometedora que tomava ao redigir fatos e ideias.

Podemos interpretar os acontecimentos que sucedem o início de seus escritos como impelidos pela certeza da execução vindoura. Winston ousa procurar uma amante em busca de prazer sexual, além de considerar entre os cole-

---

<sup>2</sup> Passagem grafada pelo personagem Winston Smith em seu diário, sendo mantida a toda estrutura gramatical. Notemos como a ausência de letras maiúsculas, pontuação e a união de palavras sugerem o modo contraído e objetivo pregado pela *Novilíngua*.

gas de trabalho outros possíveis dissidentes em relação ao *Ingsoc* e iniciar uma pesquisa nos bairros pobres sobre o período anterior ao advento socialista.

A estrutura física do protagonista de *1984*, tal qual seus hábitos e ambiente domésticos podem ser entendidos como uma ferramenta lançada por George Orwell para corroborar seu contexto de decadência social causada pelo sistema político.

No movimento seguinte foi presa de violento acesso de tosse, que quase sempre o atacava pouco depois de levantar. Esvaziava-lhe os pulmões de tal forma que só podia recomeçar a respirar deitando-se de costas e aspirando fundo uma porção de vezes. As veias tinham inchado com o esforço da tosse, e a variz ulcerada começou a coçar (ORWELL, 2003, p. 33).

Winston bebe e fuma, alimenta-se mal – a comida que lhe é oferecida pelo sistema – e refugia-se no intrincado trabalho intelectual de suas funções para suprimir os dissabores e angústias de sua vida pessoal.

Saindo do Ministério àquela hora, sacrificara o almoço na cantina, e sabia que não havia na casa alimento que uma côdea de pão escuro, que seria a sua refeição matinal no dia seguinte. Tirou da prateleira uma garrafa de líquido incolor com um rótulo branco em que se lia Gim Vitória. Tinha um cheiro enjoado, oleoso, como de vinho de arroz chinês. Winston serviu-se de quase uma xícara de gim, contraiu-se para o choque e engoliu de vez, como uma dose de remédio. Instantaneamente ficou com o rosto rubro e começou a lacrimejar. A bebida sabia a ácido nítrico, e ao bebê-la tinha-se a impressão exata de ter levado na nuca uma pancada com um tubo de borracha. No momento seguinte, porém, a queimação na barriga amainou e o mundo lhe pareceu mais ameno. Tirou um cigarro da carteira de Cigarros Vitória e imprudentemente segurou-o na vertical, com que todo o fumo caiu ao chão. Puxou outro cigarro, com mais cuidado (ORWELL, 2003, p. 08).

### 3.2 Classes Sociais Fictícias

Em determinado ponto do romance Winston acredita ter encontrado a organização de nome “Fraternidade”, que consistiria num grupo secreto de inimigos do Partido. Foi-lhe entregue então, por seu futuro torturador, em verdade

membro do Partido Interno, o livro intitulado *Teoria Prática do Coletivismo Oligárquico*, assinado como obra de Emmanuel Goldstein – figura quase tão mítica quanto o Grande Irmão, antagônico a ele, representante da traição, inimigo, herege a ser odiado a todo custo. Neste livro Winston encontra teorias coerentes com o pensamento real, tomando-se por pensamento real algo distinto do *duplipensar*. A estratificação social, por exemplo, é apresentada na obra da seguinte maneira:

Desde que se começou a escrever a história, e provavelmente desde o fim do Período Neolítico, tem havido três classes no mundo, Alta, Média e Baixa. [...] Mesmo depois de enormes comoções e transformações aparentemente irrevogáveis, o mesmo diagrama sempre se restabeleceu, da mesma forma que um giroscópio em movimento sempre volta ao equilíbrio, por mais que seja empurrado deste ou daquele lado (ORWELL, 2003, p. 177 – 178).

Notemos como o período acima sugere um arcabouço social justificável por sua própria natureza, como um organismo. As semelhanças com o positivismo e o darwinismo social seguem na descrição a seguir, lida por Winston no mesmo livro *Teoria Prática do Coletivismo Oligárquico*, (ORWELL, 2003, p. 194):

Os objetivos desses três grupos são irreconciliáveis. O objetivo da Alta é ficar onde está. O da Média é trocar de lugar com a Alta. E o objetivo da Baixa, quando tem objetivo – pois é característica constante da Baixa viver tão esmagada pela monotonia do trabalho cotidiano que só intermitentemente tem consciência do que existe fora de sua vida –, é abolir todas as distinções e criar uma sociedade em todos sejam iguais. [...] Por longos períodos a Alta permanece firme no poder, porém mais cedo ou mais tarde chega um momento em que perde a fé em si própria ou a capacidade de governar com eficiência, ou ambas. É então derubada pela Média, que atrai a Baixa ao seu lado, fingindo lutar pela liberdade e pela justiça. Assim que alcança sua meta, a Média joga a Baixa na sua velha posição servil e transforma-se em Alta (ORWELL, 2003, p. 194).

A divisão de classes sociais no ano de 1984 do romance homônimo apresenta três esferas bem definidas no continente de nome Oceania, no qual se passa a ação da história. A elite é chamada de Partido Interno e contém

grupos de intelectuais e dirigentes, pequena em número e detentora de conforto, fartura e poder. São os doutrinadores, que possibilitam as urdiduras sociais. A princípio, o único líder seria o Grande Irmão, sempre justo, correto e amável. Todavia, os membros da elite compõem a cúpula que sustenta a imagem do líder, tornando possível a manutenção e idolatria desta figura mítica. A seguinte fala do torturador e membro do Partido Interno O'Brien esclarece Winston quanto ao cerne dos interesses de sua classe.

– Nós controlamos a vida, Winston, em todos os seus níveis. Imaginas que existe uma coisa às vezes chamada natureza humana, que se enfurece com o que fazemos e que se voltará contra nós. Mas nós criamos a natureza humana. Os homens são infinitamente maleáveis. Ou talvez tenhas voltado à velha idéia de que os proletários ou os escravos se voltarão e nos derrubarão. Perde a esperança. São inermes, como animais. A humanidade é o Partido. Os outros estão de fora... não contam (ORWELL, 2003, p. 257).

A classe média, por sua vez, abarca as famílias dos membros do Partido Externo, participantes de qualquer função em todas as ligas e departamentos dos ministérios, assim como demais associações do governo. Recebem moradia e alimentação, são controlados no interior de seus lares e educados consoante à História reescrita dos livros didáticos do Partido. As crianças da classe média aprendem a denunciar os pais, com orgulho, para a Polícia do Pensamento, tornando-se pequenos espões dentro das famílias, apaixonados pela faina de servir ao Grande Irmão.

Às jovens do sexo feminino, por sua vez, cabe a Liga Juvenil Anti-Sexo, grupo de ativistas contra o prazer sexual. Rapazes do sexo masculino não são citados no romance, apenas adultos e crianças figuram em *1984*; de onde se pode deduzir, por consistir aquela conjuntura social em um mundo em guerra constante entre os três megabloco mundiais, dedicarem-se os rapazes às tropas de ataque aos “continentes”<sup>3</sup> inimigos. A classe média não é a maior faixa da população da Oceania em número, mas é o grupo ao qual interessa à elite dominar. Desde a educação até seus hábitos sexuais, são ensinados a obedecer cegamente e amar o que o Partido considera nobre, odiar o que o Partido considera repulsivo e inferior.

---

<sup>3</sup> O conceito de “continente” tal qual conhecemos, grande porção de terra rodeada por oceanos ou mares, não se aplica aos megabloco de *1984*. Veremos no tópico 2.3 a divisão mundial criada por George Orwell.

O fito do Partido, revelado ao fim de 1984 como sendo o poder pelo poder, não estaria, pois, em dominar a população baixa e ignóbil, mas sim a classe média, criada por si somente para ser mantida sob seu controle, vivendo conforme as regras do *Ingsoc*<sup>4</sup>. A utilidade da classe baixa, também criada deliberadamente dentro da urdidura social, é outra, como veremos mais adiante.

O Partido procura o poder por amor ao poder. Não estamos interessados no bem estar alheio; só estamos interessados no poder. [...] Sabemos que ninguém jamais toma o poder com a intenção de largá-lo. O poder não é um meio, é um fim em si. Não se estabelece uma ditadura com o fito de salvaguardar uma revolução; faz-se a revolução para estabelecer a ditadura. O objetivo da perseguição é a perseguição. O objetivo da tortura é a tortura. O objetivo do poder é o poder (ORWELL, 2003, p. 251 – 252).

A última camada da pirâmide social, a seu tempo, recebe a denominação de “*proles*”. Em número, englobam 85% da população da Oceania, mantidos nas áreas periféricas, miseráveis, têm liberdade sexual e não são assistidos por *teletelas*. Ao contrário dos membros do Partido Externo – classe média – não possuem deveres cívicos nem participam de desfiles e passeatas. São como animais, mantidos para servirem de exemplo à classe média; para que a mesma se orgulhe do posto “privilegiado” que ocupa, amando seus deveres cívicos para diferenciar-se da camada dos *proles*; rejeitando o sexo livre, animalesco, comum entre tais indivíduos, além de sua alienação política.

Abandonados a si mesmos, como gado solto nas planuras argentinas, haviam regressado a um modo de vida que lhes parecia natural, uma espécie de tradição ancestral. Nasciam, cresciam nas sarjetas, iam para o trabalho aos doze, atravessavam um breve período de floração da beleza e do desejo sexual, casavam-se aos vinte, atingiam a maturidade aos trinta, e em geral, morriam aos sessenta. O trabalho físico pesado, o trato da casa e dos filhos, as briguinhas com a vizinhança, o cinema, o futebol, a cerveja e, acima de tudo, o jogo, enchiam-lhes os horizontes. [...] Não era desejável que os *proles* tivessem sentimentos políticos, tudo que se lhes exigia era uma espécie de patriotismo primitivo ao qual se podia apelar sempre que fosse necessário levá-los a aceitar ações menores ou maior expediente de trabalho. (ORWELL, 2003, p. 73).

<sup>4</sup> Semelhança com o conceito de fascismo social, que vigorou em meados do século XX: prevalência do intento governamental sobre o social.

Esta dominação de classes e estrutura fixa pode justificar-se, portanto, de acordo como os textos da fictícia *Teoria Prática do Coletivismo Oligárquico* e dos pensamentos de Winston, da seguinte forma: a elite domina a classe média em toda sua liberdade, inclusive mental, para que esta não tenha oportunidade de no futuro inverter posições com a classe dominante. O nojo incutido na mentalidade da classe média em relação à baixa, em 1984, seria a garantia de que a aliança entre ambas não se concretizaria. A classe baixa, por sua vez, era animalizada e mantida em deliberada imbecilidade com o intuito de jamais reconhecer a realidade do universo social em que se enquadra, narcotizada<sup>5</sup> pela cultura barata e massiva do *prolealimento*.

A pirâmide abaixo ilustra a divisão social criada por Orwell na obra aqui estudada; por coincidência ou semiótica os prédios dos Ministérios do Partido apresentam em sua estrutura pirâmides, “Era uma enorme pirâmide em alvíssimo cimento branco, erguendo-se, terraço sobre terraço, trezentos metros acima do solo”, descreve Orwell (ORWELL, 2003, p. 07) a respeito do aspecto físico do Ministério da Verdade.

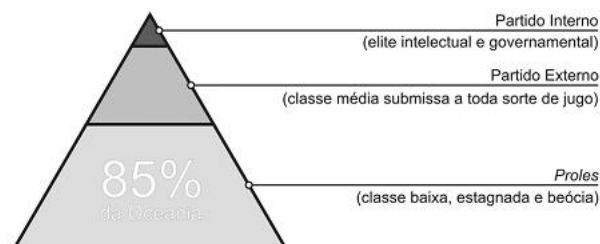


Figura 3.1

O termo “semiótica” acima mencionado refere-se à interpretação dos caracteres implícitos em obras arquitetônicas, falas, escritos, como também em comportamentos e intenções. Procura avaliar os meandros implícitos que revelariam sobre o objeto de estudo mais do que a apresentação inicial transpareceria. Semioticamente, por exemplo, o formato dos prédios dos Ministérios de 1984 poderiam ser entendidos como uma reafirmação por parte de Orwell sobre o conceito de hierarquia através de um símbolo tácito, sem o uso afirmações, mas sim de uma estrutura. O seguinte trecho do estudo científico *Manual de Semiótica* dos portugueses Antônio Fidalgo e Anabela Gradim, realiza uma análise semiótica sobre a linguagem jornalística:

<sup>5</sup> Referência à disfunção narcotizante teorizada pelo estrutural-funcionalismo, na figura do teórico Paul Lazarsfeld.

O vocabulário jornalístico, por exemplo, é altamente redundante, raramente surgem palavras difíceis, rebuscadas, inesperadas. Neste aspecto os jornais de província utilizam um vocabulário mais variado e, portanto, mais entrópico. O fito da redundância vocabular dos jornais de maior tiragem é justamente a sua fácil leitura e compreensão. Assim temos que a linguagem da comunicação social se converte mais e mais num código altamente especializado e que resulta da tensão de responder às exigências contrárias que se lhe colocam: por um lado, informar, que é também surpreender, e por outro ser compreensível, o que significa repisar sendas conhecidas (FIDALGO e GRADIM, 2005).

Passado o período de revolução que instituiu o Socialismo Inglês, ter-se-iam dividido as três classes acima expostas paulatinamente e de forma “bem intencionada”, segundo o mesmo manual da *Teoria Prática do Coletivismo Oligárquico* – um título que representa, como reza a estrutura do *duplipensar*, um paradoxo e uma contradição, a nova elite aplicaria as regras do socialismo utópico<sup>6</sup>, a divisão do bem público entre todos os cidadãos, para figurar como honesta. O *duplipensar* viria assim disfarçar as incoerências deste sistema.

Depois do período revolucionário de 1950 e 1970, a sociedade reagrupou-se, como sempre, em Alta, Média e Baixa. Mas a nova Alta, ao contrário das antecessoras, não agia por instinto: sabia o que era preciso para garantir sua posição. Havia muito tempo se percebera que a única base segura da oligarquia é o coletivismo. A riqueza e o privilégio são mais fáceis de defender quando possuídos em conjunto. [...] Individualmente nenhum membro do Partido é dono de coisa alguma, exceto ninharias pessoais. Coletivamente, o Partido é dono de tudo na Oceania, porque tudo controla, e dispõe de seus produtos como bem lhe parece. Nos anos que se seguiram à Revolução, conseguiu galgar quase sem oposição esse ponto de comando, porque todo o processo foi apresentado como ato de coletivação. [...] E o resultado, previsto e pretendido antecipadamente, fora tornar permanente a desigualdade econômica (ORWELL, 2003, pp. 198 – 199).

A determinado ponto de suas reflexões Winston infere serem os proles livres, assumindo sua classe como escrava do novo sistema, expropriada das emoções humanas ao adotarem a frieza objetiva pregada pelo *duplipensar*:

<sup>6</sup> Filosofia social criada por Karl Marx, também chamada de marxismo social.



De repente, ocorreu-lhe que os proles tinham continuado assim. Não eram leais a um partido, país ou ideologia, eram leais a seus semelhantes. Pela primeira vez na vida não desprezou os proles nem pensou neles apenas como força inerte que um dia ganharia vida e regeneraria o mundo. Os proles tinham continuado humanos. Não havia endurecido por dentro. Haviam conservado as emoções primitivas que ele próprio tivera de reaprender por esforço consciente (ORWELL, 2003, p. 160).

### 3.3 Ordem Mundial Fictícia

Tão essencial quanto compreender as distintas classes sociais criadas por Orwell em *1984* seria assimilar a divisão de continentes estabelecida pelo romancista. No mundo dominado pelo socialismo, os cinco continentes seriam divididos em apenas três: Oceania, Eurásia e Lestásia. Além destes megablocos, Orwell também descreve a existência de determinada faixa intermediária entre Oceania, Eurásia e Lestásia, o chamado “quadrilátero em disputa”, cuja conquista territorial seria, na fala dos governantes, um dos motivos das incessantes guerras entre continentes.

A divisão do mundo em três grandes superestados foi acontecimento que poderia ter sido, e deveras foi, previsto antes de meados do século vinte. Com a absorção da Europa pela Rússia e do Império Britânico pelos estados Unidos, passaram a ter existência efetiva duas das três grandes potências, a Eurásia e a Oceania. A terceira, a Lestásia, só surgiu como unidade distinta após outra década de lutas confusas (ORWELL, 2003, p. 178).

Notemos que para criar os dois primeiros “superestados” Orwell se valeu dos antagônicos Estados Unidos e Rússia, que no contexto do fim dos anos 40 viviam o período de Guerra Fria. Daí inferir-se-ia mais uma nuance do caráter profético da obra quando lançada no fim da década de 1940.

As fronteiras entre os três superestados são arbitrárias em alguns pontos e em outros fluuam segundo as fortunas da guerra, mas de modo geral obedecem linhas geográficas. A Eurásia compreende toda a parte setentrional dos continentes europeu e asiático, de Portugal ao estreito de Bering. A Oceania compreende as Américas, as ilhas do Atlântico, inclusive as Britânicas, a Australásia e a parte meridional da África. A Lestásia, menor que

as outras, de fronteiras ocidentais menos definidas, compreende a China, os países ao sul da China, as ilhas do Japão e uma grande porém cambiante porção da Mandchúria, da Mongólia e do Tibete (ORWELL, 2003, pp. 178 – 179).

Definidos os territórios dos três megablocos podemos teorizar o quadrilátero em disputa como a junção do norte da África e o Oriente Médio. O mapa abaixo ilustra a divisão destes territórios:

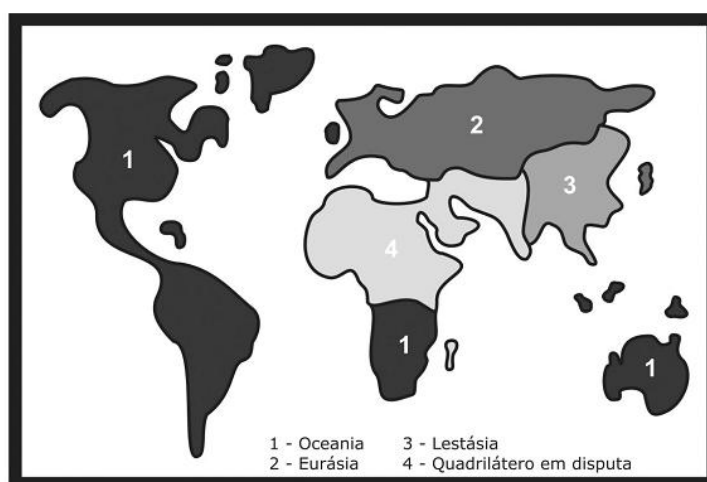


Figura 3.2

Como já mencionado, o protagonista da história habita a cidade de Londres, que ocupa o mesmo ponto geográfico atual, tendo deixado de ser um centro político, na realidade do continente oceânico, politicamente descentralizado. No ano de 1984 a Oceania está em guerra contra a Eurásia, o que significa historicamente que o continente sempre estivera em conflito contra o exército *eurasiano* e tem como aliado o continente de nome *Lestásia*.

O Grande Irmão, figura de liderança ideológica utilizada pelo Partido Interno como forma de personificação do poder, tem como inimigo a figura de Emmanuel Goldstein, sendo a população açulada contra este inimigo durante as atividades de dever cívico, préstitos de prisioneiros *eurasianos*, ou nos “Dois minutos de Ódio” – atividade obrigatória e frequente, na qual os cidadãos são colocados diante de telas com imagens de Goldstein e impelidos a revoltarem-se.

Um guincho horrendo, áspero, como de uma máquina monstruosa funcionando sem óleo, saiu da grande teletela. Era um

barulho de fazer ranger os dentes e arrepiar os cabelos da nuca. O Ódio começara. Como de hábito, a face Emmanuel Goldstein, o Inimigo do Povo, surgira na tela. Aqui e ali houve assovios entre o público. A mulherzinha de cabelo cor de areia emitiu um uivo misto de medo e repugnância. Goldstein era renegado e traidor que um dia, muitos anos atrás (exatamente quantos ninguém se lembrava), fora uma das figuras de proa do Partido, quase no mesmo plano que o Grande Irmão, tendo depois se dedicado a atividades contra-revolucionárias, sendo por isso condenado à morte, da qual escapara, desaparecendo misteriosamente. O programa dos Dois Minutos de Ódio variava de dia a dia, sem que porém Goldstein deixasse de ser o personagem central cotidiano. [...] Winston sentiu contrair-se o diafragma. Nunca podia ver a face de Goldstein sem uma dolorosa mistura de emoções (ORWELL, 2003, p. 14).

Note-se a escolha do vocábulo “contrarevolucionárias” no trecho acima, em detrimento a “revolucionárias” acentua a escolha de Orwell em descrever as atitudes do suposto Goldstein – em momento algum se tem certeza da existência deste símbolo, nem mesmo a do Grande Irmão – não apenas como revolucionárias, mas também como prejudiciais ao *Ingsoc*. A mesma expressão, “contra-revolucionárias” pode ser interpretada como “contrárias à revolução”, num sinônimo a “anti-revolucionárias” se tomarmos por “revolução”, nesta hipótese, o advento e a perpetuação do Socialismo Inglês.

Da mesma forma, a guerra contra a Eurásia não possui fundamentos concretos (a real utilidade da guerra entre os três continentes será exposta no item 4.2), daí a necessidade do *duplipensar* para aceitação nas contradições históricas; isso porque, no ano de 1984, durante um discurso, o inimigo deixa de ser a Eurásia para ser a antiga aliada, Lestásia; a História havia mudado, era desnecessário dizer. A guerra, a partir daquele momento, *nunca* havia sido contra a Eurásia, e sim, *sempre* contra a Lestásia; acompanhemos o seguinte trecho do diálogo entre Winston e O’Brien, seu torturador/doutrinador:

- Quando fui preso, a Oceania estava em guerra com a Lestásia.
- Com a Lestásia. Bom. E a Oceania sempre esteve em guerra com a Lestásia, não esteve?
- Winston respirou fundo. Abriu a boca para falar, mas calou-se. Não podia tirar os olhos do mostrador.
- A verdade, Winston, por favor. *Tua* verdade. Dize-me o que pensas lembrar.

– Lembro-me de que há apenas uma semana antes de ser preso não estávamos em guerra com a Lestásia. Era nossa aliada. A guerra era contra a Eurásia, e já durava quatro anos (ORWELL, 2003, p. 235).

### 3.4 Dulipensar

*Duplipensar* é um estado mental; um comportamento em favor do contexto dominante para evitar conflito. É a hipocrisia aliada à inescrutabilidade, a união paradoxal que torna verdade qualquer impropério, desde que o pensamento condicionado julgue fiel e cívico tal “contorno da realidade”. Em *Teoria Prática do Coletivismo Oligárquico* esta forma de pensamento está explicada nos seguintes termos:

*Duplipensar* quer dizer a capacidade de guardar simultaneamente na cabeça duas crenças contraditórias e aceitá-las ambas. O intelectual do Partido sabe em que direção suas lembranças devem ser alteradas; portanto sabe que está aplicando um truque na realidade: mas pelo exercício do *duplipensar* ele se convence também de que a realidade não está sendo violada. O processo tem de ser consciente, ou não seria realizado com precisão suficiente, mas também deve ser inconsciente, ou provocaria uma sensação de falsidade e, portanto, de culpa. [...] Mesmo no emprego da palavra *duplipensar* é preciso *duplipensar*. Pois, usando-se a palavra admite-se que se está mexendo na realidade; é preciso um novo ato de *duplipensar* para apagar essa percepção e assim por diante (ORWELL, 2003, p. 206).

Franklin Fearing, em seu tratado *A comunicação humana*, define que “os indivíduos precisam estruturar cognitivamente os seus ‘universos’ para neles poderem viver” (1971, p. 61). A forma de pensar poderia adequar-se intelectualmente às necessidades e intuítos pessoais, de acordo com a teoria de Fearing, como notamos no seguinte trecho de sua obra:

A estruturação de uma situação serve, assim, não somente para criar um enquadramento para alguma ação em direção a uma meta; também age como redutor de tensão. [...] O processo de estruturação não é necessariamente uma atividade intelectual altamente organizada, à qual se aplicasse o termo “plano consciente”.

Poderá ser automático ou instantâneo. Isso pode ser exemplificado pelo simples ato de levantar um objeto do chão. Antes de ser levantado, o objeto é percebido como tendo certas propriedades fenomênicas. É percebido como objeto removível, de determinado peso e tamanho; deve existir um ajustamento muscular antecipatório ao ato de levantá-lo (FEARING, 1971, pp. 62 – 63).

Nestes moldes poderíamos aplicar esta forma “inconsciente” e “automática” de considerar-se uma situação para a interpretação dual da realidade exigida pelo *duplipensar*. Este último seria uma preparação infligida pelos termos sociais, pela língua criada pelo Partido e pelo instinto de conservação – uma vez que as *crimideias* resultariam na vaporização do indivíduo. A submissão ao *duplipensar* enquadrar-se-ia, pois, num requisito necessário para a manutenção do indivíduo dentro do meio, selecionando através do darwinismo-social os mais aptos para a sociedade oligárquica.

Destarte, aceitando-se que o indivíduo faça parte do sistema coletivo – socialismo – da maneira como prega sua ideologia (sentindo-se dono das mazelas e obrigações para receber os direitos) é previsível que o *duplipensar* ofereça toda a comodidade para a aceitação passiva, como numa religião, dos paradigmas superiores e privações decorrentes da classe social a que se pertença. Em 1984 tal teoria – literalmente positivista e organicista, note-se – aplicar-se-ia, pois, somente às duas camadas superiores do sistema social.

A alienação dos proles é tanta, que a eles é dispensado o uso do *duplipensar*, já aos membros do Partido Interno tal alternativa é essencial para manutenção dos próprios interesses, tanto quanto à classe média, que se capaz de sorver os conceitos da ideologia de pensamento criada pelo *Ingsoc*, poderá de fato acreditar-se parte integrante do meio, e justificar seus esforços como sendo em direção ao bem de seu “coletivismo oligárquico”, justificando um dos três lemas principais do Partido: “Liberdade é escravidão”, notemos o seguinte trecho extraído de uma das falas de O’Brien, representante da oligarquia:

O indivíduo só tem poder na medida em que cessa de ser indivíduo. Conheces o lema do Partido: “Liberdade é Escravidão”. Já te ocorreu que é reversível? Escravidão é liberdade. Sozinho, livre, o ser humano é sempre derrotado. Assim deve ser, porque todo ser humano está condenado a morrer, que é o maior dos fracassos. Mas se puder realizar uma submissão completa, total, se puder fugir à sua identidade, se puder fundir-se no Partido então ele é o Partido, e é onipotente e imortal (ORWELL, 2003, p. 252).

Lasswell em seu *A estrutura e a função da comunicação na sociedade*, destaca:

Em toda sociedade, os valores são moldados e distribuídos de acordo com padrões mais ou menos peculiares (instituições). As instituições incluem comunicações, que são chamadas a apoiar a rede como um todo. [...] A ideologia é comunicada à geração ascendente por meio de agências especializadas, como o lar e a escola (LASSWELL, 1971, p. 111).

Considerando-se tais mecanismos de perpetuação cultural podemos aferir que no ano de 1984 – tendo a revolução do *Ingsoc* transcorrido entre as décadas de 1950 e 1960 – nascia e se criava uma nova geração de indivíduos que nunca viveram noutro tempo, recebendo portanto a ideologia do Partido como verdade única dentro das novas formas de pensar. Num dos pensamentos de Winston a nova geração descreve-se como “jovens crescidos no mundo da Revolução, não sabendo nada mais, achando o Partido inalterável, como o céu, não se rebelando contra sua autoridade, mas simplesmente fugindo a ela, como um coelho evita o cão”, (ORWELL, 2003, p. 127). Através do *duplipensar*, para os novos cidadãos tudo é possível. O passado não existiu e não há outra verdade senão a do Socialismo Inglês. “Quem controla o passado controla o futuro; quem controla o presente, controla o passado” (idem, p. 236), reza um dos aforismos do Partido Interno.

Na *Teoria Prática do Coletivismo Oligárquico*, dentro de 1984, encontramos a relação entre o modo de pensar criado pelos líderes do *Ingsoc* e a necessidade desta elite (ORWELL, 2003, p. 206), “O *duplipensar* é a pedra basilar do *Ingsoc*, já que a ação do Partido é usar a fraude consciente ao mesmo tempo que conserva a firmeza de propósito que acompanha a completa honestidade”.

Podemos estabelecer paralelamente uma reflexão entre o mesmo *duplipensar*, que sustenta e é sustentado por um sistema político (que o criou para satisfazer suas necessidades), e a língua que o ampara. André Martinet em seu *A linguagem, instituição humana* (1971, p. 39), lança a seguinte afirmação “se toda língua se modifica ao longo do tempo, é essencialmente para adaptar-se à maneira mais econômica de satisfazer as necessidades de comunicação da comunidade que a fala”.

Desta forma é condizente que a forma concisa e extremamente concreta, objetiva da *Novilíngua* seja apropriada para um regime de pensamento acríptico, que por sua vez, completando um ciclo, admite de maneira leda uma forma de governo contraditória e incontestável, uma vez que não há argumentos históricos para interpretação do presente.

W. Weaver em *A teoria matemática da comunicação* mensura a complexidade de uma mensagem em comunicação de acordo com a liberdade de pensamento que permita levar a uma inferência e raciocínio. Ao objetivar o sentido dos vocábulos, criar siglas para termos políticos e buscar uma eufonia sussurrada e curta, notemos como a *Novilíngua* se opõe à liberdade de escolha (entre vocábulos, sinônimos, pronúncias e figuras de linguagem) contrapondo-se à possibilidade de mensagens complexas, facilitando o exercício do duplipensar, no auto-suficiente e interdependente ciclo da “língua – filosofia de pensamento – sistema político”. Eis o ditame de W. Weaver:

A informação é a medida de liberdade de escolha que se tem na mensagem. Quanto maior essa liberdade de escolha, maior a incerteza de que a mensagem realmente selecionada seja uma particular. Assim, maior liberdade de escolha, maior incerteza e maior informação caminham juntas (WEAVER, 1971, p. 31).

Introduzidos assim, por fim, as bases teóricas e o contexto da narrativa criada por George Orwell em *1984*, passemos a nosso estudo propriamente dito.

## Capítulo 4

# A Cultura de Massas em 1984

Pense, fale, compre, beba  
Leia, vote, não se esqueça  
Use, seja, ouça, diga  
Tenha, more, gaste e viva  
(“Admirável Chip Novo”, Pitty)<sup>1</sup>

Marques de Melo define “cultura” nos seguintes termos:

O fenômeno cultural vem sendo tradicionalmente analisado, numa visão antropológica, como acervo de experiências, acúmulos de iniciativas que o homem desenvolve no sentido de transformar a natureza e aperfeiçoar a sociedade. [...] Um conceito global e globalizante, que eleva a um mesmo plano as noções de cultura e sociedade, por vezes confundindo-as, e, evidentemente, reduzindo o fenômeno cultural à horizontalidade da criação e produção humana (MARQUES DE MELO, 1998, p. 185).

Podemos completar nossa inteligência agregando os conceitos de Regiane Oliveira em seu artigo *Conceitos de Cultura*:

A cultura é um conjunto de informações não-hereditárias que são armazenadas e transmitidas por um determinado grupo. Uma vez que a cultura compõe-se por traços distintivos, as informações

---

<sup>1</sup> A letra desta música, que traz no refrão destacado nesta epígrafe comandos de ação usuais da publicidade contemporânea, faz alusão, no título, ao romance “Admirável Mundo Novo”, de Aldous Huxley.



veiculadas a uma coletividade configuram-se como um subconjunto caracterizado por um certo padrão de ordem. [...] Além de transmitirem determinado conteúdo, as interações entre diferentes mensagens [...] estabelecem-se como parâmetro de regulação, que visam manter a inteireza de um dado sistema, combatendo a tendência degenerativa de uma informação em trânsito (OLIVEIRA, 2005).

Tomando-se por cultura a construção de uma rede de informações, pensamento e ideologia, através de acontecimentos e/ou difusão de obras de caráter filosófico e/ou político (nas mais diversas graduações de profundidade/ superficialidade), teremos por cultura de massas a produção de informação visando atingir públicos numerosos.

Cultura é um sistema semiótico, um sistema de textos, e, enquanto tal, um sistema perceptivo, de armazenagem e divulgação de informações. Como os processos perceptivos são inseparáveis da memória, na estrutura de todo texto se manifesta a orientação para um certo tipo de memória, não aquela individual, mas a memória coletiva. Cultura é assim memória coletiva não-hereditária (OLIVEIRA, 2005).

Subsequente à hegemonia dos modelos de análise do estrutural-funcionalismo, surgiu, a partir da década de 1970, o pensamento da Escola de Frankfurt, que “procurou recolocar o marxismo como teoria analítica a ser incorporada à cultura na sociedade ideológica”, (CARDOSO, 1998, p. 568). Algumas das possíveis lacunas de interpretação deixadas pelo estrutural-funcionalismo, encontrariam na abordagem frankfurtiana bases para sua consolidação. Tal fato pode ser atribuído à diferente metodologia aplicada por tais correntes de estudiosos; Roberto Elísio dos Santos fornece subsídios para o enriquecimento deste paralelo entre funcionalistas e frankfurtianos, ao citar como método de estudo da primeira escola o “positivismo” (SANTOS, 1992, p. 13 – 15), e como método de estudo da segunda o “marxismo heterodoxo”.

O surgimento do pensamento da Escola de Frankfurt não constituiu o aprimoramento dos conceitos precursores dos funcionalistas – como já mencionado, o teórico da Escola Sociológica Europeia, Umberto Eco (2000), posicionaria “apocalípticos” e “integrados” em posições ideológicas antípodas – mas sim introduziu novas propostas e métodos. Quanto ao conflito entre positivismo e marxismo, Santos nos fornece a seguinte asserção:

Em contato com a sociedade de massas norte-americana, os teóricos frankfurtianos direcionaram seus estudos para a cultura de massas, a partir do que consideravam “*teoria crítica*” da sociedade, que se impunha como alternativa à “*teoria tradicional*”, de tendência positivista (SANTOS, 1992, p. 15).

As diferenças de embasamento ideológico entre “apocalípticos” e “integrados” mostrar-se-ão irrelevantes para o escrutínio proposto dentro deste trabalho, entretantes, se considerarmos o Paradigma de Lasswell como uma estrutura de interpretação flexível, receptora de toda sorte de conceitos para a realização de suas análises, sejam elas de controle, de conteúdo, dos meios, de audiência ou de efeito. De modo que poderemos consultar ditos da teoria da “Indústria Cultural”, estabelecida pelos frankfurtianos, para este estudo, se a enquadrarmos em alguma das dialéticas permitidas pelo modelo de Lasswell. Santos define a teoria da “Indústria Cultural” da seguinte forma:

A cultura, com a intervenção técnica e os meios de reprodução em massa, perde sua “aura” e passa a ser mercadoria, descaracterizada enquanto manifestação artística. Moldada para agradar aos padrões da massa consumidora, a cultura de massa rebaixa o nível dos produtos artísticos. Além disso, a relação entre artística e público é intermediada por técnicos. Os produtos são carregados de ideologia dominante e provocam conformismo (SANTOS, 1992, p. 16).

O trecho supracitado ilustra o conceito de comunicação de massa, embora, como veremos ao longo dos próximos subcapítulos, a comunicação infligida em 1984 não seja uma mercadoria criada para agradar, mas sim para gerar um específico efeito social.

É compreensível que por surgir num período posterior à concretização do funcionalismo o pensamento frankfurtiano procurasse respostas ainda não oferecidas pelos estudos de comunicação. Da mesma forma que se compreenderá tal lacuna no que tange aos meios massivos, se os considerarmos existentes em menor escala na década de surgimento do funcionalismo, 1930, e nas primeiras décadas daquela escola, do que a partir de meados da década de 1940, quando se popularizariam o cinema e a televisão ao nível da precursora mídia radiofônica. O surgimento da massificação teria introduzido, assim, a necessidade de estudo deste fenômeno.

Júlio Henriques, revisor da edição em língua portuguesa do livro *Quatro argumentos para acabar com a televisão*, além de criar as notas de rodapé da

referida obra, introduz ao início da mesma um adendo inicial, no qual propõe a seguinte dialética em torno da tradução do termo *mass media* para a língua portuguesa, considerando o real sentido dos termos empregados nas possíveis traduções:

Oficial ou oficiosamente, *mass media* passou a dizer-se e a escrever-se, no português de Portugal, “órgãos de comunicação social”, ou de forma abreviada “comunicação social”. Um exame simples permite-nos constatar que de *mass media* a “comunicação social” a distância conceptual é enorme. [...] De modo objectivo, o sintagma *mass media* não contém uma sinonímia de comunicação, e muito menos social, que implica em uma relação directa. O que ele designa, [...] é um conjunto de meios cuja acção se destina a um consumo de massas. [...] Esta curiosa congregação vocabular que dá pelo nome de “órgãos de comunicação social” [...] sugere insidiosamente a idéia duma grande liberdade e duma comunicação recíproca [...] em condições de igualdade e simultaneidade [...] o que a define é justamente o contrário disso: o seu carácter unilateral, o facto de ser uma “voz do dono” emanando de um centro incontestado. De resto, com a concentração crescente das empresas proprietárias de jornais, revistas, rádios, produtoras de cinema e canais de televisão [...] aquilo a que assistimos é a constituição progressiva dum nebuloso regime autocrático no domínio da informação e dos novos dogmas operacionais (MANDER, 1999, pp. 09 – 10).

Curiosamente, Henriques traça um paralelo entre a tradução de *mass media* como “comunicação social” e os preceitos do *duplipensar*. Salientemos previamente que no português brasileiro a tradução de *mass media* apresenta-se normalmente como “comunicação de massas”.

Chamar “comunicação social” à imprensa ou à televisão significa assim uma inversão da realidade, constituindo isto, na ordem da linguagem, um processo ideológico de nomeação, típico da novilíngua orwelliana em que as palavras significam precisamente o seu contrário “ignorância é força, guerra é paz, liberdade é escravidão” – e, agora, “televisão é comunicação” (MANDER, 1999, p. 10).

Este posicionamento crítico é muito comum nos julgamentos de análise da comunicação de massa. Em geral, o termo é tido como um profusor de cultura

de fácil assimilação, que ao contrário da chamada “arte erudita” justifica-se por seu caráter superficial e efêmero. Luiz Costa Lima (2002, p. 21), na introdução de *Teoria da Cultura de Massa*, prega a respeito do tema-título de sua coletânea de textos de comunicólogos: “Seus autores não são do povo, mas para ele escrevem, trabalhando a mandato de editores dedicados a esse tipo de publicação; exploram uma temática de evasão, ajustada aos interesses do *status quo*”. Abraham A. Moles, no primeiro estudo publicado na obra de mesmo título segue (MOLES, 2002, p. 77):

A essência da Rádio-TV é imprimir um certo número de mensagens estereotipadas no interior do cérebro dos ouvintes ou dos telespectadores [...] O padrão real é a estrutura publicitária que é a única Gestalt em grande escala permanente ao longo do tempo e que deve, realmente, ser transmitida do emissor ao receptor (MOLES, 2002, p. 77)

Max Horkheimer e Theodor W. Adorno também figuram na compilação organizada por Lima, lê-se em seu texto a seguinte teoria:

O pretense conteúdo é só uma pálida fachada. Aquilo que se imprime é a sucessão de operações reguladas. [...] O espectador não deve trabalhar com a própria cabeça; o produto prescreve qualquer reação: não pelo seu contexto objetivo – que desaparece tão logo se dirige à faculdade pensante – mas por meio de sinais (HORKHEIMER e ADORNO, 2002, p. 185)

O debate sobre o caráter dos meios massivos de comunicação, como se pode notar, renderia talvez farta discussão sobre os efeitos dos meios sobre os indivíduos no contexto atual. Onésimo de Oliveira Cardoso, por exemplo, contesta em partes as críticas frankfurtianas nomeando-as “uma visão aristocrática da cultura, que se nega a aceitar a existência de uma pluralidade de experiências estéticas e de maneira distintas de se fazer arte e de usá-la socialmente”, (CARDOSO, 1998, p. 569); além dos conceitos criados por Marshall McLuhan a respeito da “Aldeia Global” e “Galáxia de Gutemberg”.

Limitemo-nos, pois, a apresentar os meios e, como feito, este potencial aspecto de possibilidade de ação negativa sobre o público, uma vez que o campo de discussão deste trabalho ocorrerá no microcosmo orwelliano de *1984*, recorrendo quando necessário à contextualização contemporânea.

Podemos, portanto, enquadrar como cultura de massas as mensagens difundidas pelo Partido em *1984*, por valerem-se os idealizadores das mensagens

de meios de difusão massiva de informação como a imprensa estatal e a indústria cultural disponibilizada pela censura do Socialismo Inglês. Concretamente, podemos enumerar meios de comunicação de massa: o rádio, a televisão, o cinema e a literatura, se respeitarmos o conceito de produto reproduzido igualmente em larga escala para maior alcance de público.

Eco discorre acerca dos *mass media*:

Cultura de massa torna-se, então, uma definição de ordem antropológica [...] válida para indicar um preciso contexto histórico (aquele em que vivemos), onde todos os fenômenos comunicacionais – desde as propostas para o divertimento evasivo até os apelos à interiorização – surgem dialeticamente conexos, cada um deles recebendo do contexto uma qualificação que não mais permite reduzi-los a fenômenos análogos surgidos em outros períodos históricos (ECO, 2000, pp. 15 – 16).

#### 4.1 Prelúdio dos Meios Massivos

No prefácio de seu *Apocalípticos e Integrados*, Umberto Eco lança a seguinte definição para cultura de massas:

Se a cultura é um fato aristocrático, o cioso do cultivo, assíduo e solitário, de uma interioridade que se apura e se opõe à vulgaridade da multidão (Heráclito: “Por que quereis levar-me a toda parte, ó iletrados? Não escrevi para vós, mas para quem me pode compreender. Um, para mim, vale cem mil, e a multidão, nada”), então só o pensar numa cultura compartilhada por todos, produzida de maneira que a todos se adapte, e elaborada na medida de todos, já será um monstruoso contra-senso.

A cultura de massa é a anti-cultura. Mas, como nasce no momento em que a presença das massas, na vida associada, se torna o fenômeno mais evidente de um contexto histórico, a “cultura de massa” não indica uma aberração

transitória e limitada: torna-se o sinal de uma queda irreversível (ECO, 2000, p. 08).

A partir do trecho acima poderíamos ressaltar alguma diferença entre os termos “comunicação de massa” – como difusora de informações de qualquer gênero para públicos numerosos – e “cultura de massa” – como a forma de cultura apropriada para difusão através dos meios massivos. Como podemos

aferir na citação de Umberto Eco, há a diferenciação entre arte erudita (vide citação de Heráclito pelo autor) e arte de massa. Procuraremos apontar, através da análise de controle e da análise de conteúdo, neste subcapítulo, a exemplificação da cultura de massas dentro de *1984*.

A cultura de massas no Socialismo Inglês de George Orwell atinge ideologicamente através da arte a massa popular (de diferentes formas procura focar a classe média ou a classe baixa, de acordo com o meio utilizado para conduzir a mensagem, como verificaremos ao longo dos próximos capítulos). A arte em *1984* mostra-se enquadrada em padrões pré-estabelecidos por grupos de pensadores do Partido. Neste subcapítulo estudaremos especialmente os livros (produzidos pelo Departamento de Ficção) e as músicas (produzidas pelo Departamento de Música).

Júlia, a personagem amante de Winston Smith, além de militante de Liga Juvenil Anti-Sexo trabalha no Departamento de Ficção. Vejamos o modo como é descrito o processo de produção editorial neste setor:

Júlia tinha vinte e seis anos de idade. Morava numa hospedaria com outras trinta moças [...] e trabalhava, como ele imaginara, nas máquinas novelizadoras do Departamento de Ficção. [...] Sabia descrever todo o processo de composição de um romance, desde a diretriz geral lançada pelo Comitê de Planejamento até os retoques finais, pelo Esquadrão de Reescritores. [...] Para ela os livros não passavam de artigos que tinham de ser produzidos, “como botinas ou compotas” (ORWELL, 2003, p. 126).

Esta forma de cultura banalizada parece ter pouca penetração na classe média de *1984*, sendo consumida em maior escala pelos *proles*. Os membros do Partido Externo, como se verá, enquadrar-se-ão na parcela atingida pela cultura cívica e militar. A seguinte curiosidade de Winston sobre o trabalho de Júlia pode confirmar tal aspecto de segregação cultural – note-se que na passagem a seguir o casal encontra-se em um de seus encontros em refúgios livres de teletelas, daí a segurança em tocar-se em tópicos de caráter ideológico abertamente:

– Como são esses livros? – indagou Winston, curioso.  
– Oh, droga horrórosa. São chatíssimos. Só tem seis enredos, que são misturados e adaptados. Naturalmente eu só estava nos caleidoscópios. Nunca estive no Esquadrão de Reescritores. Não sou literata, meu caro... nem sirvo para isso (ORWELL, 2003, pp. 126 – 127).

Os autores chilenos Ariel Dorfman e Armand Mattelart exploraram em seu *Para ler o Pato Donald*, escrito em 1973, sob o governo do socialista Salvador Allende, alguns dos mecanismos de dominação cultural através da cultura de massa. Tomando como objeto de estudo as histórias em quadrinhos de Walt Disney – representando Disney a cultura americana sobre o resto do mundo – Dorfman e Mattelart identificam teorias ideológicas que seriam plantadas através do imaginário mágico inerente à literatura na mente dos leitores:

Ninguém trabalha para produzir no mundo de Disney. Todos compram, todos vendem, todos consomem, mas nenhum destes produtos custou, ao aparecer, esforço algum. A grande força de trabalho é a natureza, que produz objetos humanos e sociais como se fossem naturais.

[...] A simetria entre a falta de produção biológica direta e a falta de uma estrutura paralela única obedece à eliminação deste mundo do proletariado, o verdadeiro gerador dos objetos ou, nas palavras de Gramsci, o elemento virial da história, da luta de classes e do antagonismo de interesses (DORFMAN e MATTELART, 2002, p. 77).

O trecho acima exemplifica uma das teorias levantadas pela dupla de autores, a de que as histórias de Disney procurariam dar explicações “mágicas” para o funcionamento da máquina capitalista, eliminando as classes baixas e criando uma idealização acerca da classe média alta (que poderia ser interpretada como a sociedade americana em relação ao resto do mundo), o que por sua vez sugeriria assimilação inconsciente de tais conceitos, causando efeitos descritos por Dorfman e Mattelart como uma forma de “doutrinação” pelo sonho idealizado.

O proletariado que nasce, como fruto das contradições do regime da classe burguesa, como força de trabalho “livre” para vender-se ao melhor pagador, que transforma esta força em riqueza para a sua própria classe social, é expulso deste mundo que ele criou, e com ele cessa todo o antagonismo, toda luta de classes e contradições de interesses, e portado toda classe social. [...]

Disney, em seu reino de fantasia, levou ao auge o sonho publicitário e rosado da burguesia: riquezas sem salários, dólares sem suor no rosto. [...] O dano consiste em sonhar o sonho particular de uma classe como se fosse o de toda a humanidade (DORFMAN e MATTELART, 2002, p. 78).

Além da idealização de um tipo de vida, Dorfman e Mattelart apontam caracteres na literatura de Disney como a dominação do povo pobre e ingênuo pela inteligência superior da classe burguesa (mantendo o discurso de burguesia como representante dos Estados Unidos contra o resto do mundo), como vemos abaixo:

Não havendo outorgado aos bons selvagens o privilégio do futuro e do crescimento, todo o saque não aparece como tal, já que extirpa o que é supérfluo, prescindível, ninharia. O despojo capitalista irrefreável se encena com sorrisos e sedução. Pobres nativos. Como são ingênuos. Se eles não usam seu ouro, entretanto, o melhor é levá-lo. Servirá para alguma coisa em outra parte (DORFMAN e MATTELART, 2002, p. 59).

Tais citações exemplificam a forma como a literatura de massa pode ser utilizada de maneira parcial. No ano de 2001 Armand Mattelart, em entrevista ao jornal Folha de S. Paulo deu a seguinte declaração, a respeito da imagem de desbravadores dos patos de Patolândia (Estados Unidos) e o resto do mundo:

Os patos saem da metrópole e chegam em países que se chamam, por exemplo, Aztecland. São lugares que se pode identificar [no caso o México], mesmo se se trata de ficção. E, nestes países, os personagens estabelecem sempre uma relação de dominação. Justifica-se o roubo de riquezas porque o bom selvagem não sabe o valor das coisas (FOLHA DE S. PAULO, 04/12/2001).

Adorno e Horkheimer (2002, p. 186) teorizaram a respeito da comunicação de massa difundida por Disney: “Pato Donald mostra nos desenhos animados como os infelizes na realidade são espancados para que os espectadores se habituem com o procedimento”. No prefácio à edição brasileira de *Para ler o Pato Donald* (DORFMAN e MATTELART, 2002, p. 11) encontramos a seguinte ilustração, carregada em si de caracteres ideológicos disfarçados numa imagem de obra de ficção, como se contendo mensagens complementares com qualquer intenção subliminar – como introdução indireta ou fixação de conceitos. Pato Donald em um uniforme nazista, notem-se também os olhos claros e o aspecto pálido (semelhança ocasional com a raça ariana), aparece num cômodo em cujo papel de parede vê-se impressa a suástica (cruz gamada) símbolo do hitlerismo.

Orwell não explicita detalhadamente os procedimentos de criação das normas de produção de um romance no Departamento de Ficção (subseção no





Figura 4.1 Fonte: *Para ler o Pato Donald* (DORFMAN e MATTELART, 2002, p. 11)

Ministério da Verdade), apenas deixa claro, como vimos, tratar-se de um processo submetido à censura do Partido. Desta forma, considerando o contexto de um mundo onde não existe liberdade para vida pessoal, pensamento, expressão verbal e, como veremos mais adiante, de imprensa, podemos inferir que no campo dos romances de ficção e seus enredos fixos não haja grande diferença. Seria inconcebível, pois, que indivíduos *bempensantes* ao ponto de serem eleitos integrante do Esquadrão de Reescritores incutissem nas obras para as massas politicamente alienadas algo se não subsídio para tal alienação, o *prolealimento*.

Todo código é um sistema modelizante: trata-se de uma forma de regulação necessária para a organização e desenvolvimento da informação. Os códigos culturais são definidos como sistemas semióticos pois são estruturas de grande complexidade que reconhecem, armazenam e processam informações com um duplo objetivo: regular e controlar as manifestações da vida social, do comportamento individual ou coletivo. Segundo tal concepção

os seres humanos não somente se comunicam com signos como são em larga medida controlados por eles. Desde a mais tenra idade os homens são instruídos segundo códigos sociais da sociedade. A cultura não pode organizar a esfera social sem signos (OLIVEIRA, 2005).

Dando continuidade a esta análise de controle e conteúdo, podemos criar alguma paridade entre o *prolealimento* (ou a simples formação de uma fórmula para a cultura não-erudita, de massas) e a forma fixa que os romances do início do romantismo brasileiro adquiriram, como afirma o Sergius Gonzaga em seu artigo sobre as origens do romance romântico:

Os romances dos autores românticos europeus como Victor Hugo, Alexandre Dumas, Walter Scott e outros tornaram-se populares no Brasil através de sua publicação em jornais, depois de 1830, criando no público o gosto por um gênero ainda desconhecido entre nós.

Tanto na Europa quanto nas traduções brasileiras, essas narrativas eram primeiramente publicadas na imprensa, na forma de capítulos diários ou semanais, aumentando de maneira extraordinária a tiragem dos periódicos. Os leitores não escondiam seu entusiasmo pelo desenvolvimento das histórias, seduzidos pela sucessão de acontecimentos trepidantes, pelas emoções desenfreadas, pela linguagem acessível e pela ausência de qualquer abstração intelectual.

Tais romances receberam o nome de folhetins. Ao escrever um folhetim, o artista submetia-se às exigências do público leitor e dos diretores de jornais.

[...] O que determinava o desenvolvimento e o desfecho de uma narrativa era o gosto popular. Desta forma, ao criar um folhetim o escritor se sujeitava aos valores culturais e ideológicos do público, que desejava histórias melodramáticas e alienadas da realidade (GONZAGA, 2005).

Notemos que em 1984 o estímulo para formatação de um romance pelo Esquadrão de Reescretores não seria, como no fim do século 19, o gosto popular, mas sim os interesses do Partido. Sergius Gonzaga (2005) exemplifica no quadro e regras abaixo, em seu mesmo artigo, o perfil do conflito pré-estabelecido pela fórmula do romantismo europeu dos finais do século 19:

<b>Harmonia</b>	<b>Desarmonia</b>	<b>Harmonia final</b>
· felicidade · ordem social burguesa	· conflito · desordem · crise da sociedade burguesa	· reestabelecimento da felicidade · reordenação definitiva da sociedade burguesa, com o triunfo de seus valores

Figura 4.2

Com o tempo, os ficcionistas passaram a utilizar uma série de truques narrativos, repetidos até a exaustão.

Exemplo disso são os conflitos mais óbvios e recorrentes, vividos pelos protagonistas, e suas soluções quase sempre idênticas:

- a falta de dinheiro – o pobre casa com a rica e vice-versa, movido apenas pelo amor; ou um deles recebe grande herança de parente desconhecido, etc.

- a ausência de identidade – aparecem amuletos, retratos, objetos ou sinais corporais que provam o que se deseja provar, geralmente a origem nobre ou burguesa de um plebeu.

- a inexistência de testemunhos – surgem personagens, muitas vezes vindos das sombras, que ouvem conversações secretas ou recebem confissões proibidas, e que então confirmam uma identidade perdida ou inculpam alguém por um crime cometido.

Como regra geral, no último capítulo, após intensos tormentos, maldade e desolação, os obstáculos são removidos e o amor vence. Em vários romances, contudo, a ordem social é mais forte que a paixão e os amantes

acabam destruídos pelas conveniências e pelos preconceitos.

De qualquer maneira, o final de um folhetim tem sempre um caráter apoteótico e desmedido, seja na felicidade, seja na dor (GONZAGA, 2005)

O exemplo dos romances europeus do fim do século 19 ilustra, portanto, a maneira como um objeto de intenções artísticas pode ser padronizado a partir de regras que mantenham seguramente a constância nos resultados pretendidos. Se a “ausência de abstração intelectual” e “alienação da realidade” da categoria literária descrita por Gonzaga agradava ao público consumidor daquela época, podemos imaginar que a mesma alienação, por quaisquer outras vias condizentes ao contexto próprio, também suprisse os intuítos ideológicos do

Ingsoc. Desta forma, podemos aplicar o Paradigma de Lasswell aos romances do Departamento de Ficção da seguinte maneira:

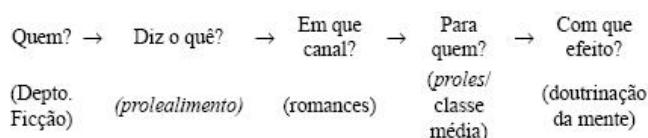


Figura 4.3

No teorema acima temos como emissor da mensagem o Departamento de Ficção, *prolealimento* é a mensagem, tendo como canal de difusão os romances, recebidos majoritariamente pelos *proles* com pequena penetração na classe média, tendo o efeito de reforçar regras sociais, evitar questionamentos, tacitamente manter o status quo. Em *Comunicação de massa, gosto popular e organização social*, Merton e Lazarsfeld (2002, p. 111) citam sobre os *mass media* “estes meios tomaram para si a tarefa de conformar o público de massa ao status quo social e econômico”. Mais adiante na mesma obra a dupla de autores desenvolve este argumento:

Pois esses meios não somente continuam a afirmar o status quo, mas, na mesma medida, deixam de levantar questões essenciais sobre a estrutura da sociedade. Portanto, levando ao conformismo e fornecendo pouca base para uma apreciação crítica da sociedade, os mass media, patrocinados comercialmente, restringem indireta mas efetivamente o desenvolvimento consciente de uma visão genuinamente crítica (MERTON e LAZARSELD, 2002, p. 121).

Substituamos, somente, no trecho acima a passagem “patrocinados comercialmente” por “guiados pelos interesses do Partido Interno” e teremos uma aplicação adequada à realidade de 1984.

A disfunção narcotizante aplica-se, pois, aos intuitos desta comunicação padronizada e sem possibilidade de mudanças. Se encontraram uma fórmula a ser perpetuada, entender-se-á ser esta efetiva em suas intenções. Tal fórmula, por ter formato específico para agir sobre um determinado público, evitaria através de sua constituição a ocorrência dos chamados “ruídos em comunicação”, que seriam neste caso ligados à possibilidade de pensamento alterodirigido. Em seu estudo científico *Três perfis do controlo do destino: o profético,*

o político e o midiático, o português Luís Carmelo teoriza sobre a ação da mídia ao narcotizar o público; segundo ele a mídia idealiza não um futuro, como acontecia no século 19, ou deus como no período de Locke e anterior; a mídia idealiza o próprio presente através de simulacros que não correspondem em propriedade ao real e calcados na instantaneidade soam como o perfectível possível. Tendo já o presente idealizado o futuro torna-se uma esperança vazia, sem substância:

A ilusão é uma das características centrais da nova época, e não só já um atributo lateral do controlo do destino. Por outras palavras, – se nos quadros profético e político, através de teosemioses ou de diversas racionalidades, se manietava um horizonte distante de modo a legitimar um presente, agora, na era mediática, o futuro já está sempre legitimado através da ilusão, ou do controlo quase absoluto, que se cumpre no presente (CARMELO, 1999).

Outro exemplo de criação de “fórmulas” adaptáveis a produtos de arte para melhores resultados no contexto de público massivo é citado por Gonzaga sobre a adaptação dos romances românticos europeus para a esfera brasileira. Gonzaga cita Joaquim Manoel de Macedo (1820 – 1888) como primeiro autor respeitável do romantismo brasileiro “Em 1844, veio à luz ‘A Moreninha’, de Joaquim Manoel de Macedo. [...] Esta narrativa ultrapassava a dimensão de simples cópia de folhetins europeus. Sob certos aspectos, estava nascendo o romance brasileiro” (GONZAGA, 2005). E o gênero no Brasil, para popularizar-se, valeu-se de suas próprias regras, como aponta Gonzaga:

Não por casualidade, na obra de Macedo os impulsos íntimos dos enamorados sempre se enquadram nas normas da família patriarcal. Nada de vulcões, nada de protestos, nada de desrespeito. O universo pré-capitalista brasileiro ainda não podia conviver com a liberdade sentimental. Até os vilões sabem adaptar-se às conveniências sociais. Como disse um crítico, só praticam a vilania na medida em que o enredo assim o exige. Quer dizer, o mundo narrativo de Macedo não tem abismos (GONZAGA, 2005).

Sucessor de Joaquim Manoel de Macedo, José de Alencar (1829 – 1877) retrataria em seu *O Guarani* a submissão da raça indígena perante os colonizadores portugueses. Gonzaga define este aspecto nos textos dos romances de Alencar: “a exaltação dos índios ocorre somente quando os mesmos perdem a sua identidade e os seus valores, integrando-se (sempre na condição

de súditos) à cultura dos conquistadores brancos” (GONZAGA, 2005). José de Alencar vale-se, em *O Guarani* do amor incondicional e religioso do índio goitacá Peri para com a portuguesa Cecília para embasar a total fidelidade do índio brasileiro para com os colonizadores. O seguinte diálogo entre D. Antônio de Mariz – personagem fidalgo – e Peri exemplifica tal apropriação ao contexto burguês da época em que o romance foi publicado; para defender sua “senhora” Peri atentara contra índios da tribo aimoré:

- Quem disparou dois tiros junto ao rio, quando tua senhora estava no banho?
- Foi Peri.
- Quem atirou uma flecha que caiu junto a Cecília?
- Um aimoré, respondeu o índio estremecendo.
- Por que a outra flecha ficou sobre o lugar onde estão os corpos dos selvagens?
- Peri não respondeu.
- É escusado negares; tua ferida o diz. Para salvar tua senhora, te ofereceste aos tiros dos inimigos; depois os mataste (ALENCAR, 1998, p. 205).

O *status quo* é reafirmado, uma vez mais, ao final do romance quando Peri, para tornar-se digno de salvar Cecília dos ataques dos aimorés, abdica de sua religião nativa e pede para ser feito cristão.

- Peri quer ser cristão! exclamou ele.
- D. Antônio lançou-lhe um olhar úmido de reconhecimento.
- A nossa religião permite, disse o fidalgo, que na hora extrema todo homem possa dar o batismo. Nós estamos com o pé sobre o túmulo. Ajoelha, Peri!
- O índio caiu aos pés do velho cavalheiro, que impôs-lhe as mãos sobre a cabeça.
- Sê cristão! Dou-te o meu nome.
- Peri beijou a cruz da espada que o fidalgo lhe apresentou, e ergueu-se altivo e sobranceiro, pronto a afrontar todos os perigos para salvar sua senhora (ALENCAR, 1998, p. 395).

As características de conservação de conceitos morais e sociais, como visto nos casos de Macedo e de Alencar, no surgimento do romantismo brasileiro adequar-se-iam ao gosto popular, visando o consumo da população. Em 1984 entender-se-á a pregação literária do *status quo* não como uma adequação, mas como uma imposição do governo totalitário.

Outra seção do Departamento de Ficção descrito pela personagem Júlia é o relacionado à produção de material pornográfico. Nomeado *Pornsec*, a subseção responsável pela produção de livretos pornográficos em 1984 é apresentada nos seguintes termos:

[Júlia] Até fora (sinal infalível da boa reputação) escolhida para trabalhar na Pornsec, a subseção do Departamento de Ficção que produzia pornografia barata para distribuição entre os proles. Os que lá trabalhavam lhe davam o apelido de Casa da Lama, observou ela. Ali permanecera um ano, ajudando a produzir livretos em envoltórios fechados, com títulos tais como Contos da Chibata ou Uma noite num Internato de Moças, comprados furtivamente por jovens proles, que tinham a impressão de adquirir algo ilegal (ORWELL, 2003, p. 126).

Reconsiderando a Teoria da Agulha Hipodérmica entender-se-á que as formas de cultura descritas até agora neste subcapítulo (romances e pornografia) atingem diretamente o indivíduo. Constituem duas diferentes formas de alienação, ou disfunção narcotizante. A primeira, dos romances, criando simulacros e doutrinando para aceitação social passiva; a segunda, do material pornográfico, fornecendo aos consumidores a ilusão de agir de forma heterodoxa, quando na verdade a própria transgressão é planejada.

David Reisman, em seu estudo *O turno da noite*, aborda o sexo como válvula de escape no comportamento humano:

O sexo, portanto, proporciona uma espécie de defesa contra a ameaça de apatia total. Esta é uma das razões por que a pessoa alterodirigida canaliza para o sexo tanta excitação. Recorre a ele como uma reafirmação de que se encontra vivo. [...] A pessoa alterodirigida dificilmente pode conceber um bem de consumo capaz de manter por qualquer espaço de tempo um domínio incontestado sobre a sua imaginação. Exceto talvez o sexo (REISMAN, 2002, p. 143).

A subseção de Pornografia no Departamento de Ficção, em 1984, agiria pois como uma disfunção narcotizante deliberada, um falso “ruído em comunicação”, tendo como fito saciar furtivamente os instintos sexuais da população, para que esta, desta forma conformando-se, se mantivesse fiel aos cânones (no que tange aos crimes sexuais) de ortodoxia do Partido.

Winston soube, estarrecido, que todos os trabalhadores da Pornsec eram moças, à exceção do chefe. A teoria era de que os homens, cujos instintos sexuais são menos controláveis que os das mulheres, corriam maior risco de ser contaminados pela imundície que lhes passava pelas mãos (ORWELL, 2003, p. 127).

Desta forma, no que tange ao conteúdo difundido pela *Pornsec*, a aplicação do Paradigma de Lasswell identificaria os seguintes agentes na condução informativa:

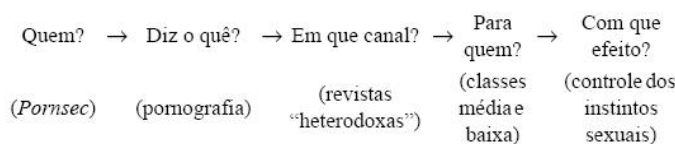


Figura 4.4

Comparando-se o teorema estabelecido acerca dos romances do Departamento de Ficção e a pornografia da *Pornsec* temos que a primeira indústria cultural gerava doutrinação gradativa, fixação de fórmulas sociais e alienação da própria realidade. A segunda forma de indústria cultural, por sua vez, visaria somente o controle de um instinto buscando fortalecer (ao tornar possível a submissão) as regras da abstinência sexual. Orwell não deixa claro em *1984* até que ponto a *Pornsec* atinge sua classe média fictícia; veremos que tal temática prolonga-se no próximo subcapítulo.

A terceira vertente de comunicação massiva difundida pelo *Ingsoc* abarca o segmento musical. Poucas informações tem-se a respeito do Departamento de Música, na obra de Orwell, além de alguns exemplos das canções muito populares entre os proles (não entre a classe média, definitivamente, como se percebe pelas impressões de Winston acerca de tais obras, e pelo fato de as canções destinadas à classe média compreenderem apenas temas militares, como se verá mais adiante).

Foi apenas uma fantasia desesperada,  
 Que passou como um dia de abril,  
 Mas um olhar, uma palavra, e os sonhos provocados,  
 Roubaram o meu coração gentil!  
 Havia semanas que a canção estava em voga em Londres.



Era uma das músicas sem conta, publicadas para os proles, por uma subseção do Departamento de Música. As letras era compostas, sem intervenção humana, num instrumento chamado versificador. Mas a mulher cantava com tamanho sentimento que transformava aquela horrível pieguice num som quase agradável (ORWELL, 2003, p. 134).

A mulher acima aludida trata-se de uma prole, observada por Winston enquanto cantava tais versos. A forma mecânica, sem intervenção humana, com que a criação de tais canções são concebidas sugerem a mesma adequação a normas fixas que se verificou nos romances. O objetivo de tal forma de comunicação também seria a alienação, através da difusão barata de versos de fácil assimilação. Anestesiando, levando o indivíduo ao esquecimento da própria realidade e rotina, conduzido a um sonho de pouca consistência – qualidade de pensamento seria indesejável (ruído). Vejamos o exemplo de outra quadra criada para o *prolealimento*:

Dizem que o tempo tudo cura,  
Dizem que tudo se pode esquecer,  
Mas os sorrisos e as lágrimas anos a fio,  
Ainda fazem meu coração sofrer (ORWELL, 2003, p. 210).

Seria consentâneo salientar a maneira sectária com que as temáticas focadas nos proles se definiram na área do sentimentalismo superficial. Uma vez que a massa dos *proles* não recebia – nem deveria receber – informações de cunho militar, compreende-se a alimentação de temas ligados ao sentimentalismo para tal camada da população. Era o que entenderiam, e também o que interessaria ao Partido fornecer. Alienar<sup>2</sup> do sistema político aqueles que pertencem ao bloco mais ínfimo do sistema social. Por sua vez, tal sentimentalismo musical, quando ouvido pela classe média, criada aos moldes do militarismo, soaria como impropérios baratos. Afinal, a classe média foi expropriada de seus próprios sentimentos. Como podemos notar, as formas de formação cultural interferem nestes caso na composição das classes e reafirma a manutenção das mesmas em seus pontos distintos.

---

<sup>2</sup> “A alienação social [é aquela], na qual os humanos não se reconhecem como produtores das instituições sociopolíticas e oscilam entre duas atitudes: ou aceitam passivamente tudo o que existe, por ser tido como natural, divino ou racional, ou se rebelam individualmente, julgando que, por sua própria vontade e inteligência, podem mais do que a realidade que os condiciona. Nos dois casos, a sociedade é o outro (alienus), algo externo a nós, separado de nós, diferente de nós e com poder total ou nenhum poder sobre nós” (ROST, 2005)

Destarte, o Paradigma de Lasswell, aplicado ao fluxo musical massivo existente na ditadura do *Ingsoc* apresenta a estrutura a seguir:

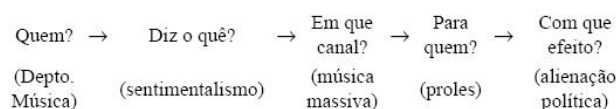


Figura 4.5

Os três Paradigmas de Lasswell reproduzidos neste subcapítulo trazem em comum o fato de que o emissor corresponde, nestas análises de comunicações massivas, a departamentos de meios estatais de difusão cultural. De sorte que podemos entender as três formas de cultura de massa anteriormente analisadas como constituindo uma mensagem lançada da classe alta, para as classes média e baixa, procurando alienar e fixar conceitos convenientes à elite, além de incutir nas duas classes sociais inferiores temáticas distintas, condicionando o pensamento para sustentar os parâmetros da estrutura social ao afastá-las ideológica e culturalmente.

Os *mass media* dirigem-se a um público incôscio de si mesmo como grupo social caracterizado; o público, portanto, não pode manifestar exigências face à cultura de massa, mas deve sofrer-lhe as propostas sem saber que as sofre. [...]

Tendem a provocar emoções intensas e não mediatas; em outros termos, ao invés de simbolizarem uma emoção, de representá-la, provocam-na; ao invés de sugerirem, entregam-na já confeccionada. Típico, nesse sentido, é o papel da imagem em relação ao conceito; ou então da música, como estímulo de sensações mais do que como forma contemplável. [...]

Encorajam uma visão passiva e acrítica do mundo. Desencorajam-se o esforço pessoal pela posse de uma nova experiência (ECO, 2000, pp. 40 – 41).

## 4.2 Uma versão social da disfunção narcotizante

Winston descreve uma lembrança em seu diário, uma narrativa interrompida pelas diversas impressões e pensamentos que tal recordação provoca no personagem, acompanhemos:

Faz três anos. Era uma noite escura, numa ruela sem luz, perto de uma grande estação ferroviária. Ela estava parada perto de uma porta, sob um lampião que mal iluminava o lugar. Tinha o rosto jovem, com pintura espessa. Foi realmente a pintura que me chamou a atenção, pois era branca como uma máscara, e os lábios muito vermelhos, brilhantes. As mulheres do Partido nunca se pintam. Não havia ninguém mais na rua, nem teletela. Ela disse dois dólares e eu... (ORWELL, 2003, p. 65).

Ela atirou-se na cama e, imediatamente, sem qualquer preliminar, da maneira mais grosseira e horrível que se pode imaginar, levantei-lhe a saia. [...] Quando a vi sob a luz, percebi que se tratava de uma velha, de uns cinquenta anos pelo menos. Mas fui em frente e fiz o que fora fazer (ORWELL, 2003, pp. 69 – 70).

Na descrição acima, Winston relembra a ocasião em que se valera dos serviços de uma prostituta, no passado. Tal espécie de transgressão social assemelha-se à compra de revistas pornográficas criadas pelo Partido; ambas as atitudes seriam aprioristicamente subversivas, não fossem planejadas pela classe dominante. Em 1984 não apenas através de material pornográfico saciava-se o instinto sexual humano, também a prostituição é tolerada, parcialmente, em nome de determinados objetivos.

Andar com prostitutas era proibido, naturalmente, mas era dessas regras que às vezes os militantes tinham coragem de quebrar. Era perigoso, mas não caso de vida ou morte. Ser apanhado com uma prostituta poderia significar cinco anos num acampamento de trabalhos forçados; apenas isso, se não houvesse outra infração. E era fácil, contanto que se evitasse ser surpreendido no ato. Os bairros pobres pululavam de mulheres prontas a se entregarem. [...] Tacitamente, o Partido se inclinava até a incentivar a prostituição, para dar saída a instintos que não podiam ser totalmente suprimidos. Mera luxúria não tinha maior importância, contanto que fosse furtiva e sem alegria, e só envolvesse mulheres de uma classe submersa e desprezada. O crime imperdoável era a promiscuidade entre membros do Partido (ORWELL, 2003, pp. 66 – 67).

Este exemplo de ruptura do estoicismo imposto à classe média pode ser interpretado, então, como uma versão social da disfunção narcotizante. Neste caso, alguma liberdade sexual seria a compensação para a submissão em todos

os outros âmbitos do comportamento. Ao aliviar-se sexualmente de maneira furtiva o indivíduo contentar-se-ia de momento. O sexo, entretantes, deve ocorrer, como explicita o trecho acima, entre um homem do Partido Externo e uma “mulher *prole*”. Evitar-se-ia de antemão, assim, qualquer forma de prolongamento ou relação entre os envolvidos, uma vez que pertencem a universos incongruentes.

Mander, em sua lista de normas autocráticas – traçando um paralelo entre o controle da tecnologia sobre o povo e a ditadura – cita como um de seus tópicos: “Separar as pessoas uma das outras: Reduzir a comunicação interpessoal através de estilos de vida que revelem a separação” (MANDER, 1999, p. 123), o que ilustra e corrobora o ideal traçado pelo *Ingsoc* para manter-se imune perante a possibilidade de união entre a classe média (Partido Externo) e os *proles*. Ao lançar o sexo livre sobre a comunidade dos *proles*, o Partido Interno elevava-se, em termos comparativos, por mostrar-se antípoda àqueles conceitos naturais (animais), dignos dos *proles* e desprezível para as demais camadas da sociedade.

Em citação a respeito de Orwell e Aldous Huxley, Mander explicita o mecanismo do domínio dos instintos naturais dos indivíduos em busca de passividade:

Tanto Huxley como Orwell reconheciam a complexidade dos sentimentos humanos e de qualquer experiência instintiva, ambos difíceis de controlar ao exporem realidades alternativas e significando, por conseguinte, um perigo para os controladores. Tudo o que estivesse ligado à consciência natural (“selvagem”) deveria ser ridicularizado e eliminado, ficando a experiência restringida a ambientes artificiais controlados. (MANDER, 1999, p. 119).

Desta forma, o controle sexual sublimaria as diferenças sociais entre a classe média e a baixa, depositando nesta última, a pejorativa permissividade a ser repelida pelos indivíduos considerados “mais civilizados” (membros do Partido). Dentro da classe média, Orwell explica a disciplina sexual:

Não só o amor como o erotismo eram o inimigo, tanto dentro como fora do casamento. Todos os casamentos entre membros do Partido tinham de ser aprovados por um comitê nomeado para este fim e – embora o princípio jamais fosse claramente declarado – a permissão era sempre recusada se o casal desse a impressão de haver qualquer atração física. O único fim reconhecido do casamento era procriar filhos para o serviço do Partido.

A cópula devia ser considerada uma pequena operação ligeiramente repugnante, como um clister. Isto tampouco era dito em voz alta, mas de modo indireto era ensinado a cada membro do Partido, desde a infância (ORWELL, 2003, p. 67).

Há também outras duas formas de disfunções narcotizantes deliberadas no que tange ao meio social idealizado por Orwell: a bebida e a loteria. A primeira categoria é servida nas rações mensais de víveres tal como nos restaurantes do Partido. Comumente encontramos personagens servindo-se de bebidas alcoólicas como gim e cerveja na narrativa do romance, seja após as refeições nas cantinas dos Ministérios, seja nos bares dos *proles*. Poderíamos interpretar esta forma de estímulo à adição alcoólica como uma válvula de escape, como acontece com o sexo. Também a bebida consumida difere-se entre cada classe social; no trecho abaixo lemos sobre uma visita de Winston a um bar de *proles* e, em seguida, uma visita à residência de O'Brien, membro do Partido Interno:

O moço serviu dois meios-litros de cerveja marrom escura em canecas que enxaguara num balde debaixo do balcão. Nos bares dos *proles* só se podia tomar cerveja.

Não lhes era permitido tomar gim, conquanto, na prática, fosse fácilimo arranjá-lo (ORWELL, 2003, p. 89).

Visto de cima, o líquido parecia quase negro, mas no frasco brilhava como um rubi. Tinha um cheiro agridoce.

Viu Júlia apanhar o copo e cheirá-lo com cândida curiosidade.

– Chama-se vinho. – informou O'Brien, com a sombra de um sorriso. – Sem dúvida leste a respeito do vinho nos livros. Mas não são muitos do Partido Externo que o conhecem (ORWELL, 2003, p. 165).

A respeito do álcool, Mander (1999, p. 123) teoriza: “As drogas preencherão o vazio da insatisfação, incapacitando as pessoas de reagir em manifestações de resistência organizada”, como sendo mais um dos tópicos comuns entre governos autoritários e estímulos de submissão propagados por meios de comunicação.

Se o sexo, livre entre os *proles*, encontrava no Partido Externo campo de ação narcotizante – disfuncional se considerada como estímulo ao comodismo e passividade – e a bebida permeava ambas as classes sociais inferiores vastamente, a terceira forma de disfunção social reflete-se somente na camada dos *proles*. A loteria, publicada nos jornais, como uma forma de comunicação

– que é – ao agir sobre o imaginário popular o impelia a sonhar com cifras exorbitantes, com a grande sorte de ascender socialmente.

A Loteria, com seus enormes prêmios semanais, era o acontecimento público a que os proles davam a maior atenção. Era provável que houvesse milhões de proles para quem a Loteria era o principal, se não o único, motivo de continuar a viver. Era o seu deleite, sua loucura, seu ópio, seu estimulante intelectual. Quando se tratava de Loteria, até as pessoas que mal sabiam ler e escrever faziam intrincados cálculos e fantásticas proezas de memória. Havia um exército de homens que ganhava a vida graças à simples venda de sistemas, previsões e amuletos. [...] Em grande parte os prêmios eram imaginários. Na realidade, só eram pagas pequenas quantias, sendo pessoas inexistentes os ganhadores da sorte grande. Na ausência de qualquer intercomunicação real entre uma parte e outra da Oceania, não era difícil arranjar isso (ORWELL, 2003, pp. 86 – 87).

Notemos que a Loteria, acima descrita como “deleite, loucura e ópio” dos *proles*, em verdade pode ser tomada como uma farsa, uma vez que os prêmios são “imaginários”. Farsa que, por sua vez, é mantida devido à falta de “intercomunicação real” entre as partes da Oceania.

Entender-se-á o mecanismo do jogo supracitado como narcotizante e alienante, se considerarmos que ele exclui o indivíduo do contexto social e político, conduzindo-o ao imaginário fantástico da grande premiação – que nunca é contestada como falsa. Temos desta forma outro fluxo informativo aplicável ao Paradigma de Lasswell:

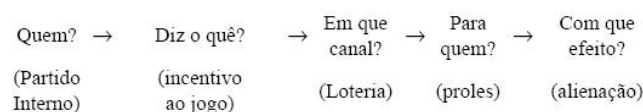


Figura 4.6

### 4.3 Teletelas e o Cinema

Nos subcapítulos anteriores iniciamos a análise acerca da maneira como as comunicações (livros, músicas, loteria) e disfunções narcotizantes (estímulos à

alienação) apresentam-se de diferentes formas para as distintas classes sociais em 1984. Nas palavras de Adorno e Horkheimer encontramos uma definição dos motivos que impeliriam a elite emissora de tais fluxos de mensagens a moldar o conteúdo das informações visando atingir as diferentes esferas receptoras (públicos):

Distinções enfáticas, como entre filmes de classe A e B, ou entre histórias em revistas a preços diversificados [...] servem para classificar e organizar os consumidores a fim de padronizá-los. Para todos, alguma coisa é prevista a fim de que nenhum possa escapar; as diferenças vêm cunhadas e difundidas artificialmente. O fato de oferecer ao público uma hierarquia de qualidades em série serve somente à quantificação mais completa.

Cada um deve-se portar, por assim dizer, espontaneamente, segundo o seu nível, determinado a priori por índices estilísticos, e dirigir-se à categoria de produtos de massa que foi preparada para seu tipo (HORKHEIMER e ADORNO, 2002, p. 172).

Neste subcapítulo demonstraremos, numa análise dos meios, a ação do veículo de comunicação de nome *teletela* criado por Orwell em 1984. Não apenas voltada para um público específico como onipresente, veremos esta espécie de “televisores” como possíveis hipérboles orwellianas no que diz respeito à capacidade de formação ideológica de um público – as *teletelas* não são assistidas apenas, elas também assistem a população, vigiando e controlando diretamente o público. Esta análise “teletelevisiva” vem encerrar o capítulo, que visou retratar o tom profético na ficção de Orwell a respeito dos meios massivos de comunicação, meios estes que naqueles fins de anos 40 expressavam-se numa escala bem menos desenvolvida que a atual.

Orwell descreve, logo nas primeiras páginas do romance:

Dentro do apartamento uma voz sonora lia uma lista de cifras relacionadas à produção de ferro-gusa. A voz saía de uma placa metálica retângula semelhante a um espelho fosco, embutido na parede direita. [...] O aparelho (chamava-se teletela) podia ter o volume reduzido, mas era impossível desligá-lo de vez. [...] A teletela recebia e transmitia simultaneamente. Qualquer barulho que Winston fizesse, mais alto que um cochicho, seria captado pelo aparelho; além do mais, enquanto permanecesse no campo de visão da placa metálica, poderia ser visto também. (ORWELL, 2003, pp. 05 – 06).

Os personagens pertencentes à classe média de 1984 vivem sob a submissão inconsciente provocada pelas *teletelas*. A classe baixa é livre dessa forma de controle do comportamento, recebendo apenas as sugestões psicológicas e influências através dos demais meios massivos de informação abordados neste capítulo. Para atingir a classe média o Partido Interno vale-se das *teletelas*, para divulgação da cultura cívica e domínio do comportamento.

Era terrivelmente perigoso deixar os pensamentos vaguearem num lugar público, ou no campo de visão de uma teletela. A menor coisa poderia denunciá-lo. Um tique nervoso, um olhar inconsciente de ansiedade, o hábito de falar sozinho – tudo que sugerisse anormalidade, ou algo de oculto. De qualquer forma, uma expressão facial imprópria (ar de incredulidade quando anunciavam uma vitória, por exemplo) era em si uma infração punível (ORWELL, 2003, p. 63).

Os membros da elite governamental, a seu tempo, são livres do jugo imposto pelas teletelas; a classe alta imaginada por Orwell, uma vez criadora dos preceitos divulgados por tal meio de comunicação, não se mantém sob a censura e a propaganda política intermitentes infligidas aos membros da classe média. Vejamos a passagem em que Winston e Júlia visitam a habitação de O'Brien:

Quando O'Brien passou pela teletela, um pensamento pareceu vir-lhe à mente. Deteve-se, voltou-se e apertou um comutador na parede. Houve um estalido seco e a voz parou.

Júlia soltou uma pequena exclamação, uma espécie de guincho de surpresa. Mesmo em meio ao seu pânico, Winston ficou tão admirado que não pôde deixar de exclamar:

– Desligou a teletela!

– Sim – disse O'Brien –, desliguei. Nós temos esse privilégio (ORWELL, 2003, pp. 163 – 164).

McLuhan desenvolveu o conceito de “Aldeia Global” ao estudar o meio de comunicação televisivo. Segundo ele, o chamado “homem eletrônico” estaria livre do caráter introspectivo e individualista dos consumidores da mídia impressa (livros e jornais) – nomeados por ele “homens gutenbergianos” – ao consumir o conteúdo globalizante e capaz de reunir, numa mesma realidade, indivíduos localizados em extremos geográficos e/ou sociais.



O homem eletrônico, envolvendo-se cada vez mais profundamente nas realidades da condição humana, não pode aceitar a estratégia da cultura escrita. [...] Sem pretender deitar moral, pode-se dizer que a era da eletricidade, envolvendo profundamente os homens uns nos outros, terminará por rejeitar essas soluções mecânicas.

É mais difícil prover a singularidade e a diversidade do que impor padrões uniformes de educação em massa; mas as condições elétricas, mais do que em qualquer outra época, tendem a engendrar justamente essa singularidade e essa diversidade (McLUHAN, 1964, p. 355).

A “Aldeia Global” de McLuhan, aplicada ao *1984* de Orwell, exigiria, para tornar-se real, a integração de todas as classes sociais na recepção das informações – o que, como vimos, não ocorre; as *teletelas* dedicam-se somente à classe média. Poderia haver, entretanto, uma singularidade entre esta classe média criada pelo consumo do material “teletelevisivo”? Afirmaremos que sim, a partir do momento em que todos no Partido Externo são submetidos ao fluxo de informação e, através da ideologia de pensamento e língua, aceitam de forma acrítica o material consumido. A interação é ainda maior a partir do momento em que a *teletela* não apenas alimenta de dados como colhe sons e imagens. A “Aldeia Global” que para McLuhan igualaria intelectualmente os homens, em Orwell iguala uma de suas classes sociais em seu nível de submissão e doutrinação da mente. “No *1984* de Orwell, era o Grande Irmão que se comunicava pela TV, enquanto os subversivos tinham que correr de um lado para o outro com mensagens escritas à mão” (WRIGHT, 2000, p. 205).

Já a teoria de McLuhan acerca dos meios quentes e frios pode desenvolver-se, quando aplicada sobre as teletelas de Orwell, como o mais frio dos meios, uma vez que o pensador caracterizava como “frios” os meios que permitiam maior interação e menor definição. As *teletelas*, ao emitirem sons e imagens tocaram em dois dos sentidos humanos (audição e visão). A interação, ao vigiar os indivíduos, agiria diretamente sobre o comportamento humano, inibindo. Tal interação potencializa-se se levarmos em conta o mistério acerca de quando cada residência era censurada pela Polícia do Pensamento, como lemos no trecho abaixo:

Naturalmente, não havia jeito de determinar se, num dado momento, o cidadão estava sendo vigiado ou não.

Impossível saber com que frequência, ou que periodicidade, a Polícia do Pensamento ligava para a casa deste ou daquele in-

divíduo. Era concebível, mesmo, que observasse todo mundo ao mesmo tempo (ORWELL, 2003, p. 06).

Este alto nível de interação sensorial e psicológica conferiria, assim, às *teletelas* o posto de mais interativo meio de comunicação. Como se lançando mão de um recurso supra-real Orwell concebesse os efeitos futuros que a televisão poderia tomar para si. Desenvolvendo este paralelo entre autores; se, como vimos, McLuhan classificava a eficácia de um meio de comunicação pelo número de sentidos humanos que tal meio é capaz de influenciar, encontramos no vaticínio de Orwell um tipo capaz não apenas de estimular a audição e a visão como produzir o retorno desejado através de sua característica receptora de *feedback* – a *teletela* se retroalimenta.

Desta forma podemos estabelecer o seguinte teorema:

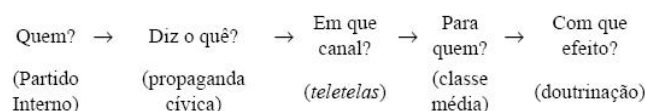


Figura 4.7

Também o britânico Aldous Huxley em seu romance *Admirável Mundo Novo*, de 1932, idealizava meios de comunicação que tocassem os sentidos humanos amplamente, tendo a sinestesia<sup>3</sup> como fito maior. Para isso Huxley criou instrumentos musicais capazes de emitir perfumes, e o cinema sensível, através do qual o tato de todo o corpo era estimulado por sensores durante a apresentação de filmes.

O órgão de perfumes tocava um Capricho Herbáceo deliciosamente fresco – arpejos saltitantes de tomilho e alfazema, de alecrim, manjerição, murta e estragão; uma série de modulações audaciosas, passando por todos os tons das especiarias até o âmbar cinzento; e um lento retorno, através do sândalo, da cânfora, do cedro e do feno recém-ceifado (com tonalidades sutis, por momentos, de notas discordantes – uma baforada de pastel de rins, uma pitada mínima de esterco de porco) aos aromas simples com os quais a melodia começara.

O último acorde de tomilho desvaneceu-se, ouviram-se aplausos, as luzes se reacenderam (HUXLEY, 2004, p. 203).

<sup>3</sup> Utilização de apelos ao maior número de sentidos humanos possível num discurso oral ou escrito.

Também em *Admirável Mundo Novo* encontramos exemplos de como a difusão de produtos culturais podem reafirmar e fixar no público receptor os conceitos e regras sociais de um determinado lugar e época. No mundo fictício criado por Huxley, como no do Orwell, há grande diferença entre as classes sociais, o que deve ser totalmente aceito pelos integrantes das diferentes classes para o bom funcionamento do sistema social como um todo – notemos

a base positivista comum entre as coletividades idealizadas por Orwell e Huxley. Mas no contexto de *Admirável Mundo Novo* o que impera sobre o indivíduo levando-o a integrar-se<sup>4</sup> totalmente ao meio não é a opressão como no panorama de *1984*, mas sim o prazer, difundido principalmente através do sexo livre e das drogas.

Vejamos no trecho abaixo um exemplo da difusão e fixação dos costumes através do enredo de um filme de cinema sensível descrito por Huxley:

O enredo do filme era extremamente simples. Alguns minutos depois dos primeiros “uhs” e “aahs” [...] o negro era vítima de um acidente de helicóptero e caía de cabeça. Pan! Que ferroada de um lado a outra da testa!

Um coro de uis e ais elevou-se dentre os espectadores.

O choque transtornou todo o condicionamento do negro. Este sentiu-se tomado de uma paixão exclusiva e demente pela Beta loura. Ela protestou. Ele insistiu. [...]

A Beta Loura foi raptada e mantida em pleno céu, pairando, durante três semanas, em um tête-a-tête ferozmente anti-social com o negro louco. Por fim, depois de uma longa série de aventuras e muitas acrobacias aéreas, três jovens e belos Alfas conseguiram libertá-la.

O negro foi mandado para um Centro de Recondicionamento de Adultos e o filme terminou de um modo feliz e decoroso, com a Beta loura tornando-se amante de seus três salvadores. (HUXLEY, 2004, p. 205)

As nomenclaturas “Alfa” e “Beta” no trecho acima referem-se às duas classes sociais superiores no mundo ficcional de Huxley. Notemos como o produto cultural em questão – filme – consolida as posições sociais. Somente depois de um acidente um indivíduo de classe inferior no contexto do romance (negro) se julgou digno de requestar uma mulher Beta. Ao fim o transgressor da ordem social é punido e membros da elite Alfa salvam a moça Beta. Ela, que por ser mulher pode candidatar-se ao interesse sexual da classe superior

<sup>4</sup> Alusão ao conceito de Umberto Eco.

à sua, e eles, heroicos como lhes cabe socialmente, comemoram o vigor do arcabouço social através do sexo livre.

Notemos como no cinema descrito por Orwell a estrutura da sociedade também é reafirmada pelo “produto cultural”, porém de maneira mais ríspida que no estilo de Huxley, de acordo com a atmosfera repressiva e de guerra de 1984; o trecho a seguir é um dos relatos de Winston Smith em seu diário, daí a linguagem lacônica condizente ao pensamento alimentado pela *Novilíngua*:

4 de abril de 1984. Ontem à noite ao cinema. Tudo fitas de guerra. Uma muito boa dum navio cheio de refugiados bombardeado no Mediterrâneo. Público muito divertido com cenas de um homenzarrão gordo tentando fugir nadando dum helicóptero, primeiro se via ele subindo descendo nágua que nem golfinho, depois pelas miras do helicóptero, e daí ficava cheio de buracos o mar perto ficava rosa e de repente afundava como se os furos tivessem deixado entrar água. público dando gargalhadas quando afundou. [...] havia uma mulher de meia-idade talvez judia sentada na proa com um menino duns três anos nos braços. garotinho gritando de medo e escondendo a cabeça nos seios dela como querendo se refugiar e mulher pondo os braços em torno dele e consolando apesar de também estar roxa de medo. [...] então o helicóptero soltou uma bomba de 20 quilos em cima deles clarão espantoso e o boto virou cisco. daí uma ótima fotografia dum braço de criança subindo subindo subindo um helicóptero com câmara no nariz deve ter acompanhado e houve muito aplauso no lugar do partido mas uma mulher da parte dos proles de repente armou barulho e começou gritar que não devia exhibir fita assim pras crianças (ORWELL, 2003, pp. 11 – 12).

Podemos assinalar que o cinema, diferente da *teletela*, atinge as três classes de 1984. Temos acima a perspectiva de Winston (Partido Externo) sobre o produto cultural em questão. Notemos a frieza e naturalidade para com o tema de guerra. Vejamos também o entusiasmo do Partido Interno após a cena de bombardeio e a revolta de uma prole. É um claro exemplo das diferentes ideologias das classes perante o filme, o que reforça a discussão deste capítulo a respeito da construção da mentalidade das diferentes classes de 1984 a partir da alimentação cultural destes grupos. Assim sendo, vimos a reação da elite como sendo o entusiasmo; a classe média mostrando passividade enquanto a representante dos proles, cívica e militarmente alienados, reagiu com revolta.

Não há especificamente em 1984 muitas indicações de qual seria o público alvo da indústria cultural cinematográfica – diferente do que se explicita a

respeito do *prolealimento* e da cultura cívica. Aceitando-se a possibilidade de que o cinema seria aberto a todas as classes como se pode comprovar na última citação, encontramos a seguinte representação das estruturas de seus agentes:

imagens-ficheiros/image41

Figura 4.8

Mander em seu *Quatro argumentos para acabar com a televisão* desenvolve um trabalho crítico sobre a ação e influência da televisão na sociedade contemporânea. Condensando as teorias de Mander podemos nos focar nos “quatro argumentos” propriamente ditos mencionados por ele no título de sua obra. Tais ideias reúnem, de forma geral, argumentos comuns aos críticos da televisão e seus efeitos como meio de formação e informação de massas. Vejamos, em seguida, os quatro argumentos de Mander, consecutivamente:

Ao passarmos a viver em ambientes completamente artificiais, rompeu-se o nosso contacto directo com o planeta, alterando-se o nosso conhecimento do

mesmo. Desligados, como astronautas flutuando no espaço, não podemos agora distinguir o alto do baixo ou a realidade da ficção. Estas condições favorecem a implantação de realidade arbitrárias (MANDER, 1999, p. 61).

A teoria de Mander acima exposta explora a possibilidade de que, ao afastar o homem de atividades que o ligavam à natureza do planeta, a televisão suplanta a própria natureza animal do homem, tornando-o menos humano e mais suscetível à recepção de ideias e imagens virtuais. Em 1984 a decadência urbana e física podem ser indicadas como suplementos desta ação midiática<sup>5</sup>. Ao viver num mundo destruído e ter a própria saúde enfraquecida pela alimentação deficiente o povo aceitaria melhor, podemos inferir, os ideais cívicos, o progresso fictício alardeado via teletelas. “Os media servem, neste contexto, para confirmar o valor do mundo arbitrário em que vivemos. O papel da televisão é projectar esse mundo, através de imagens, no nosso cérebro, acção simultânea dirigida a todos nós” (MANDER, 1999, p. 83).

Não é por acaso que a televisão pôde ser controlada por um punhado de conglomerados comerciais. Nem é por acaso que foi usada para recriar seres humanos e comerciais.

<sup>5</sup> O termo “midiático” é derivante de mídia e equivale ao “mediático” do português lusitano, que por sua vez deriva de “medium”, equivalente direto de “meio”.

Uma conspiração de factores tecnológicos e económicos levou inevitavelmente a essa situação, continuando a fazê-lo (MANDER, 1999, p. 141).

O segundo argumento trata de um contexto claramente capitalista. Transpondo-o para a realidade do Socialismo Inglês entenderemos que os controladores das *teletelas*, a elite, sem discussão controlam tal canal de comunicação para suprir suas necessidades ideológicas – como no capitalismo, apontaria Mander, a televisão é utilizada para, através da artificialização da realidade, levar à insatisfação e ao consumismo. “Seres humanos satisfeitos com a experiência natural, desde a sexualidade e a amamentação às mudanças de humor, não produzem tanto quanto os não-tão-satisfeitos, em busca de [...] objectos para substituir a experiência” (MANDER, 1999, p. 149). Se, outrossim, a artificialização no capitalismo levaria ao consumo de produtos, no Ingsoc levaria à aceitação das cifras falsas e ideologias do governo.

A tecnologia televisiva desencadeia respostas neurofisiológicas nos seus espectadores. Pode criar doenças e decerto gera confusão e submissão a um mundo externo de imagens. Em termos globais, os efeitos observados traduzem o condicionamento necessário ao controlo autocrático (MANDER, 1999, p. 193)

O desenvolvimento de Mander para este argumento prega que na ausência de críticas naturais – aquelas às quais o indivíduo chega através do empirismo diário de sua própria experiência – o indivíduo estaria mais suscetível ao pensamento “pronto” oferecido pela mídia. “Nestas condições, ao poder somente recorrer às imagens cerebrais, o sujeito fica invulgarmente vulnerável à sugestão” (MANDER, 1999, p. 210).

Juntamente com a venalidade dos que a controlam, a tecnologia televisiva predetermina os limites de seu conteúdo. Existe informação transmissível na íntegra, outras apenas em parte e ainda um tipo de informação não transmissível. As telecomunicações mais eficazes consistem nas mensagens e programas fáceis, simples e lineares, adaptáveis às intenções de quem controla os media para fins comerciais. A publicidade transformou-se no maior triunfo da televisão. Isto não pode ser alterado. Esta tecnologia implica manipulação. (MANDER, 1999, p. 210)

A limitação do pensamento através de conteúdos intelectualmente rasos, destarte, facilitaria o consumo da publicidade governamental em 1984, de

acordo com o último argumento de Mander. Note-se como poderia ser, assim, concomitante, a ação da *Novilíngua* e das *teletelas* no fito de alienar a classe média da sociedade criada por Orwell.

Através do personagem “Grande Irmão”, líder político do sistema *Ingsoc*, a televisão holandesa no ano de 1999, criou o programa de nome *Big Brother*<sup>6</sup>, no qual indivíduos selecionados passam semanas trancados em uma casa repleta de câmaras, sendo filmados e assistidos pelo público, que escolhe, ao final, um ganhador para uma quantia em dinheiro. Difundido em diversos países do mundo o programa *Big Brother*, em sua versão brasileira, foi combustível para a seguinte charge de Laerte, publicada pelo jornal *Folha de S. Paulo*, no caderno temático *TV Folha*, a 10 de fevereiro de 2002:

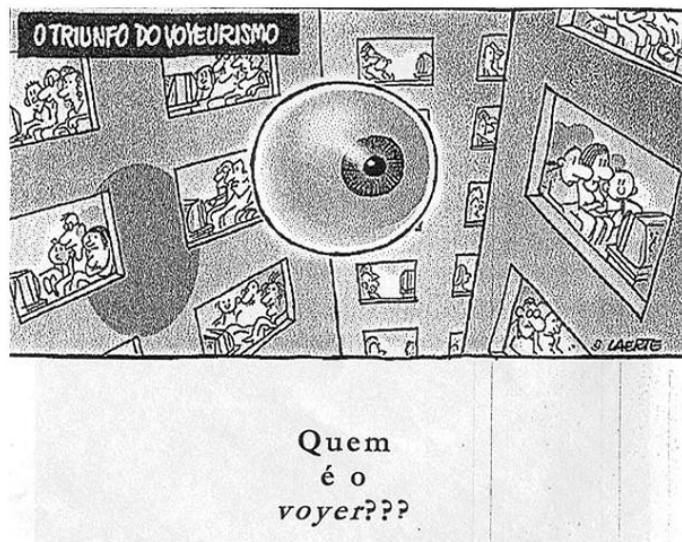


Figura 4.9

Podemos realizar a leitura da imagem nesta charge da seguinte maneira: o título *O triunfo do voyeurismo*<sup>7</sup> mostra-se verdadeiro a partir do momento em que, ligados a um aparelho de televisão para consumir a vida de outrem como “Grandes Irmãos”, os cidadãos em verdade ficam vulneráveis à observação da mídia, sendo nossos televisores as *teletelas* de Orwell, e a mídia – com seus censores e publicitários –, o verdadeiro voyer<sup>8</sup>.

<sup>6</sup> A nomenclatura literal em língua inglesa para “Grande Irmão”.

<sup>7</sup> Fetiche cujo prazer reside no ato de observar outras pessoas em diferentes atitudes.

<sup>8</sup> Praticante do voyeurismo.

Uma boa maneira de encarar a televisão [...] é compará-la a uma espécie de telescópio dando voltas no céu em busca constante e que, de súbito, do alto do seu pedestal, foca um único ponto do planeta, onde um pequeno grupo de pessoas se envolve em um tiroteio. Seleciona esse acontecimento a partir de milhões e milhões de outros pequenos eventos possíveis, enviando-o através do espaço para as antenas de televisão, fazendo-o chegar [...] a cerca de 30 milhões de pessoas sentadas em suas casas numa sala escura, de olhar imóvel [...]

Todos os 30 milhões gravaram as mesmas imagens que, vindas de um ponto longínquo, se transformaram na sua experiência naquele momento (MANDER, 1999, p. 327)



## Capítulo 5

# Jornalismo Estatal em *1984*

Lá fora faz um tempo confortável  
A vigilância cuida do normal  
Os automóveis ouvem a notícia  
Os homens a publicam no jornal  
(“Admirável Gado Novo”, Zé Ramalho)<sup>1</sup>

Passada a apresentação dos meios massivos de comunicação cultural existentes no panorama de *1984*, estudados nos capítulo anterior, partamos para a apresentação da comunicação jornalística dentro do romance. Neste capítulo veremos como o Ministério da Verdade, responsável pela adequação da mídia à realidade conveniente ao poder realiza seu trabalho na narrativa de Orwell, demonstrando os fitos das modificações realizadas nos textos e imagens jornalísticas.

Através de um panorama histórico pretendemos também, no interdiscurso deste quarto capítulo, traçar uma ligação concreta entre as personagens e suas trajetórias dentro da ficção orwelliana e personagens da história política real, chegando assim à crítica de Orwell a um sistema e uma sociedade, o que acrescentaria ao caráter da obra de ficção valores políticos superiores ao tom da ficção supra-real.

O Ministério da Paz ocupa-se da guerra, o da Verdade com as mentiras, o do Amor com a tortura e o da Fartura com a fome.  
Essas contradições não são acidentais nem resultam da hipocrisia

---

<sup>1</sup> O título desta canção faz alusão, como na epígrafe que ilustra o terceiro capítulo deste trabalho, à obra *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley.

ordinária: são exercícios inconscientes de duplipensar. Pois é só reconciliando contradições que se pode reter indefinidamente o poder (ORWELL, 2003, p. 208)

## 5.1 Ministério da Verdade

O Ministério da Verdade compreende, na obra de Orwell, um conjunto de departamentos diversos responsáveis pela adulteração, reescrita, adequação e produção de materiais informativos. Estudaremos neste capítulo o mecanismo de adulteração das informações jornalísticas no chamado Departamento de Registro, produzindo uma espécie de jornalismo estatal, sempre consoante às previsões governamentais, sempre adulterável, como num tipo de combustível para a prática do *duplipensar*.

O jornal daquele dia continha uma notícia sobre a produção real, pela qual se verifica que as profecias estavam redondamente erradas. O serviço de Winston era retificar as cifras originais, fazendo com que concordassem com as posteriores. [...] Assim que Winston providenciou as correções ordenadas, prendeu com um grampo as correções falascritas aos exemplares correspondentes do Times e meteu-os no tubo pneumático.

Daí, com um movimento tão inconsciente quanto possível, amassou o recado original e as notas que havia feito e atirou-as no buraco da memória, para pasto das chamas (ORWELL, 2003, pp. 40 – 41)

Como vimos, o labor de Winston no Departamento de Registro consiste na reescrita de jornais antigos, adequando as notícias à credibilidade ansiada pelo Partido. Uma vez corrigido, o substrato do trabalho intelectual de adulteração (supracitados como “recado original e notas”) é lançado ao buraco da memória, abertura na parede que conduz as provas da adulteração à incineração.

Dia a dia e quase minuto a minuto o passado era atualizado. Desta forma, era possível demonstrar, com prova documental, a correção de todas as profecias do Partido; jamais continuava no arquivo uma notícia, artigo ou opinião que entrasse em conflito com as necessidades do momento. [...] A maior seção do Departamento de Registro, muito maior do que a de Winston, consistia simplesmente de gente que tinha por obrigação procurar e separar todos os exemplares de livros, jornais e outros documentos superados e por isso destinado à eliminação.

Continuava no arquivo, com a data original, uma porção de Times que talvez, por causa de modificações do alinhamento polí-

tico, ou profecias erradas do Grande Irmão, haviam sido alterados uma dúzia de vezes, e não

havia outros exemplares que pudessem contradizê-lo (ORWELL, 2003, pp. 41 – 42)

A respeito da dimensão do Ministério da Verdade, encontramos na seguinte passagem uma descrição do aspecto físico da referida instituição:

Para cima, para baixo, para os lados, havia outros enxames de servidores executando uma inimaginável multidão de tarefas. Havia as enormes oficinas gráficas [...]

Havia batalhões de investigadores de referências [...]

Havia os vastos depósitos [...] E funcionando anonimamente não se sabia como, nem onde, ficava o cérebro orientador, que coordenava todo o trabalho e fixava diretrizes, mandando conservar este ou aquele fragmento do passado, falsificar outro, e eliminar completamente aquele outro (ORWELL, 2003, pp. 43 – 44)

Com base no que analisamos a respeito dos preceitos da *Novilíngua* e do *duplipensar*, responsáveis pela limitação do pensamento e indução à ortodoxia mental, é justificável que tanto a língua quanto a forma de pensamento fossem introduzidas na população do Partido Externo, como é, já que cabe a esta classe média o trabalho nos Ministérios governamentais. No trecho abaixo temos o bilhete com a ordem para reescrita de uma notícia.

Notemos a diferença na extensão entre a mensagem redigida em *Novilíngua* e a tradução para inglês comum. Como vimos a respeito dos preceitos do idioma criado por Orwell em *1984* a abreviação dos termos políticos – Vocabulário B – tem como intento reduzir a carga ideológica dos mesmos.

times 3.12.83 notícia ordemdia gi dupliplusimbom refs impessoas reescreve compl subsuper prearquivo.

Em Anticlíngua (ou inglês comum) se poderia traduzir:

A notícia da Ordem do Dia do Grande Irmão no Times de 3 de dezembro de 1983 é extremamente insatisfatória e faz referência a pessoas não existentes. Reescreve por completo e submete a minuta à autoridade superior antes de arquivar (ORWELL, 2003, p. 45)

De sorte que podemos aplicar o Paradigma de Lasswell não apenas à atividade do Ministério da Verdade na direção de seus receptores (público leitor) como também é possível tal intelecção a respeito dos agentes envolvidos na

própria ordem de adulteração da documentação histórica – jornalística – por parte do alto escalão do Departamento de Registro na direção de seus subordinados (levando em consideração, sempre, que tais subordinados são pertencentes à classe média, habituados ao *duplipensar* e à *Novilíngua*, e o idioma é utilizado para redação dos bilhetes com ordem de retificações). Chegamos, portanto, à seguinte demonstração:

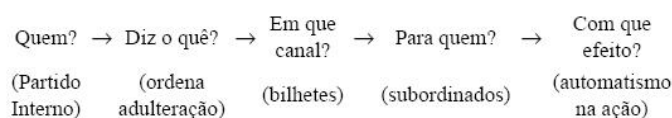


Figura 5.1

Já o produto final da adulteração, atingindo a sociedade geral como público, registraria os seguintes agentes quando submetido ao Paradigma de Lasswell:

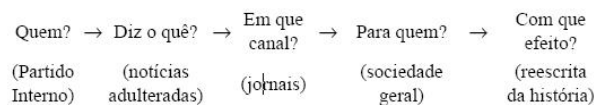


Figura 5.2

Em outra de suas obras, a fábula intitulada *A revolução dos bichos*, George Orwell já exemplificara, no ano de 1945, a utilização da informação como forma de manipulação das massas. Na obra, que tem animais como personagens, diferentes espécimes de bichos habitantes de uma fazenda revoltam-se contra os humanos e expulsam os donos do solar, instituindo um sistema de direitos iguais entre si; os animais passam a administrar por si sós a fazenda onde vivem. Não demora, entretanto, para que alguns espécimes comecem a valer-se de maiores direitos em relação às outras: os porcos nomeiam-se a elite intelectual e passam a diferenciar seus direitos, de maneira camuflada, em relação aos outros animais.

Sabiam que a vida estava difícil e cheia de privações, que andavam constantemente com frio e com fome e trabalhando sempre que não estava dormindo. Mas, sem dúvida, antigamente fora muito pior. Gostavam de achar isso. Além do mais, naqueles dias eram escravos, ao passo que, agora, eram livres [...] Estabeleceu-se que, quando um porco e outro animal se encontrassem numa

trilha, o outro animal cederia a passagem; e também que os porcos, qualquer que fosse seu grau hierárquico, teriam o direito de usar fitas vermelhas no rabicho, aos domingos (ORWELL, 2004, p. 95).

O início da citação acima se refere à vida dos animais em geral, o modo como aos poucos foram escravizados em nome do conforto da elite – os suínos –, enquanto que a segunda parte exemplifica a supremacia de tal elite sobre a camada trabalhadora da fazenda onde vivem os animais da fábula. Notemos o tom histórico no discurso transcrito acima, quando os animais escravizados consolam-se na certeza de que no período anterior à revolta dos bichos o mundo fora pior, acreditam na liberdade hodierna ao crer no passado modificado. O mesmo tom crítico quanto à modificação histórica é presente no texto de *1984* no qual Winston busca informações sobre um passado esquecido no qual, talvez, o mundo teria sido mais justo.

Em *A revolução dos bichos* as formas de comunicação são lemas partidários – curtos e de fácil assimilação como: “Quatro pernas bom, duas pernas ruim” (ORWELL, 2004, p. 31) – e a utilização de porta-vozes, como o porco Garganta.

Aí estrondaram as ovelhas um formidável balido de “Quatro pernas bom, duas pernas ruim”, que durou cerca de um quarto de hora, acabando com qualquer hipótese de discussão.

Mais tarde, Garganta foi mandado percorrer a granja para explicar a nova situação aos demais.

– Camaradas – disse –, tenho certeza de que cada animal compreende o sacrifício que o Camarada Napoleão faz, ao tomar sobre seus ombros mais esse trabalho.

Não penseis, camaradas, que a liderança seja um prazer. [...] Feliz seria ele se pudesse deixar-vos tomar decisões por vossa própria vontade; mas, às vezes, poderíeis tomar decisões erradas, camaradas; então, onde iríamos parar? (ORWELL, 2004, p. 49)

O trecho acima aborda a passagem em que o porco Napoleão assume a liderança da fazenda depois de expulsar seu concorrente intelectual, o porco Bola-de-Neve, ao lançar sobre ele cães ferozes criados secretamente (notemos a íntima proximidade a um golpe de Estado). Depois da expulsão de Bola-de-Neve, Napoleão torna-se o líder e cria para a figura de Bola-de-Neve uma carga mítica de histórias. É clara a proximidade destes dois personagens de *A revolução dos bichos* com personagens de *1984*. Napoleão aproxima-se do

Grande Irmão, enquanto Bola-de-Neve representa a figura do desertor Goldstein, inimigo do povo oceânico.

No início da primavera, descobriu-se um fato alarmante. Bola-de-Neve estava freqüentando a granja em segredo! [...] Roubava milho, entornava baldes de leite, quebrava ovos, esmagava os viveiros de sementes e roia o córtex das árvores frutíferas. Sempre que algo errado aparecia o culpado era Bola-de-Neve. Uma janela quebrada, um cano entupido, e alguém com certeza diria que Bola-de-Neve viera à noite e fizera aquilo; quando se perdeu a chave do depósito toda a granja se convenceu de que Bola-de-Neve a jogara no fundo do poço. Interessante foi continuarem a acreditar mesmo depois que a chave perdida foi encontrada sob um saco de farinha. [...] Os ratos, por incomodarem muito durante o inverno, foram tachados de aliados de Bola-de-Neve (ORWELL, 2004, p. 68)

Há entre críticos de literatura algum consenso acerca do tom crítico de Orwell para com o marxismo. Analisando *1984* e *A revolução dos bichos* podemos perceber a proximidade de certos personagens com figuras históricas relacionadas ao marxismo e ao socialismo. Os personagens Grande Irmão e Napoleão, seriam assim, retratos de Stálin, enquanto os personagens Goldstein e Bola-de-Neve representariam Trotski. Há ainda na fábula *A revolução dos bichos* um personagem que poderia ser interpretado como Lenin; o porco de nome Major criou o ideal de socialismo e igualdade, que nas mãos do sucessor, Napoleão, resultou numa sociedade de exploração e mentiras.

Voltaire Schilling, em artigo sobre George Orwell, expõe algumas das influências decorrentes sobre o estilo e temática do autor:

Primeiro foi a sátira *Animal Farm (A revolução dos bichos)*, publicado em 1945, no qual [...] fez uma devastadora crítica ao regime soviético. [...] Em seguida, em 1949, [...] editou o *Nineteen Eighty-Four (1984)*, o grande clássico da desilusão de um esquerdista com o comunismo.

Inspirado na pequena novela *Nós* de Eugênio Zamiatin, de 1920/1, escrita em plena União Soviética, Orwell, com recursos literários bem superiores colocou o regime de Stálin sob execração universal.

Enquanto o ex-bolchevique Zamiatin, que foi o verdadeiro profeta da sociedade anti-utópica, chamou de benfeitor o ditador de seu Estado Uno, Orwell batizou-o de Big Brother. Era

o Grande Irmão, que tudo via, tudo sabia e tudo previa [...] Também recorreu a outro bestseller da distopia (isto é uma anti-utopia ou contra-utopia, que visualiza o futuro como um pesadelo), o *Brave New World*, o *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley, que descrevia o funcionamento de uma sociedade pavloviana<sup>2</sup> inteiramente controlada por recursos biológicos e farmacêuticos (SCHILLING, 2005a)

Os sete mandamentos da ideologia dos “animalismo” (note-se a semelhança com a palavra “socialismo”) em *A revolução dos bichos* eram, a princípio:

Qualquer coisa que ande sobre duas pernas é inimigo.

O que ande sobre quatro pernas, ou tenha asas, é amigo.

Nenhum animal usará roupas.

Nenhum animal dormirá em cama.

Nenhum animal beberá álcool.

Nenhum animal matará outro animal.

Todos os animais são iguais (ORWELL, 2004, p. 24)

Vejamos como, com o passar do tempo, tais mandamentos foram adulterados em nome dos interesses da elite, sintetizando a crítica de Orwell sobre a discrepância entre o marxismo e o socialismo real:

– Maricota – pediu ela –, leia para mim, por favor, o Quarto Mandamento. Não diz qualquer coisa de nunca dormir em camas?

Com alguma dificuldade Maricota soletrou o mandamento:

– Diz que “Nenhum animal dormirá em cama com lençóis”

Interessante. Quitéria não se recordava dessa menção a lençóis no Quarto Mandamento (ORWELL, 2004, p. 59)

Havia outro mandamento mal recordado pelos animais.

Todos pensavam que o Quinto Mandamento era “Nenhum animal beberá álcool”, mas haviam esquecido duas palavras. Na realidade, o mandamento dizia: “Nenhum animal beberá álcool em excesso (ORWELL, 2004, p. 92)

Nada havia agora, senão um único mandamento dizendo:

---

<sup>2</sup> Referência aos estudos do médico russo Ivan Pavlov (1849 – 1936) sobre os reflexos condicionados; caracterizando, no contexto de Huxley, comportamentos sociais condicionados por meios externos como educação e hipnopédia.

TODOS OS ANIMAIS SÃO IGUAIS MAS ALGUNS ANIMAIS SÃO MAIS IGUAIS QUE OS OUTROS (ORWELL, 2004, p. 112)

A divulgação de cifras falsas é comum entre a mídia de 1984 e a mídia do porta-voz de *A revolução dos bichos*; a ausência de lembrança do tempo anterior à revolução que instituiu o novo sistema político é outro ponto comum nas duas narrativas do autor:

Nos domingos de manhã, Garganta segurando uma comprida folha de papel, lia para eles relações de estatísticas comprobatórias de que a produção de todas as classes de gêneros alimentícios aumentara, 200, 300 ou 500 por cento, conforme o caso. Os bichos não viam razão para descrever, especialmente porque já não conseguiam lembrar-se com clareza exata condições de antes da Rebelião. Mesmo assim, dias havia em que preferiam ter menos estatísticas e mais comida (ORWELL, 2004, p. 79)

John Reed em seu *Os dez dias que abalaram o mundo* nos fornece uma descrição social esclarecedora sobre a União Soviética stalinista se interligarmos as características que ele disponibiliza sobre as diferentes classes sociais soviéticas às classes sociais de Orwell em 1984.

Tudo dependia dos camponeses, que, apesar de politicamente atrasados, tinham idéias próprias e representavam nada menos de oitenta por cento da população. A influência dos bolcheviques no campo era relativamente fraca. E, sem seu apoio, o proletariado industrial não poderia instaurar sua ditadura. [...] Para o proletariado organizado das cidades, o apoio do campo era indispensável (REED, 1988, p. 284)

Identificar-se-ão no parágrafo exposto três classes semelhantes às estudadas aqui na estratificação orwelliana encontrada no subcapítulo 2.2. Uma elite militar, a classe média urbana (bolcheviques) e a grande maioria não-politizada (proletariado). Em 1984 são reconhecíveis, como analisamos, esforços da elite em manter ideologicamente antípodas as duas classes inferiores, para evitar qualquer organização de movimentos dissidentes. Note-se a proximidade de discurso entre o texto acima exposto e a seguinte passagem das elucubrações do personagem Winston:



Se esperança houvesse, devia estar nos proles, porque só neles, naquela massa desdenhada, formigante, oitenta e cinco por cento da população da Oceania, podia se gerar força suficiente para destruir o Partido. [...] Bastava-lhes levantarem-se e sacudirem-se, como um cavalo sacode as moscas (ORWELL, 2003, p. 71)

Situando-nos historicamente faz-se azado para melhor entendimento destas paridades definirem-se os personagens políticos aqui apontados acerca da História do socialismo soviético. Lenin foi o bolchevique – trabalhador urbano soviético – que colocou em prática os ideais marxistas do socialismo, através da revolução de 1917 na Rússia. Pode ser incorporado, como dito, ao personagem Major, de *A revolução dos bichos*.

Dezessete anos antes do fim do século XIX, Karl Marx morria.  
Dezessete anos após o início do século XX, Karl Marx tornava a viver.

O que com Karl Marx era teoria foi posto em prática por seus discípulos – Lenin e outros bolcheviques russos – ao tomarem o poder em 1917. [...]

Era de esperar que uma das primeiras medidas tomadas pelos adeptos de Karl Marx em sua construção da ordem socialista fosse a abolição da propriedade privada dos meios de produção. Foi exatamente o que aconteceu.

[...] Isso significa, segundo os russos, que nenhum homem pode explorar outro – A não pode aproveitar-se do trabalho de B. Significa não ser possível a ninguém subir a escada da acumulação de dinheiro nas costas de “seus” trabalhadores. [...] Significa, dizem os russos, que as divisões de classe desaparecem (HUBER-MAN, 1974, pp. 285 – 288)

Subsequente à morte de Lenin, em meados dos anos 1920, o socialismo russo passou por um período de transformações e conflitos até o final daquela década, e a partir de 1929 a Rússia passou a ser controlada por Stálin, que seria o alvo da crítica de Orwell tanto em *A revolução dos bichos* quanto em *1984*, como a figura do ditador onipotente, corruptor dos conceitos iniciais do socialismo.

Entre a morte de Lenin e a tomada do poder por Stálin encontramos a figura política de Trotski, cujo pensamento diferia do de Stálin e que pode ser entendido nas personagens de Orwell como sendo Goldstein de *1984* e Bola-de-Neve em *A revolução dos bichos*; um inimigo da doutrina do ditador.

Lenin morreu em janeiro de 1924 sendo sucedido por um tríunvirato com plenos poderes sobre o Estado e a Organização Partidária. Dos tríunviro, (Kamenev, Zinoiev e Stalin) foi Stalin que de fato passou a usufruir de maior poder e autoridade – seu cargo era a Secretaria-Geral – responsável pela administração do Partido e pela admissão ou exclusão de seus militantes. Numa época em que a reconstrução do país ganhava cada vez mais importância, os administradores foram ocupando o lugar dos teóricos e dos agitadores – Stalin terminou sendo o veículo da nova situação. Graças a seus poucos recursos teóricos, não tinha nenhum grande compromisso em manter fidelidades ideológicas ao contrário servia-se delas para executar o seu projeto políticoeconômico.

Isto não evitou a polémica entre o grupo dirigente. Ao aceitarem o “Socialismo num só país”, esboçado inicialmente por Bukharin e posteriormente por Stalin – jogaram automaticamente Trotski na oposição. Ele era a expressão do ímpeto revolucionário da época heróica, que lentamente estava sendo arquivada pela nova elite dirigente. Sua formação cosmopolita e internacionalista, o indispunha com o “Socialismo num só país”, que se identificavam com os ditames do aparelho administrativo-burocrático e com o nacionalismo. Em 1927, terminou sendo expulso do Partido e desterrado em Alma Alta (na Ásia) e, posteriormente, foi obrigado a exilar-se no exterior (SCHILLING, 2005b)

Sobre a adulteração de documentos em nome dos interesses do Partido, Lony discorre a respeito do período do stalinismo<sup>3</sup>:

A burocracia deve esconder totalmente das massas (e às vezes a si mesmo, por um processo de automistificação) a defasagem entre sua perspectiva e a do proletariado.

Resulta daí uma instrumentalização extrema da ciência, diretamente submetida às necessidades políticoideológicas da burocracia, instrumentalização cujo exemplo mais clássico e mais surpreendente é a célebre História do Partido Comunista da U.R.S.S., com suas numerosas reedições “revistas e corrigidas”, em função das mudanças de linha da direção do Partido, e se caracterizando todas pela deformação mais grosseira e mais vergonhosa dos fatos históricos (LONY, 1989, p. 22)

<sup>3</sup> Os grifos na citação pertencem ao original no texto de Michael Lony.

Também Schilling ilustra uma ligação entre a ficção do Ministério da Verdade estudado neste capítulo e as censuras, manipulações e reescritas históricas promovidas pela ideologia de Stálin:

Foi durante seu período de pleno poder que a Ciência, as Artes e a Literatura tornaram-se adstritas à política.

Nenhum ramo do conhecimento atuava à margem dos interesses partidários imediatos, tornando-se instrumento da propaganda oficialista, sob a batuta do Ministro da Cultura Zhadanov. Artistas e historiadores viviam sob a vigilância permanente e seus textos, muitas vezes, eram censurados pelo próprio Stalin (SCHILLING, 2005b)

Seguem-se duas figuras publicadas pelo jornal *O Estado de S. Paulo* a 16 de setembro de 1997. Trata-se de fotos manipuladas por Stálin, no primeiro caso para apagar imagens de inimigos políticos. Na segunda, Stálin aparece inserido junto a Lenin, pretendendo forjar o contato inexistente com o mesmo.



Figura 5.3

A legenda desta foto, no jornal e data citados, compreendia o seguinte texto:

Stalin não apenas executava seus inimigos. Ele queria que todos os seus sinais fossem removidos. Para isso, mandava manipular fotos de suas vítimas. Acima, um exemplo do processo

de eliminação: a pessoa que estava à direita de Stalin foi grosseiramente apagada da foto que mostra uma reunião de delegados tártaros. Em caracteres cirílicos está escrito: II congresso da Vanguarda das Fazendas Coletivas de Toda a União – Delegação da Tartária – Moscou, fevereiro de 1935 (O ESTADO DE S. PAULO, 1997)

A imagem pode ilustrar o conceito orwelliano de *impessoa*, inimigos políticos que, uma vez vaporizados, nunca haviam de fato existido, havendo necessidade de apagá-los de qualquer forma de registro, em escritos ou em imagens. “O passado era raspado, esquecida a raspagem, e a mentira tornava-se verdade” (ORWELL, 2003, p. 76).



Figura 5.4

Foto publicada sobre a seguinte legenda:

Os retoques em fotografias foram usados por Stalin para os fins mais perversos, como na foto acima, de 1922.

Nela, Lenin aparece ao lado de Stalin. A foto é forjada.

Para se promover politicamente, a figura de Stalin foi acrescentada à imagem. Naquela época, Lenin tinha tentado romper relações com o ditador russo (O ESTADO DE S. PAULO, 1997)

De acordo com as evidências, similaridades e citações expostas neste sub-capítulo poder-se-á entender, portanto, a ligação entre a ficção de Orwell e personagens e ideologias políticos reais, aderindo à *1984* caráter histórico e crítico dotado de referências à realidade dentro de sua trama de ficção. O pensamento contrário ao socialismo real<sup>4</sup> que alguns críticos de literatura apontam em Orwell, pode ser ilustrado pela seguinte passagem de *A revolução dos bichos*, sob as impressões da personagem Quitéria:

Se ela própria pudesse imaginar o futuro, veria uma sociedade de animais livres da fome e do chicote, todos iguais, cada qual trabalhando de acordo com sua capacidade, os mais fortes protegendo os mais fracos, como ela protegera aquela ninhada de patinhos na noite do discurso do Major. Em vez disso – não podia compreender por quê – havia chegado uma época em que ninguém ousava dizer o que pensava, em que os cachorros rosnantes e malignos perambulavam por toda parte e a gente era obrigada a ver camaradas feitos em pedaços após confessarem os crimes mais horríveis. Não tinha em mente idéias de rebelião ou desobediência. [...]

Acontecesse o que acontecesse, ela permaneceria fiel, trabalharia bastante, cumpriria as ordens recebidas e aceitaria a liderança de Napoleão. Mesmo assim, não fora por aquilo que ela e todos os animais haviam esperado e trabalhado (ORWELL, 2004, p. 75)

## 5.2 A Verdade da Guerra

O aspecto político de *1984* apresenta guerra constante entre os três megablocos geográficos. A Oceania, ponto do qual a narrativa é exposta, está sempre em conflito; ou contra a Eurásia ou contra a Lestásia. Estando em conflito contra um dos outros “continentes”, o terceiro passa a ser, necessariamente, aliado político. Winston encontra no manual da *Teoria prática do coletivismo oligárquico* a desmistificação de vários aspectos de sua sociedade. A verdade sobre a guerra é um deles:

---

<sup>4</sup> O termo socialismo real aplica-se para o desdobramento que o pensamento marxista sofreu depois de aplicado à ideologia stalinista; consiste no contrário das utopias do marxismo.

Em uma ou outra aliança, esses três superestados estão permanentemente em guerra, e assim tem sido nos últimos vinte e cinco anos. [...] Nenhum dos três superestados poderia ser definitivamente vencido, nem mesmo pelos dois outros juntos. [...] Também pouco existe, sempre do ponto de vista material, nada que valha a pena (ORWELL, 2003, pp. 179 – 180)

Uma peculiaridade do *duplipensar* aplicado ao caráter histórico dos acontecimentos em 1984 garante que o inimigo atual sempre fora o inimigo, desde os primórdios dos registros. Da mesma maneira o aliado sempre fora aliado; a adulteração de jornais e documentos asseguraria tal regularidade na ideologia militar, tornando a História, assim, maleável e manipulável conforme as necessidades do Estado – estudamos aqui a mídia e os registros históricos relativos ao *megabloco* Oceania, uma vez que Orwell omite maiores informações sobre os procedimentos midiáticos correspondentes à Eurásia e à Lestásia.

O que impressionara Winston fora ter o orador passado de um inimigo a outro no meio da frase, não apenas sem pausa, mas sem a menor ofensa à sintaxe. [...]

A Oceania estava em guerra com a Lestásia: a Oceania sempre estivera em guerra com a Lestásia. Grande parte da literatura política dos últimos cinco anos tornara-se completamente obsoleta. [...] Embora sem nenhuma ordem específica, sabia-se que os chefes do Departamento tencionavam que, dali a uma semana, não existisse em parte alguma qualquer referência à guerra com a Eurásia, ou à aliança com a Lestásia (ORWELL, 2003, pp. 175 – 176)

Se os meios de comunicação demonstraram a capacidade de influência dos fluxos de informação até este ponto de nosso estudo, podemos entender a estrutura social e cultural como outra forma de perpetuação de conceitos, expansão de comunicação interpessoal sem a necessidade de veículos (meios) para tal; valendo-se assim o comunicador de sua fala, atos, gestos, escolhas e outros nuances de comportamento para denotar informações.

Desta maneira, neste subcapítulo e no capítulo próximo – acerca da cultura cívica infligida à classe média – procurar-se-á demonstrar como as instituições sociais, que em nosso objeto de estudo destacam-se por seu militarismo, adequariam os indivíduos à ideologia de seu Estado, através da aversão ao Estado inimigo. A própria guerra revelar-se-á um mecanismo com fins próprios preestabelecidos; embasada sobre diretrizes de conquista territorial,

tendo como real fito o consumo dos excedentes de produção e o maniqueísmo humano.

Fearing discorre acerca da cultura transmitida entre pessoas e grupos sociais através de sua convivência dentro de um contexto pré-estabelecido de normas pertencentes ao meio social:

A maior parte das mensagens inerentes a qualquer Estado não envolve canais centrais de comunicação.

Ocorrem dentro das famílias, vizinhanças, lojas, grupos de campo e outros contextos locais. A maior parte do processo educacional é conduzido da mesma forma (FEARING, 1971, p. 109)

Sobre a mesma temática podemos acrescentar a asserção de Lauriano Neto:

Controle social é o conjunto de recursos materiais e simbólicos de uma sociedade para garantir que a conduta de seus integrantes respeite as regras e os princípios estabelecidos previamente. [...]

Como na coerção social, deve-se entender que a sociedade dispõe de alguns instrumentos para estimular e limitar o comportamento de seus membros de acordo com os padrões que lhe são desejáveis [...] Mas deve-se reconhecer que esses instrumentos não têm alcance indefinido nem intensidade constante e que não podem agir sobre todos os aspectos da vida de cada indivíduo, sob o óbvio risco de transformá-lo em um robô sem vontade própria e comprometer o desenvolvimento e a inovação nas relações sociais (LAURIANO NETO, 2003, p. 01)

Considerada a análise de Lauriano Neto, é plausível afirmar que o interesse do Estado em 1984 romperia os limites nos trechos acima citados a respeito das liberdades pessoais que tornariam o indivíduo capaz de inovar em suas relações pessoais. Como atestaremos no subcapítulo 6.3, o intuito da elite retratada por Orwell é a total submissão das demais classes sociais. Neto liga os mecanismos de controle social à classe militar nos seguintes termos:

Essa idéia foi muito aplicada em organizações humanas de menor escala como empresas, igrejas, escolas e em um grupo social-estratégico muito específico, como as forças armadas [...]. O controle é mais desenvolvido

nessas organizações porque elas têm objetivos explícitos e definitivos, que servem de orientação para tal controle.

Já uma sociedade plural não é assim tão clara quanto às suas finalidades, se é que as tem (LAURIANO NETO, 2003, p. 03)

Como visto no capítulo referente à descrição do objeto, a sociedade de 1984 não consiste num grupo de ação pluralista, mas sim de possibilidades pré-estabelecidas em sua estratificação. A alimentação cultural, como temos estudado, age de forma muito importante para manutenção deste *status quo*.

Com relação à compreensão da guerra em 1984 podemos evocar dois conceitos levantados por Neto; o primeiro é o do “controle social doméstico”, como sendo o controle de uma instituição ou nação dentro de seus próprios limites e fronteiras, o segundo conceito é o de “controle social etnocêntrico expansivo”, que seria a expansão de uma raça ou povo sobre outras terras com fins de ampliar seus domínios. Com base nestas duas nomenclaturas entender-se-á a guerra em 1984 como uma ficção ambicionando o controle social etnocêntrico expansivo, para ao final lograr, através da ilusão e da indução, o controle social doméstico de maneira efetiva.

Como em seu modelo originário – controle social “doméstico” – o controle social etnocêntrico expansivo encontra seus “desviantes” em parcela da sociedade controlada e até mesmo no seu conjunto, o que se pode chamar de insubordinação geocêntrica, já que, circunscrita às fronteiras geográficas de uma dada sociedade controlada (LAURIANO NETO, 2003, p. 08)

Cabe em nosso estudo a substituição do termo “insubordinação geocêntrica” por simples “insubordinação interna”, pois, como veremos no trecho abaixo, é contra ela que as ilusões da guerra se chocam, uma possível insubordinação entre os próprios habitantes da Oceania, não havendo por fim qualquer verdade nas esperanças de controle social etnocêntrico expansivo (vitória territorial e superioridade de força contra o inimigo).

Com o estabelecimento de economias auto-suficientes, nas quais a produção e o consumo se equilibram, a luta pelos mercados – causa principal das guerras anteriores – desapareceu, ao passo que a procura das matérias primas não é mais caso de vida ou morte. Cada um dos três superestados é tão vasto que possui em seu próprio território quase todos os materiais de que necessita (ORWELL, 2003, p. 180)

Num mundo em que todos trabalhassem pouco, tivessem bastante que comer, morassem numa casa com banheiro e refrigerador, e possuíssem automóvel ou mesmo avião, desapareceria a



mais flagrante e talvez mais importante forma de desigualdade. Generalizando-se, a riqueza não conferia distinção. Era possível, sem dúvida, imaginar uma sociedade em que a riqueza, no sentido de posse pessoal de bens e luxos, fosse igualmente distribuída, ficando o poder nas mãos de uma pequena casta privilegiada. Mas na prática tal sociedade não seria estável. Pois se o lazer e a segurança fossem por todos fruídos, a grande massa de seres humanos normalmente estupidificada pela miséria aprenderia a ler e aprenderia a pensar por si; e uma vez isso acontecesse, mas cedo ou mais tarde veria que não tinha função a minoria privilegiada, e acabaria com ela (ORWELL, 2003, p. 183)

Vimos acima uma distinção entre as expectativas capitalistas e socialistas. Na primeira citação, encontramos a descrição de um mundo onde a guerra justificar-se-ia na busca por mercados e matérias-primas (capitalismo), na segunda citação, temos uma sociedade em que a pobreza – o consumo de matérias-primas e mão-de-obra em trabalhos efervescentes, que não elevassem a qualidade de vida das massas, mantendo a segurança da elite no poder – mostra-se o verdadeiro intuito dos conflitos militares (*Ingsoc*).

Como mostrado, o texto de Orwell carrega caracteres críticos em relação à sociedade real, de onde seria concebível prolongar a crítica ao socialismo inglês, também, ao socialismo real, e até certo ponto ao capitalismo contemporâneo e suas formas de estratificação social.

O essencial da guerra é a destruição, não necessariamente de vidas humanas, mas dos produtos do trabalho humano. A guerra é um meio de despedaçar [...] materiais que de outra forma teriam de ser usados para tornar as massas demasiado confortáveis e portanto, com o passar do tempo, inteligentes. Mesmo quando as armas de guerra não são destruídas, sua manufatura ainda é um modo conveniente de gastar mão-de-obra sem produzir nada que se possa consumir (ORWELL, 2003, p. 184)

Comprovamos, assim, o caráter pré-estabelecido da guerra constante idealizada por Orwell, inferindo que esta, não como forma de comunicação, mas como forma de estrutura social, delimita a condição humana e traça as expectativas de um povo, a partir do momento que limita seu leque de possibilidades – trunca a evolução social, fortalece o *status quo*, mantêm a elite em sua eminência, obedecendo aos três lemas do Partido:

De onde estava Winston conseguia ler, em letras elegantes colocadas na fachada, os três lemas do Partido:

Guerra É Paz

Liberdade É Escravidão

Ignorância É Força (ORWELL, 2003, p. 07)

Como se pode aferir, conceitos opostos são ligados entre si, o que não poderia ser proporcionado senão pelo *duplipensar* que, por sua vez, sustenta-se sobre a *Novilíngua*, que limita a capacidade crítica sobre as contradições.

Desta forma, temos que a guerra é a paz, a partir do momento em que somente através da guerra, contra um inimigo o cidadão acreditará na paz vindoura e, somente através da guerra a ordem social é mantida devido ao consumo das riquezas, mantendo as ordens sociais, garantindo a paz da elite. Liberdade é escravidão, por sua vez, pois o indivíduo é livre dentro de seus limites pré-estabelecidos, fora dos quais não poderia viver senão de formar contrária aos ideais do Partido – o que se mostra fora de cogitação a partir da fidelidade criada pela dupla *duplipensar* e *Novilíngua*. E, por último, ignorância é força, pois, somente mantidos ignorantes da realidade política que os cerca, os indivíduos trabalham para que ela seja possível, fornecendo força para o sistema no qual são ferramentas.

Já a função psicológica de manter o indivíduo fiel aos preceitos de sua “nação” e principalmente de seu líder são apresentados a Winston nas páginas de *Teoria Prática do Coletivismo Oligárquico*:

Espera-se que até mesmo o mais humilde membro do Partido seja competente, industrioso e inteligente, dentro de estreito limites, porém é também necessário que seja um fanático crédulo e ignorante, cujas reações principais sejam medo, ódio, adulação e triunfo orgiástico.

Em outras palavras, é necessário que tenha a mentalidade apropriada ao estado de guerra. [...] É precisamente no Partido Interno que a histeria de guerra e o ódio ao inimigo são mais fortes. Na sua posição de administrador, muitas vezes é necessário a um membro do Partido Interno saber se esta ou aquela notícia de guerra é falsa, e muitas vezes ele pode perceber que a guerra inteira é espúria e que ou não está sendo travada, ou está sendo travada por objetivos diferentes dos declarados: mas essa consciência é facilmente neutralizada pela técnica do duplipensar. Entrementes, nenhum membro do Partido Interno hesita em por um instante

na sua crença mística de que a guerra é real, que está fadada a terminar pela vitória, ficando a Oceania senhoria indisputável do mundo inteiro (ORWELL, 2003, p. 185)

Notemos como, ao aproximar o vocábulo “mística” ao *duplipensar*, Orwell reforça a conotação de fé cega e acrítica que tal técnica apresenta em sua constituição. Reforcemos também como o final da citação sublima o interesse pelo controle social etnocêntrico expansivo, gerando ao final do processo, com efeito, o controle doméstico.

Saliente-se que, diferente do que ocorre com todas as formas de comunicação estudadas neste trabalho, se aplicado o Paradigma de Lasswell sobre as informações que envolvem a guerra em *1984*, pela primeira vez não teremos no campo de emissor da mensagem o Partido Interno ou os Departamentos e Ministérios que o representam; isso porque a condição da guerra age sobre o próprio Partido Interno, como vimos acima; não é uma informação divulgada, é um fato existente na cultura da sociedade de *1984* desde o momento em que o *Ingsoc* fora instituído.

Trata-se, portanto, de uma herança cultural emanada de todas as camadas para todas as camadas daquela comunidade, constituindo a seguinte proposta de teorema:

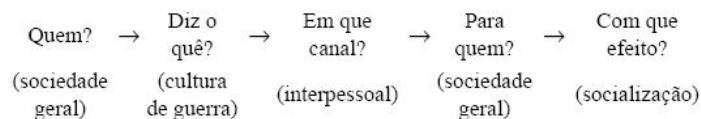


Figura 5.5

É necessária certa licenciosidade quanto ao agente “Diz o quê”, acrescentando-se e aceitando-se que o discurso emitido não é necessariamente explícito, mas sim assimilado, e expresso em atos, escolhas, rotinas e o que quer que constitua um panorama de longo prazo, um estado social e cultural característico de um tempo e local.

Entendamos também o vocábulo “socialização” aplicado ao agente “Com que efeito” não como alusão ao socialismo, mas sim sobre a vida em coletividade, o contato social. Isso porque a referida retro-alimentação figura no desempenho das atividades ordinárias das diferentes classes sociais existentes num sistema, que faz dele, através da união de suas diferentes funções (como afirmam os organicistas), um conjunto possível.

Notemos como o ideal positivista de manutenção da ordem, do status quo, combina com esta visão organicista de sistema social – e como *Novilíngua* e

*duplipensar*, sempre juntos, possibilitam tal manutenção. O *Ingsoc* aparece, destarte, não como uma informação ou uma corrente de intenções informativas, mas como um constituinte histórico, como o capitalismo, que se não estivesse implantando numa atmosfera geográfica e social, transformaria as condições apresentadas pela mesma, assim como suas possibilidades e necessidades.

Como veremos no subcapítulo 5.2, a reescrita da História poderá ser vista como mais uma tentativa do Socialismo Inglês de evitar possíveis contradições, ao apagar dos registros a coerência das informações acerca do regime político e social antecessor, o capitalismo.

## Capítulo 6

# Cultura Cívica para a Classe Média

Charadas, habilidade popular

Jacinto d'água

Nomeado por um poeta

Imitação da vida

(“Imitation of life”, R.E.M.)<sup>1</sup>

Depois da análise disposta nos dois capítulos anteriores acerca dos meios massivos de comunicação e do jornalismo estatal em 1984, encontrar-se-á neste quinto capítulo a interpretação da cultura que envolve o Partido Externo, na ordem social orwelliana; tanto no que tange aos fluxos de comunicação direta, como hinos e adágios, quanto ao referente a informações implícitas em imagens e conceitos, carregando sua ideologia e objetivo de maneira sutil como no caso da ostentação de tipos físicos superiores ao da média, como forma de símbolo de força e capacidade, difundido através das *teletelas*.

Com a demonstração das teorias do *Two Step Flow* e da Agulha Hipodérmica veremos também como o processo informativo das massas em 1984 pode ser considerado unilateral; além de uma visão semiótica sobre alguns aspectos da narrativa que se aproximam de mensagens e procedimentos nazistas e de hipnose; o que apenas corroboraria o caráter crítico de Orwell a respeito da História dentro do universo supra-real criado em sua ficção.

---

<sup>1</sup> Epígrafe traduzida pelo autor deste trabalho, versão integral nos anexos.

O ideal criado pelo Partido era enorme, terrível, luzidio – um mundo de aço e concreto, de monstruosas máquinas e armas aterradorizantes –, uma nação de guerreiros e fanáticos, marchando avante em perfeita unidade, todos tendo os mesmo pensamentos e gritando as mesmas divisas – trezentos milhões com a mesma cara – trabalhando perpetuamente, lutando, triunfando, perseguindo.

A realidade eram cidades caindo em ruínas, escuras, onde o populacho subnutrido perambulava com sapatos furados, vivendo em remendadas casas do século dezenove que sempre cheiravam a repolho e latrinas de mau funcionamento (ORWELL, 2003, p. 75)

## 6.1 Dísticos, Hinos e Tipos Físicos

No capítulo anterior vimos como Orwell apresentou o uso de refrões populares em *A revolução dos bichos* para sintetizar ideias políticas popularizando-as. Em 1984 o mesmo ocorre na forma de lemas políticos. Além do lema do Partido “Guerra É Paz, Liberdade É Escravidão, Ignorância É Força” (ORWELL, 2003, p. 07), encontramos, como estudado no capítulo 3, acerca dos meios massivos vislumbrados por Orwell em sua obra, refrões de canções populares entre os proles. A principal diferença entre as duas especificações de adágios seria a intenção.

As canções populares, como visto, visaram a alienação política, enquanto que os dísticos militares – como o lema do Partido – constituiriam uma forma de, através da repetição, fazer-se aceitar a asserção incutida nas palavras, livrando-se do real significado das mesmas, favorecendo, através do ato de repetir, o distanciamento entre os significados dos vocábulos e a ideia final.

[...] Fui chefe de tropa nos Espiões, faço trabalho voluntário três noites por semana na Liga Juvenil Anti-Sexo. Passei horas e horas grudando sandices pelas paredes de Londres. Sempre levo uma ponta de faixa nas passeatas. Estou sempre de cara alegre e nunca tiro o corpo de nada. Grita sempre com a massa, digo eu. É o único jeito de não correr perigo (ORWELL, 2003, p. 118)

O discurso supracitado pertence à personagem Júlia, e exemplifica parte da rotina de atividades da classe média, sempre ligada a passeatas e outras atividades militares. Dissidente que é, note-se as duas últimas frases, Júlia aconselha Winston a gritar junto à massa como forma de segurança pessoal.

A nova melodia que seria prefixo musical da Semana do Ódio (“Canção do Ódio”, era o seu título) já fora composta e era tocada incessantemente nas teletelas. Tinha um ritmo selvagem, de latidos, que não podia exatamente ser chamado de música, e parecia o rufar de um tambor. Entoadada por centenas de vozes, ao som de passos em marcha, era aterrorizante. Os proles a haviam adotado e nas ruas, à noite, competia com a sempre popular “Foi apenas uma fantasia desesperada” (ORWELL, 2003, p. 144)

A “Semana do Ódio” a que o trecho destacado faz menção refere-se a uma semana especial de manifestações militares. Sublinhemos como a canção militar atingira, excepcionalmente, até mesmo a classe dos proles. O Ódio em questão é destinado ao inimigo de guerra. Uma forma de incentivo ao ódio popular contra o rival, e consequente simpatia ao Grande Irmão, a exemplo dos rotineiros “Dois minutos do Ódio” promovidos nos corredores dos Ministérios para incitar a fúria dos integrantes do Partido Externo para com Goldstein, como vimos no subcapítulo 2.4 desta monografia.

Já em *A revolução dos bichos* aplicava Orwell hinos e provérbios de louvor ao líder para exercer sua crítica política. Na fábula de 1945, passada a proibição do hino “Bichos da Inglaterra” que pregava a igualdade entre os animais, o líder Napoleão mandou que escrevessem o seguinte poema feito para si, em frente aos Sete Mandamentos dos Bichos:

Amigo dos orfãozinhos!  
Fonte da felicidade!  
Senhor do balde de lavagem! Oh, minh'alma arde  
Em fogo quando te vejo  
Assim, calmo e soberano,  
Como o sol na imensidão  
Camarada Napoleão!  
Tu és aquele que tudo dá, tudo  
Quanto as pobres criaturinhas amam.  
Duas barrigas cheias por dia, palha limpa onde rolar;  
Os bichos todos, grandes, pequenos,  
Dormem tranqüilos, enquanto  
Zelas tu por nós na solidão

Camarada Napoleão!  
Tivesse eu um leitão e  
Antes mesmo que atingisse  
O tamanho de um barril ou garrafão,  
Já teria aprendido a ser eternamente  
Teu fiel e leal seguidor. E o primeiro  
Guincho que daria meu leitão seria  
“Camarada Napoleão!” (ORWELL, 2004, pp. 80 – 81)

Vale ressaltar que a ode a Napoleão foi escrita por um integrante da classe dos porcos, a elite letrada de *A revolução dos bichos*, tendo sido levado à massa de animais, de ilustração intelectual inferior. O exemplo do poema a Napoleão pode ilustrar a intenção de imprimir o louvor ao comandante político, como sugeriria o *duplipensar* e o *almasentir* em 1984. Esta indução à ortodoxia política já foi explorada neste trabalho em algumas formas de fluxo informativo diretamente conduzidos por meios de comunicação (*teletelas*, músicas, cinema, jornais), o que se enquadra na Teoria da Agulha Hipodérmica, sustentada pelo estrutural-funcionalismo, pois a informação parte diretamente de um emissor para um receptor.

Já a Teoria do *Two Step Flow* envolveria uma instituição social doutrinadora que recebesse informações e as repassasse diretamente para o público ao redor, de alguma forma menos receptor de tais fluxos. Em 1984 encontramos exemplos aplicáveis ao *Two Step Flow* nas instituições educacionais e militares das quais partem – já que se trata de uma realidade de governo totalitário, detentor do poder sobre a educação e sobre a expressão de opiniões – mensagens doutrinadoras para seu público.

Podemos listar, destarte, a presença do *Two Step Flow* na ação informativa de ligas como a Liga dos Espiões, a Liga Juvenil Anti-Sexo e o Centro Comunal, citando-se as organizações de atividades em grupo mais presentes na narrativa de Orwell. A primeira, consistindo na educação infantil, ligando as crianças aos conceitos do Estado, subjugando os sentimentos familiares para sublimar o *almasentir* patriótico. A segunda, frequentada por mulheres no ápice da juventude, representando o espírito de abstenia sexual, a substituição da energia sexual pela ortodoxia militar. O terceiro grupo citado aparece na ação do romance como um comitê geral de adultos, membros do Partido Externo, para debates, discussões, jogos e programações de atividades de orgulho pelo Estado.



A descrição a seguir, acerca dos hábitos do personagem Tom Parsons – ortodoxo em suas atividades cívicas – demonstra o teor de ação de algumas das ligas militares acima citadas.

Era um homem gorducho mas ativo, de estupidez paralisante, uma massa de entusiasmo imbecil – um desses servos dedicados e absolutamente fiéis dos quais dependia a estabilidade do Partido, mais do que da Polícia do Pensamento. Aos trinta e cinco anos fora a contragosto desligado da Liga da Juventude e antes de entrar para ela conseguira ficar no Espiões um ano além da idade limite.

No Ministério, trabalhava num serviço subordinado, para o que não precisava de inteligência, mas por outro lado era figura de proa no Comitê Esportivo e em todos os outros comitês empenhados na organização de piqueniques e passeatas comunais, demonstrações espontâneas, campanhas de economia e atividades voluntárias em geral. Informava ao interlocutor, com tranqüilo orgulho, soltando baforadas do cachimbo, que comparecera ao Centro Comunal todas as noites, nos últimos quatro anos (ORWELL, 2003, pp. 23 – 24)

Já sobre o Liga dos Espiões, encontramos a seguinte descrição do sistema de sua doutrina e seus efeitos.

Quase todas as crianças eram horríveis. O pior de tudo era que, com auxílio de organizações tais como os Espiões, sistematicamente transformavam-se em pequenos selvagens incontroláveis, e no entanto nelas não se produzia nenhuma tendência de se rebelar contra a disciplina do Partido. A contrário, adoravam o Partido, e tudo quanto tinha ligação com ele. As canções, os desfiles, as bandeiras, as caminhadas, a ordem-unida com fuzis de madeira, berrar palavras de ordem, adorar o Grande Irmão [...] rara era a semana em que o Times não publicasse um tópico contando como um pequeno salafrário – “herói infantil” era a expressão usada – ouvira alguma observação comprometedora e denunciara os pais à Polícia do Pensamento (ORWELL, 2003, p. 26)<sup>2</sup>

Apesar de dividida em duas etapas, contudo, a doutrinação perpetuada por meio de ligas e comitês atua com sistema muito similar ao da informação

<sup>2</sup> A respeito de doutrinação infantil por sistema comunista, vale assistir ao filme *Gritos do Silêncio*, que buscou retratar o período de guerra civil do Camboja nos anos 1970. (*The Killing Fields*, Inglaterra, 1984).

provida através do fluxo direto (Agulha Hipodérmica). Parte do interesse da elite, rumo ao público, com fito de estabelecer e reafirmar o sistema social. Podemos exemplificar este Duplo Fluxo da Comunicação, portanto, como:

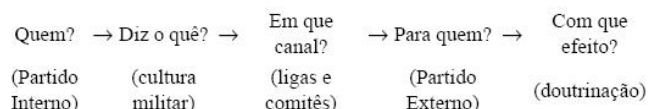


Figura 6.1

O único exemplo de organização doutrinadora presente em *1984* que se diferiria do esquema linear acima representado seria a chamada “Fraternidade”. Tal organização aparece na história como uma possível rede de membros inimigos do Partido, que em algum lugar recôndito se encontrariam para tramar contra o Grande Irmão.

Em verdade, por fim, esta curiosa maneira de *Two Step Flow* parte também da elite, não com o efeito imediato de doutrinar inimigos, mas sim como uma forma de embuste; uma armadilha para ludibriar e capturar dissidentes. O protagonista de *1984* é atraído para a insídia da Fraternidade ao revelar-se contrário ao sistema político a um membro do Partido interno, acreditando que o mesmo faria parte da distantemente comentada Fraternidade.

O’Brien, membro do Partido Interno, finge, com efeito, ser parte do grupo dissidente, e presenteia Winston com o livro *Teoria Prática do Coletivismo Oligárquico*, tantas vezes aqui mencionado, cuja autoria é atribuída a Goldstein. O livro traz todas as informações reais sobre o mundo capitalista anterior ao Socialismo Inglês e estabelece uma descrição histórica sobre as lutas de classe e os objetivos da elite para manter-se no poder. Ao fornecer Winston de todas as respostas pelas quais ele procurava, o que se pretendia era demonstrar o poder pelo poder; depois de permitir que um revoltoso obtivesse todas as explicações de que precisava, através da tortura far-se-ia com que ele esquecesse o real e aprendesse a *duplipensar*, como se verá no subcapítulo 6.3.

Chegamos assim à demonstração prática de dois paradigmas de Lasswell, abaixo representando, consecutivamente, o fluxo informativo em *Two Step Flow* da Fraternidade e o fluxo informativo do livro *Teoria Prática do Coletivismo Oligárquico*, em Agulha Hipodérmica.

Abaixo encontramos a passagem em que O’Brien, passando-se por membro da Fraternidade, submete Winston e Júlia a um juramento a princípios contrários aos do Partido. A gravação de tal juramento seria utilizada contra



Figura 6.2

os dois personagens depois que o casal fosse capturado pelas tropas do Grande Irmão.

- Estás disposto a dar a vida?
- Sim.
- Estás disposto a assassinar?
- Estou.
- A cometer atos de sabotagem que poderão causar a morte de centenas de inocentes?
- Sim.
- A trair tua pátria às potências estrangeiras?
- Sim.
- Estás disposto a fraudar, forjar, fazer chantagem, corromper a mente infantil, distribuir entorpecentes, incentivar a prostituição, disseminar doenças venéreas – fazer tudo quanto possa causar a desmoralização e debilitar o poder do Partido?
- Sim.
- Se, por exemplo, servisse aos nossos interesses, atirar ácido sulfúrico no rosto de uma criança, farias isso?
- Faria, sim.
- Estás disposto a perder tua identidade e viver o resto da tua vida como garçom ou estivador?
- Estou.
- Estás disposto a te suicidar, se e quanto isso te for ordenado?

- Sim.
- Estais dispostos, os dois, a vos separardes e nunca mais vos tornardes a ver?
- Não! – interrompeu Júlia (ORWELL, 2003, pp. 166 – 167)

Observar-se-á no trecho acima que os valores a serem quebrados são diretamente ligados ao puritanismo sexual defendido pela ideologia do *Ingsoc*. Já a mencionada deturpação infantil pode ser justificada pela preocupação do Socialismo Inglês para com as novas gerações, nascidas num universo paulatinamente mais integrado, sem qualquer vivência ou lembrança da era capitalista.

Note-se também como a relação entre os amantes Winston e Júlia aparece como mais importante que as traições militares e crimes. Como se verá no subcapítulo 6.3, é exatamente este o ponto final que os torturadores romperão: a relação entre Winston e Júlia.

Isso porque o rompimento de laços afetivos e de confiança entre os indivíduos figura entre uma das premissas para que o sistema político obtenha logro efetivo de suas intenções.

Reveladoramente, as instituições que podem ser interpretadas na atualidade como difusoras de informações em *Two Step Flow*, em 1984 ou não existem ou foram totalmente debilitadas. Entre elas podemos citar: a Igreja, a escola e a família. Vejamos a seguinte fala de

O'Brien para Winston, durante uma das sessões de tortura:

Cortamos os laços entre filho e pai, entre homem e homem, entre mulher e homem. Ninguém mais ousa confiar na esposa, no filho ou no amigo. Mas no futuro não haverá esposa nem amigos. As crianças serão tomadas das mães ao nascer, como se tiram os ovos da galinha. O extinto sexual será extirpado. [...] Não haverá lealdade, exceto lealdade ao Partido. Não haverá amor, exceto amor ao Grande Irmão (ORWELL, 2003, p. 255)

Dentro das idealizações propelidas pelo *Ingsoc* através de seus meios diretos (Agulha Hipodérmica) e indiretos (*Two Step Flow*) está a dos tipos físicos ideais, como num tipo de sonho de virilidade e beleza utilizado para anestesiar o verdadeiro moral da população (disfunção narcotizante). Acompanhemos a seguinte reflexão de Winston na cantina do Ministério da Verdade; notemos como a expectativa fictícia das cifras e das notícias é equiparada, ao longo da elucubração do personagem, à expectativa de vigor físico:

Fabulosas estatísticas continuaram saindo da teletela. Em comparação com o ano anterior havia mais comida, mais roupa, mais casas, mais móveis, mais panelas, mais combustíveis, mais navios, mais helicópteros, mais livros, mais recém-nascidos – tudo aumentara, exceto a doença, o crime e a loucura.[...] Em todas as épocas que lembrava com precisão, nunca houvera

suficiente para comer, nunca tivera meias ou roupa branca que não fossem esburacadas, mobília que não fosse capenga e gasta; e cômodos mal aquecidos, trens subterrâneos apinhados, casas caindo aos pedaços, pão escuro, chá raro, café nojento, cigarros insuficientes [...]

Como era fácil, pensou Winston, acreditar que o tipo físico considerado ideal pelo Partido – rapazes altos e musculosos, donzelas de grandes seios, louras viçosas queimadas de sol, alegres – existisse e mesmo predominasse.

Na verdade, até onde podia julgar, a maioria, na Pista Nº 1, era de gente miúda, morena, mal favorecida.

[...] Era o tipo que parecia florescer melhor sob o domínio do Partido (ORWELL, 2003, pp. 60 – 61)

O termo “Pista Nº 1” que aparece na citação anterior refere-se ao superestado da Oceania. Também Huxley em sua ficção valeu-se da aparência física para distinguir as diferentes classes de sua sociedade supra-real. A diferença capital entre Huxley e Orwell neste ponto está no fato de, em *Admirável Mundo Novo* o apogeu físico idealizado ser real e induzido no momento da fecundação dos indivíduos, através de interferências químicas que produziriam seres de físico menos favorecidos para aceitarem sua inferioridade social, mantendo assim a tranquilidade do *status quo*.

Em 1984, contudo, a ilusão física, como a ilusão de prosperidade social, figuraria como disfunção narcotizante no pensamento da população. “Até certo ponto podemos ‘ver’ aquilo que os nossos interesses, crenças e valores nos forçam a ver”(FEARING, 1971, p. 63).

Como vimos no subcapítulo 4.1 Orwell inspirou-se na distopia de Huxley, entre outros autores, para a elaboração de sua narrativa. Em comum entre ambos, como aferimos, existe o esforço governamental sobre a população para a manutenção da ordem social, em Orwell através da educação militar, repressão e extinção; já em Huxley atuam o controle da genética, indução ao consumo de drogas que causem o prazer e, a hipnopédia – indução de informação durante o sono – visando a aceitação do sistema social. Nas sociedades descritas por

ambos, há o incentivo ao fim dos laços de confiança e amor entre os indivíduos.

Como analisado em 1984 o amor é um sentimento que deve ser devotado somente ao líder político. Em *Admirável mundo novo* o sexo livre é exaltado, assim como a cultura vê com estranheza qualquer relação duradoura. Todos os indivíduos em *Admirável Mundo Novo* nascem através da fertilização em laboratórios; não há famílias, e a palavra “mãe” é considerada imoral e vergonhosa, digna de animais, e não de humanos.

– Suponho que, na realidade, os Ípsilons não se importam de serem Ípsilons – disse em voz alta.

– Está claro que não. Por que haveriam de se importar?

Eles não concebem outro gênero de vida. Nós, naturalmente, nos importaríamos. Mas acontece que fomos condicionados de outro modo e, além disso, começamos com uma hereditariedade diferente.

– Estou muito contente por não ser uma Ípsilon – observou Lenina com convicção.

– E se você fosse uma Ípsilon – retorquiu Henry – o seu condicionamento a deixaria não menos satisfeita por não ser uma Beta ou uma Alfa.

[...]

– Sim, agora todos são felizes – ecoou Lenina. Tinham ouvido essas palavras repetidas cento e cinquenta vezes por noite, durante doze anos.

[...]

Com o café foi-lhes servidos soma. Lenina tomou dois comprimidos de meio grama e Henry, três (HUXLEY, 2004, pp. 92 – 93)

Como encontramos acima, as diferentes classes sociais em Huxley não apenas são pré-determinadas em laboratório como aprendem a aceitar as vantagens de sua condição e serem felizes por não pertencerem a outras classes (Alfa, Beta e Ípsilon são exemplos dos títulos de estratificação social criados pelo autor) respeitando assim a ordem e o progresso pregados pelo positivismo e sua vertente organicista. Também o “soma”, a droga da felicidade, capaz de afastar qualquer sentimento lúgubre, aparece na citação. Ao que seria pertinente afirmar que enquanto a sociedade de Orwell mantém-se pela opressão, a de Huxley o faz pelo prazer.

Chico Buarque de Holanda, em sua obra de ficção *Fazenda modelo – novela pecuária* crítica, através de uma fazenda e tendo como personagens um rebanho de bovinos, uma sociedade autoritária na qual figura um líder máximo – Juvenal – governando as outras classes da estratificação estabelecida entre os bois e vacas. Encontramos no texto de Holanda semelhanças tanto em relação a Huxley, quanto a Orwell. Os personagens são animais, como

em *A revolução dos bichos*, há um líder que controla a mídia – o jornal da fazenda – e as estatísticas, como em *1984*, e as inseminações ocorrem de maneira artificial, como em Huxley.

Vejamos dois momentos em que a questão da idealização da raça aparece explicitamente no texto de Holanda:

Agora somos uma fazenda em vias de industrialização.

Aos poucos iremos ficando louros, lisos, brancos de neve, diáfanos, transparentes, até que invisíveis, para também podermos rir das outras fazendolas que só tem don't know how.

Abá cutucado, não sei se pelas medalhas ou se por recente vício, pediu mais, mais e mais eletroejaculação (HOLANDA, 2003, p. 53)

À luz dos refletores Juvenal nos descobriu o Monumento ao Trabalhador. Anatomia: tipo muscular, pele grossa, cabeça curta, orelhas grandes, felpudas, o colo carnosos, espáduas grossas e largas, as cruces salientes, o espinhaço forte e breve, a papada pendente até o joelho, joelhos sólidos e cilíndricos, jarretes são, as articulações íntegras, amplas ancas, os pés no chão, sinais particulares distribuídos pela carcaça. Era só queria ter a minha Anaía ali por perto para dizer se o Trabalhador era ou não era a minha cara, em tamanho maior (HOLANDA, 2003, pp. 66 – 67)

A primeira citação acima menciona Abá, o touro reprodutor já viciado em eletroejaculação – processo de penetração anal do boi para estimular com pequenos choques a ereção e ejaculação do “ouro branco” (HOLANDA, 2003, p. 52). Na segunda citação temos o ponto de vista do boi proletário sobre a estátua construída pelo líder Juvenal em homenagem ao “povo”. Regressando ao escrutínio direto de *1984* traçamos, sob a comunicação visual do ideal físico ostentado pela ideologia do *Ingsoc*, o seguinte paradigma:

Tomamos para o paradigma acima “sistemas visuais” como canal de comunicação, uma vez que através de imagens se poderia com maior eficácia transmitir imagens de corpos físicos idealizados – Orwell não explicita se o ideal físico é propagado somente através das *teletelas*. Também centramos como público desta mensagem a classe média, já que é esta a receptora das

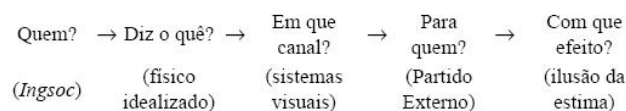


Figura 6.3

imagens dos *proles* como estímulo negativo – caberia à idealização a função de estímulo positivo, algo do que se orgulhar, e simultaneamente desprezar as imagens dos estímulos negativos.

Lauriano Neto traça paralelos entre formas distintas de controle social nomeando-os positivo e negativo, informal e formal, interno e externo. Atenemos para o modo como as nomenclaturas “negativo” e “formal” aplicam-se bem à sociedade de *1984*, enquanto em *Admirável mundo novo* figura o contrário, aplicar-se-iam os modelos “positivo” e “informal”, excluindo-se o controle “negativo” e o “formal”.

- Positivo: persuasão, sugestão, sistema de gratificações, educação, etc. [...]
- Negativo: ameaças, prisões, desterros, ordens, proibições, sanções (econômicas; sociais; culturais; bélicas; etc.)
- Formal: leis e regulamentos, intra ou extra sociais.
- Informal: chamadas de atenção, gestos, presenças, desaprovações; “gelo social”; desaprovação comportamental;
- Interno: efeito da interiorização das expectativas do grupo
- Externo: noção corrente de controle (formal e informal) (LAURIANO NETO, 2003, p. 02)

Entender-se-á que as formas de controle interno e externo existem nos dois romances, por figurarem dentro dos indivíduos pertencentes aos meios sociais – suas noções de correto e incorreto, perigo ou seguro, aceitável ou imoral. As outras quatro formas de controle aplicam-se a *1984*, embora as já destacadas como “negativo” e “formal” predominem. Terminemos este subcapítulo com a descrição de Orwell para um desfile de prisioneiros de guerra, exposição pública que incentivaria não apenas o ódio ao inimigo como também o valor à própria raça, e a aceitação social dos conceitos ligados à guerra.



Os caminhões continuaram passando, e o povo, insaciável, queria olhar. No começo algumas vaias e assovios tinham soado, de membros do Partido ali presentes, mas não haviam durado muito. A emoção geral era de simples curiosidade. Estrangeiros, fossem da Eurásia ou da Lestásia, eram considerados animais estranhos. Literalmente, não eram vistos nunca a não ser como prisioneiros, e mesmo como prisioneiros não eram visto senão de relance. Nem se sabia o que lhes acontecia, além de alguns enforcados como criminosos de guerra: outros desapareciam presumivelmente em campos de trabalhos forçados. Aos rostos redondos dos mongóis se haviam sucedido faces de tipo mais europeu, sujas, barbudas e exaustas, de zigomas salientes. [...] No último caminhão vinha um velho, o rosto coberto de cabelo grisalho desgrenhado, viajando de pé com os punhos juntos cruzados diante do peito, como se estivesse acostumado a algemas (ORWELL, 2003, p. 113)

De onde definimos o paradigma:

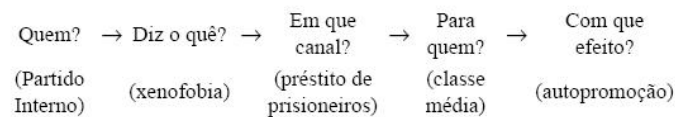


Figura 6.4

## 6.2 Reescrita da Poesia, dos Compêndios e da história

Um dos maiores conflitos do protagonista de *1984* é tentar lembrar-se da realidade social e histórica vigentes no período anterior à instituição do Socialismo Inglês.

Como vimos até este ponto, há em Winston a sensação de que o mundo não evolui para melhor com o *Ingsoc* em termos de liberdade e qualidade de vida, e devido à falta de registros fidedignos é difícil para ele, além de sua pesquisas nos bairros dos *proles* ou lojas de antiguidades, encontrar informações sobre o passado. Vejamos o texto que Winston encontra ao abrir um livro didático de História:

Antes da gloriosa Revolução, Londres não era a bela cidade que hoje conhecemos. Era um lugar escuro, sujo, miserável, onde pouca gente tinha o suficiente para comer e onde centenas e milhares de pobres não tinham calçado nem abrigo onde dormir. Crianças de mais ou menos a tua idade tinham de trabalhar doze horas por dia, para patrões cruéis, que as castigavam com chicotes quando trabalhavam muito devagar e não lhes davam senão côdeas de pão velho e água. Mas no meio desta terrível pobreza havia umas poucas casas belíssimas habitadas pelos ricos, que tinha até trinta criados para cuidar deles. Esses homens ricos chamavam-se capitalistas.

Eram gordos, feios, de caras perversas, como a que vêes na página ao lado. [...] Os capitalistas eram donos de tudo no mundo, e todas as outras pessoas eram escravas deles (ORWELL, 2003, p. 74)

Não só a imprensa era reescrita, portanto, como também a História, apagada e adulterada a cada dia, conforme as necessidades do *Ingsoc*. Compêndios escolares, como o acima citado, e toda forma de literatura, mesmo a poesia, eram remodelados constantemente consoante aos cânones ideológicos do Partido.

Alguns cubículos adiante, uma criatura terna, ineficiente, sonhadora, um homem chamado Ampleforth, de orelhas muito peludas e surpreendente talento para manejar rimas e metros, empenhava-se na produção de versões modificadas – textos definitivos, chamavam-se – de poemas que se haviam tornado ideologicamente ofensivos mas que, por um motivo ou outro, tinham de ser conservados nas antologias. E aquele corredor, com cerca de cinquenta funcionários, era apenas uma subseção, uma simples célula, podia-se dizer, da enorme complexidade do Departamento de Registro (ORWELL, 2003, p. 43)

Em suas visitas ao antiquário onde comprara seu diário, Winston reencontra figuras e objetos de um passado que já não existe. Podemos notar na passagem a seguir a maneira como a modificação da História influíra também na arquitetura da Londres retratada por Orwell. O interlocutor de Winston nestas falas é o dono da loja de bricabraque, que por fim revelar-se-ia membro disfarçado da polícia do pensamento. Winston atravessou o quarto para examinar o quadro.

Era uma gravura em aço de um edifício oval, de janelas retangulares, e uma pequena torre na frente. Havia uma grade de ferro em torno do prédio, e atrás algo semelhante a uma estátua. Winston fitou-o por alguns momentos. Parecia-lhe vagamente familiar, embora não se lembrasse da estátua.

[...]

– Conheço esse prédio – anunciou Winston por fim. – Está em ruínas agora. Fica na metade da rua do Palácio da Justiça.

– É isso, perto do Foro. Foi bombardeado em... há muitos anos. Era uma igreja antigamente. Chamava-se São Clemente dos Dinamarqueses. [...]

Winston indagou vagamente de si mesmo a que século pertenceria a igreja. Era sempre difícil determinar a idade de um prédio londrino. Tudo quanto fosse grande e imponente, e de aparência relativamente nova, era automaticamente declarado pós-revolucionário, enquanto que tudo mais, evidentemente antigo, era atribuído a um período obscuro denominado Idade Média. Afirmava-se que séculos e séculos de capitalismo não haviam produzido nada de valor. Da arquitetura não se podia aprender mais história do que dos livros. Ruas, pedras comemorativas, estátuas, nomes de ruas – tudo quanto pudesse lançar luz sobre o passado fora sistematicamente alterado (ORWELL, 2003, pp. 97 – 98)

A respeito da mudança gradativa do passado através da educação provida pelos órgãos militares, a seguinte reflexão de Winston denota o caráter progressivo com que o passado deixava de existir à medida que se avançava rumo às novas gerações:

Quando ele estava na escola, recordava Winston, antes de 1960, o Partido só afirmava ter inventado o helicóptero; doze anos mais tarde, no tempo de Júlia, já reclamava o avião; dali a uma geração com certeza se apossaria da máquina a vapor (ORWELL, 2003, p. 149)

O mecanismo de reescrita da História e da poesia pode ser entendido como uma urdidura cujos interesses em muito se assemelham à adulteração do jornalismo em *1984*. Reescrevendo-se as notícias, como vimos no quatro capítulo, dominava-se o passado, eliminando possibilidades de incompatibilidade entre os ditames do presente e a História.

Levando em consideração as informações levantadas no capítulo 4 e as descrições do ambiente desenvolvido por Orwell em sua narrativa, podemos

extrair a seguinte demonstração acerca da reescrita da História pelo Socialismo Inglês através dos livros didáticos e da literatura em geral:

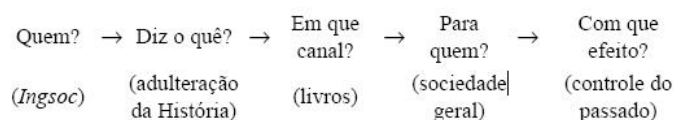


Figura 6.5

O diálogo a seguir intercala, consecutivamente, falas dos personagens O'Brien e Winston:

- Então, onde é que existe o passado, se é que existe?
- Nos registros. Está escrito.
- Nos registros. E em que mais?
- Na memória. Na memória dos homens.
- Na memória. Muito bem. Nós, o Partido, controlamos todos os registros, e controlamos todas as memórias. Nesse caso controlamos o passado, não é verdade? (ORWELL, 2003, p. 237)

### 6.3 Semiótica na Novilíngua, Uniformes e Tortura

Se aplicarmos uma visão semiótica aos três aspectos apontados no título deste subcapítulo, poderemos encontrar pontos de ligação entre *1984* e o nazismo e também mecanismos de hipnose.

Tomemos, primeiramente, a *Novilíngua*, cujos meandros já foram estudados neste trabalho. Se lembrarmos as principais características da língua idealizada pelo *Ingsoc* teremos o incentivo ao laconismo de expressão e ideias e a idealização de uma objetividade extrema. Mesma ideologia apregoada pelo laconismo militar do hitlerismo dos tempos da Alemanha nazista. No trecho a seguir encontramos um paralelo entre a comunicação lacônica e o positivismo (que alimenta regimes militares em geral, como foi o nazismo):

A rara capacidade de sujeitar-se minuciosamente às exigências do idioma da simplicidade em todos os setores da indústria cultural torna-se o critério da habilidade e da competência. Tudo o que estes dizem e o modo como dizem deve ser controlado pela linguagem cotidiano, como acontece no positivismo lógico. [...] O idioma exige uma força produtiva excepcional, e é inteiramente consumido (HORKHEIMER e ADORNO, 2002, p. 177)

Na mesma linha comparativa podemos interpretar os uniformes da polícia do Ministério do Amor, descritos por Orwell a partir da prisão do protagonista de *1984*, como uma forma de menção aos uniformes nazistas. Isso porque os uniformes dos militares de Hitler ficaram historicamente famosos pela cor negra; mesma cor escolhida por Orwell para vestir seus oficiais.

De fora se ouviu o ruído de botas marchando. A porta de aço abriu-se com estrépito. Um jovem oficial, uma figura esbelta, de uniforme negro que brilhava nos couros polidos e cujo rosto magro parecia uma máscara de cera, cruzou o limiar. Fez um gesto aos guardas, mandando que trouxessem o preso (ORWELL, 2003, p. 220)

Quanto à tortura sofrida pelo personagem Winston, podemos entendê-la um pouco melhor segundo o prisma das descrições de Mander acerca da privação dos sentidos como favorecimento à indução de informações e mecanismos de hipnose através da desconstrução psicológica seguida de mensagens em tom tranquilizador.

Consideremos, a princípio, que Winston, após receber a *Teoria Prática do Coletivismo Oligárquico* encontrou a resposta para suas dúvidas a respeito do passado. Em seguida foi preso, e submetido a um processo de torturas aplicadas pelo mesmo indivíduo que lhe proporcionara as respostas para suas dúvidas através do suposto livro de Goldstein. Nesta tortura, Winston é mantido numa posição em que não pode se mover, num ambiente de luz artificial onde perde a noção de tempo:

Estava deitado nalguma coisa que parecia uma cama de campanha, mais alta porém, e sobre a qual estava amarrado de maneira a não poder se mexer. Caía-lhe no rosto uma luz que lhe parecia mais forte que a habitual. [...]

Havia momentos em que a consciência, mesmo a consciência que se tinha durante o sono, se interrompera de todo, recomeçando depois de um intervalo em branco. E não havia meio de saber se esses intervalos eram de dia, semanas ou apenas segundos (ORWELL, 2003, p. 229)

Mander define, pois, que quanto maior a privação dos sentidos maior é a capacidade de atenção e menor é a possibilidade de abstração das mensagens enviadas. Winston, assim, amarrado, sem possibilidade de se mover, e preso a um ambiente de luz constante enquadrar-se-ia em uma posição altamente vulnerável a sugestão de ideologias.

O hábito de nos sentarmos em espaços escuros, com o ambiente natural obscurecido, esquecidos dos outros seres humanos, só com dois sentidos a funcionar, ambos em grau reduzido, e a vista e outras funções do corpo inactivas, fixando uma luz durante horas e horas, resulta em algo mais próximo da privação sensorial do que qualquer acontecimento anterior (MANDER, 1999, p. 209)

Ainda de acordo com Mander um sistema de hipnose mental seria submetido a partir da desconstrução mental dos indivíduos através de confusão psicológica, sendo este quadro seguido da indução de imagens ou discursos lineares e tranquilos. Curiosamente, na menção abaixo, o autor exemplifica esta forma de indução de retórica valendo-se da História da Alemanha nos tempos de Hitler:

Dadas as condições sociais e económicas conturbadas da Alemanha pós-Weimar, Hitler se transformou na solução nacional da desordem pela singularidade de sua voz, amplificada por rádios e microfones e sustentada pela sua crescente aclamação nos comícios sob holofotes iluminando enormes cruces suásticas. Um caminho claro e desimpedido no meio da desordem. Construir a partir da desconstrução (MANDER, 1999, p. 247)

Em 1984 Winston é submetido a uma torrente de espancamentos, depois sofre choques eléctricos, imobilizado, subjugado ao discurso de O'Brien sobre os princípios do *duplipensar* e os interesses do *Ingsoc*. “O poder está em se despedaçar os cérebros humanos e tornar a juntá-los da forma que se entender” (ORWELL, 2003, p. 255). Ainda resistente é exibido à própria imagem, vinte e cinco quilos mais magro, nu, em uma sala de espelhos, onde vê sua magreza e ferimentos de diversos ângulos.

Perde a auto-estima. Passado o processo de choque é conduzido a uma cela com algum conforto, recupera o peso e ganha uma dentadura para substituir os dentes perdidos nos espancamentos. Winston, neste processo de tranquilidade, já começa a aprender a duplipensar. “Aceitava tudo. O passado era alterável. O passado nunca fora alterado. A Oceania estivera em guerra com a Lestásia. A Oceania sempre estivera em guerra com a Lestásia” (ORWELL, 2003, p. 265).

A descrição de Mander sobre a retórica tranquila e equilibrada como forma mais efetiva de indução da informação ao indivíduo conturbado apresenta-se entre os intervalos das torturas infligidas ao personagem Winston, dentro do primeiro ciclo desta forma de clister mental. “Os modos de O'Brien

abrandaram-se. Arrumou os óculos, pensativo, e deu algumas passadas. Quando falou, foi com voz gentil e paciente. Tinha o ar de um médico, professor, ou sacerdote, ansioso de explicar e persuadir, e não de punir” (ORWELL, 2003, p. 234).

Além da descrição dos modos de O’Brien, podemos confirmar nas impressões de Winston sobre seu torturador a adequação do mesmo para com a teoria levantada por Mander: “Inundou de novo o coração de Winston aquela reverência particular pelo seu torturador, que nada parecia conseguir extirpar. Como era inteligente, pensou ele, como era inteligente!” (ORWELL, 2003, p. 261).

Contudo, um segundo ciclo de desconstrução é aplicado ao personagem. Conduzido à sala 101, é obrigado a arrostar seu maior medo: ratos. Winston tem o rosto preso a uma gaiola com ratazanas. Ao incitar seu maior pânico, o Partido conseguia, por fim, romper os laços do amor de Winston por Júlia. Já não havia obstáculos para o amor ao Grande Irmão.

– Faze isso com Júlia! Faze isso com Júlia! Comigo não! Júlia! Não me importa o que faças a ela. Arranca-lhe a cara, desnuda-lhe os ossos. Não comigo! Com Júlia! Comigo não!

[...] Ainda estava amarrado à cadeira, mas caíra através do soalho, através das paredes do edifício, através da terra, dos oceanos, da atmosfera, do espaço exterior, no vácuo entre as estrelas – sempre longe, longe, longe dos ratos (ORWELL, 2003, p. 274)

Passado o último grande trauma Winston é introduzido em novo ambiente próspero, é elevado a um cargo de grande remuneração e nenhum trabalho. O mecanismo de tortura ao qual fora submetido pode ser entendido, portanto, na teoria de Mander, como duas desconstruções seguidas de induções de tranquilidade. Winston por fim aprende a *duplipensar*, aprende a amar o Grande Irmão. Quando reencontra a ex-amante por acaso no metrô londrino percebe que ela fora submetida ao mesmo processo, já não se amam. Se depois das torturas no Ministério do Amor, Winston começa aprender a amar o Grande Irmão, vejamos como no último parágrafo da obra, o duplo sentido do termo “lograra vitória” aproxima-nos da ideologia do *duplipensar*. Quando é derrotado em sua resistência contra o Grande Irmão, Winston encontra a vitória – sobre si próprio.

Levantou a vista para o rosto enorme. Levava quarenta anos para aprender que espécie de sorriso se ocultava sob o bigode negro. Oh, mal-entendido cruel e desnecessário!

Oh, teimoso e voluntário exílio do peito amantíssimo!  
 Duas lágrimas cheirando a gim escorreram de cada lado do  
 nariz. Mas agora estava tudo em paz, tudo ótimo, acabada a luta.  
 Finalmente lograra a vitória  
 sobre si mesmo. Amava o Grande Irmão (ORWELL, 2003, p.  
 285)

É plausível esquematizar, portanto, os dois ciclos de desconstrução que caracterizam a tortura aplicada à Winston através do seguinte esquema; notemos a alternância entre períodos de debilitação mental antes de descansos que precedem os efeitos esperados.

**Primeiro ciclo de tortura:**  
 Espancamentos → Conversas com O'Brien → Choques elétricos → Conversas com  
 O'Brien → Humilhação física na sala dos espelhos → Regime de engorda

Figura 6.6

Explicita-se que os espancamentos, choques elétricos e a humilhação física na sala dos espelhos constituem, no esquema acima, os pontos de desestabilização mental do personagem torturado. Em contrapartida, as conversas com O'Brien introduzem a indução de informações (expropriação dos sentidos + ambiente artificial + figura respeitável e tranquila). Já o regime de engorda é o ponto em que o personagem dá início ao processo de *duplipensar*.

Segundo ciclo de tortura:

**Tensão pela espera do provável fuzilamento → Conversa com O'Brien → Tortura  
 na sala 101 com ratos → Emprego tranquilo e bem remunerado**

Figura 6.7

Neste segundo ciclo, considere-se a tensão pela espera do provável fuzilamento e a tortura com ratos na sala 101 como os pontos de desestabilização mental do prisioneiro, enquanto a conversa com O'Brien e a sinecura partidária final representam, respectivamente, um ponto de indução de informação e a constituição do ambiente perfeito para a efetiva concretização do *duplipensar* na mente outrora heterodoxa.

Os processos intercalados de tortura e indução de informações representados nos dois esquemas anteriores (aplicação da teoria de Mander sobre eficácia na indução mental e hipnose) são encontrados entre as páginas 229 e 274 de 1984.



## Capítulo 7

# Grande Irmão

O papa é pop, o papa é pop  
O pop não poupa ninguém  
O papa levou um tiro à queima roupa  
O pop não poupa ninguém  
("O papa é pop", Engenheiros do Hawaii)<sup>1</sup>

Neste capítulo, anterior imediato das considerações finais que encerram a proposta deste trabalho, estudaremos a figura do líder político criado por Orwell para *1984*. O símbolo do sistema autoritário, que como vimos pode ser entendido como uma analogia à figura política de Stálin, representa, como se verá, não um ser dotado de iniciativas a partir das quais lograria reconhecimentos, mas um ícone criado por uma classe política no intuito de personificar sua ideologia num ponto concreto – tal qual personificar-se-ia sobre a figura do antagonista Goldstein (provável analogia a Trotski, como visto) os povos inimigos da estabilidade da Oceania e do progresso do *Ingsoc*.

A idolatria pelo líder governamental e o sentimento xenófobo mesclam-se, como veremos no subcapítulo 6.2, de maneira muito similar ao estudado no subcapítulo 5.1, a respeito das idealizações de tipos físicos temerários propelidas pelas ideologias do Socialismo Inglês. O fim de nossa análise dá-se, no subcapítulo 6.3, com a exposição dos motivos do grande emissor das mensagens na rapsódia foco de nosso estudo; os motivos da elite para lutar pelo domínio que sua comunicação propicia sobre o receptor das mensagens suscita seus procedimentos e corrobora a utilização dos mesmos na busca do poder pelo poder.

---

<sup>1</sup> A letra de *O papa é pop* foi composta e gravada pelo grupo Engenheiros dos Hawaii no ano de 1991, quando o papado era representado por João Paulo II. Íntegra nos anexos.

Passada a festa, Aristarco tomava ao quadro o desenho e levava para casa. Tinha-os já às resmas. Às vezes, em momentos de esplim, profundo esplim de grandes homens, desarrumava a pilha; forrava de retratos, mesas, cadeiras, pavimento. E vinha-lhe um êxtase de vaidade. Quantas gerações de discípulos lhe haviam passado pela cara! Quantos afagos de bajulação à efígie de um homem eminente! Cada papel daquele era um pedaço de ovação, um naco de apoteose. E todas aquelas coisas malfeitas animavam-se [...] “Vê, Aristarco, diziam em coro, vê; nós aqui estamos, nós somos tu, e nós te aplaudimos!” (POMPÉIA, 2005, p. 113)

## 7.1 Idealização do Líder

Dentro da *Teoria Prática do Coletivismo Oligárquico* Winston encontra a divisão de classes da sociedade oceânica de forma um pouco diferente da que aqui foi apresentada no subcapítulo 2.2. As palavras do livro indicam a presença do Grande Irmão acima da classe formada pelo Partido Interno, atribuindo ao líder político a responsabilidade por todas as vitórias e descobertas significantes e qualquer área do conhecimento:

No alto da pirâmide está o Grande Irmão. O Grande Irmão é infalível e onipotente. Cada sucesso, cada realização, cada vitória, descobrimento científico, toda sabedoria, sapiência, virtude, felicidade, são atribuídos diretamente à sua liderança e inspiração. Ninguém nunca viu o Grande Irmão. É uma cara nos tapumes, uma voz nas teletelas. Podemos ter razoável certeza de que nunca morrerá, e já existe considerável incerteza da data em que nasceu. O Grande Irmão é a forma com que o Partido resolveu se apresentar ao mundo. Sua função é a de ponto focal para o amor, medo, reverência, emoções que podem mais facilmente ser sentidas em relação a um indivíduo do que a uma organização. Abaixo do Grande Irmão vem o Partido Interno, com seus seis milhões de membros, ou seja, menos de dois por cento da população da Oceania. Abaixo do Partido Interno vem o Externo, que pode ser chamado de mãos do Estado se ap primeiro se atribuir o papel de cérebro. Abaixo dele vem a massa muda a que nos referimos habitualmente por “proles” e que talvez constitua oitenta e cinco por cento da população (ORWELL, 2003, p. 200)

A figura do Grande Irmão, como vimos, tem a função de receptor da estima

e alvo de louvor da população, substitui a instituição, humanizando o foco do respeito. Da mesma forma encontramos na citação acima características do caráter fictício do líder político. O Grande Irmão nunca foi visto, é responsável por qualquer forma de sucesso, é imortal e não se sabe quando nasceu. Se o Partido Interno foi apresentado como o cérebro do Ingsoc – note-se como em nossas aplicações do Paradigma de Lasswell o emissor da mensagem é, majoritariamente o Ingsoc ou o Partido Interno, uma vez que ambos constituem o mesmo cerne – é compreensível que seja dele a criação da imagem do líder invencível, amigo do povo, substituindo o alvo do louvor (sistema político) pelo concretismo do palpável (humanização política).

O Grande Irmão, com efeito, não aparece em momento algum nas páginas de *1984* senão como um símbolo, alguém a ser amado, um poder superior, um temor eminente. Seu rosto está em todos os pontos, e em seu nome é realizado todo o arcabouço político, não obstante, o não haja qualquer prova da existência deste personagem – e a fala acima mostra, numa descrição lógica, a verdadeira função da figura mítica. Vejamos o diálogo seguinte, respectivamente entre Winston e O'Brien:

– [...] Nasci, e morrerei. Tenho braços e pernas. Ocupo um determinado ponto no espaço. Ao mesmo tempo, nenhum outro sólido pode ocupar o mesmo ponto. Nesse sentido, existe o Grande Irmão?

– Não tem importância. Existe.

– O Grande Irmão morrerá?

– Lógico que não. Como poderia morrer? Outra pergunta.

(ORWELL, 2003, p. 247)

Notemos como Winston evocou a lógica da física para definir o conceito de ser vivo e existente; o que para O'Brien, membro do Partido Interno, não faz sentido. A partir do momento em que o duplipensar prega que o Grande Irmão existe e é imortal, tal deliberação é verdadeira e inconteste. Saliente-se a resposta do personagem, refutando a possibilidade de morte do Grande Irmão com os termos “Lógico que não”. Isso porque as próprias leis da natureza eram aplicáveis ao duplipensar, através do qual a lógica una era a do Partido. “Qualquer coisa poderia ser verdade. Eram tolices as chamadas leis naturais. Era bobagem a lei da gravidade” (ORWELL, 2003, p. 265).

A partir desta interpretação, portanto, decidimos manter o esquema de estratificação social em *1984* da maneira como o apresentamos no subcapítulo 2.2, seguindo a lógica de nossa análise, e não de acordo com a ótica do *duplipensar* impressa à *Teoria Prática do Coletivismo Oligárquico*. Analisemos

a seguir a representação da estratificação de acordo com a teoria encontrada por Winston:

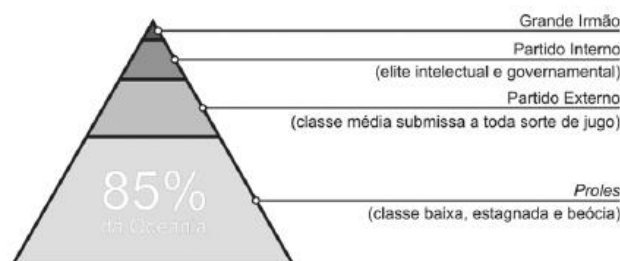


Figura 7.1

Como notamos, a única diferença entre a figura anterior e a presente no subcapítulo 2.3 deste trabalho é a presença de um indivíduo acima da classe alta, o fictício Grande Irmão. Seguindo esta linha de raciocínio, também podemos entender o personagem Goldstein como uma figura de valor simbólico – inimigo fictício do líder fictício – já que, como estudamos no subcapítulo 4.2, a guerra entre os continentes orwellianos é um embuste criado para consumir o excedente dos meios de produção das nações sem permitir que tal produção gere indesejada melhora na qualidade de vida dos superestados. Desta forma pode se entender esta maneira cultural de comunicação – a criação de ícones de liderança – através do Paradigma de Lasswell, valendo-nos dos seguintes agentes como produtores da comunicação:

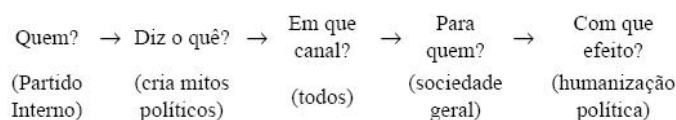


Figura 7.2

Considere-se que o agente “Em que canal?” abrange todas as formas de comunicação existentes no microcosmo de *1984* anteriormente estudadas neste trabalho; isso porque, como vimos, todas (*teletelas*, cinema, jornais, cartilhas, músicas, hinos, cartazes, etc.) são regidas por uma mesma doutrina partidária, além de serem alimentadas pela dupla *Novilíngua* e *duplipensar*, intrinsecamente ortodoxas e fieis aos mandamentos do *Ingsoc*. E como visto, é do interesse do Partido Interno a existência do Grande Irmão.

Fearing teoriza a respeito de estereótipos como os que encontramos nas

figuras do Grande Irmão, de Goldstein, e do tipo físico ideal difundido pelo Partido:

Estereótipos têm duas características psicológicas importantes:

1. servem para proteger e suportar o status quo, os privilégios ou as vantagens do indivíduo ou do grupo num momento dado.
2. são altamente resistentes a mudanças (FEARING, 1971, p. 74)

Aceitando, por fim, que no microcosmo estudado em *1984* a venda de conceitos se dá não no âmbito da comercialização de produtos, mas sim no da venda de ideologias políticas e militares, podemos adaptar a seguinte fala de Mander acerca da publicidade do universo capitalista para o contexto do Socialismo Inglês. Para tal, basta ler o texto substituindo as alusões mercantilistas por conceitos ligados à idolatria ao Grande Irmão e submissão ortodoxa aos cânones da sociedade oceânica, o que torna o termo “publicidade” muito apropriado para a venda de comportamento ideológico (propaganda):

A publicidade serve pois para levar aos seres humanos a aceitar os ambientes artificiais, restringindo o conceito de diversidade de modo a caber na ossatura das mercadorias, enquanto uniformiza os indivíduos circunscrevendo-os a esse conceito. O resultado é um tipo de pensamento único e canalizado, disposto a receber mensagens comerciais, pronto a confundir [...] as necessidades humanas com a necessidade do anunciante de vender os seus produtos (MANDER, 1999, p. 156)

Segundo Merton e Lazarsfeld a monopolização informativa se dá a partir do momento em que não há contrapropaganda para aquilo que é difundido. A informação manipulada em *1984* pode ser considerada monopolizada, portanto, a partir do momento em que mesmo os supostos inimigos do Partido não podem ser concretamente considerados reais, uma vez que a existência real de Goldstein (independente da crítica implícita a personagens históricos reais que Orwell tenha imprimido aos de sua narrativa) é tão provável quanto a do próprio Grande Irmão.

Monopolização – essa situação é atingida quando há pouco ou nenhuma oposição aos meios de comunicação de massa na difusão de valores, políticas ou imagens públicas. [...] A monopolização dos meios de comunicação de massa se dá na ausência de contrapropaganda (MERTON e LAZARFELD, 2002, p. 126)

Se compararmos *1984* e *A revolução dos bichos* quanto à aparente crítica comum de Orwell sobre Stálin (envolvendo Trotski), encontraremos na fábula de 1945, tom mais explícito a respeito da construção de um mito sobre o inimigo do povo, Bola-de-Neve (Trotski).

Todos esses boatos eram, provavelmente, coisa de Bola-de-Neve e seus agentes. Parecia, agora, que Bola-de-Neve, na realidade, não estava escondido na Granja Pichfield; aliás, nunca estivera lá em toda a sua vida.

Vivia – e cercado de muito luxo, sabiam agora – em Foxwood, sendo, além do mais, sustentado por Pilkington havia muitos anos (ORWELL, 2004, p. 85)

Notemos acima como, a exemplo do que ocorre em *1984*, em *A revolução dos bichos* o passado muda de acordo com as novas notícias, e a fazenda (superestado) aliada de ontem torna-se a fazenda (superestado) inimiga hoje.

## 7.2 Nacionalismo Jacobino

Nossa intelecção a respeito da exibição de prisioneiros de guerra como forma de despertar o orgulho nacionalista nos receptores da mensagem, ao mesmo tempo que promover o repúdio às raças inimigas, completa-se neste subcapítulo, com o acréscimo do tópico do nacionalismo jacobino. O desprezo xenófobo perpetuado não apenas através dos desfiles cívicos como também – como é de se presumir na realidade estudada, onde a mídia e os livros escolares são produzidos pelo Estado – na escola, ligas militares e mídias de informação, teria como público o Partido Externo. Sabendo que a informação parte do Partido Interno, é condizente que o emissor não desejasse atingir os proles, que são, como vimos, militarmente

excluídos.

O que resulta na seguinte demonstração:

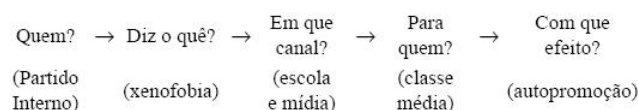


Figura 7.3

Uma vez que a visão da classe média sobre a classe inferior à sua é de repúdio, e que a visão da mesma classe média em relação aos povos estrangeiros é

de ódio e rivalidade, resta apenas uma opção como passível de receber admiração e louvor: a classe alta, o Grande Irmão.

A citação a seguir retrata a observância de Winston enquanto os filhos de sua vizinha pedem para assistir a uma execução de prisioneiros de guerra:

– Ficam tão barulhentos – disse ela. – Estão desapontados porque não puderam assistir ao enforcamento, é isso. Estou ocupada para levá-los, e Tom não voltará do serviço a tempo.

– Por que não podemos ir ver o enforcamento? – indagou o menino, num vozeirão.

– Quero vê o forçamento! Quero ver o forçamento! – cantolou a garota, saltitando pelo cômodo.

Deviam ser enforcados naquela noite, no Parque, uns prisioneiros eurásianos criminosos de guerra. Isso acontecia uma vez por mês e era um grande espetáculo popular. As crianças sempre exigiam que as levassem (ORWELL, 2003, p. 25)

### 7.3 Poder pelo Poder

Nesta última incursão analítica ao universo deste estudo, antes das conclusões desta comunicação, encontraremos o objetivo exposto por Orwell para justificar a busca do poder político em *1984* pela elite do Partido Interno. Como verificamos em nossas análises de controle, conteúdo, meio, audiência e efeito, valendo-nos mormente da aplicação do Paradigma de Lasswell, a mensagem enviada pela elite política de *1984*, ao tocar o público final moldava-o, manipulando sua conduta e pensamento, a fim de manter a ordem social, o status quo. Qual seria o motivo do poder almejado por tal elite?

Orwell apresenta o poder como sendo a justificativa de si próprio. Um prazer, uma necessidade essencial. Uma vez detentora do poder sobre o pensamento e a expressão, sobre os documentos e a História, a classe politicamente superior encontrava a satisfação para o exercício de tal poder dominando as mentes, tornando reais as contradições do *duplipensar*. Como vimos, para um indivíduo *bempensante* nada seria contraditório. A própria realidade fora adulterada pelo poder do homem sobre a verossimilhança, como notamos nestes discursos de O'Brien entre as sessões de choques a que Winston fora submetido durante sua tortura:

– [...] Só estamos interessados no poder. Nem na riqueza, nem no luxo, nem em longa vida de prazeres: apenas no poder, poder puro. [...] Somos diferentes de todas as oligarquias do

passado, porque sabemos o que estamos fazendo. Todas as outras, até mesmo as que se assemelhavam conosco, eram covardes e hipócritas (ORWELL, 2003, p. 251)

– Controlamos a matéria porque controlamos a mente. A realidade está dentro da cabeça. [...] Não há nada que não possamos fazer. Invisibilidade, levitação... tudo. Eu poderia flutuar no ar, como uma bolha de sabão, se assim quisesse. Mas não quero, porque o Partido não o deseja. Deves abandonar essa idéia do século dezenove a respeito das leis da natureza. Nós fazemos as leis da natureza! (ORWELL, 2003, p. 253)

Mander teoriza acerca do conceito de reconstrução da realidade e os efeitos de controle mental que se mostram possíveis em tais ambientes:

Ao habitarmos ambientes artificiais, reconstruídos e arbitrários, criados tão-somente por concepções humanas, não podemos ter a certeza de saber distinguir a verdade da mentira. Perdemos as noções de contexto e perspectiva. O nosso conhecimento advém do que outros seres humanos nos ensinam. Por conseguinte, quem quer que seja que controle os processos de re-criação, redefine a realidade de forma eficaz para todos os outros, criando um mundo inteiro de experiência humana, o nosso campo de conhecimento. Tornamo-nos objectos de sujeição (MANDER, 1999, p. 83)

O domínio da mente, e o prazer propiciado por este domínio seriam, pois, a justificativa do fluxo informativo cujos agentes estudamos detalhadamente nesta obra. O domínio sobre o personagem Winston, sua trajetória de dissidente a integrado, é um exemplo do intuito do Partido sendo posto em prática. Observado pelas *teletelas* durante anos, Winston não foi vaporizado, como seria aprioristicamente mais cómodo. Foi primeiro alimentado de todas as verdades pelas quais ansiava, depois torturado até esquecer-las e negá-las todas. Pois o prazer maior não estaria na execução do espírito crítico, e sim na sua conversão ao sistema ideológico.

A passagem a seguir, fala de O'Brien para Winston, exemplifica este fito do Partido Interno, tal como corrobora o carácter fictício do personagem Goldstein e denota o desejo da elite pela manutenção de um *status quo* ao longo da História:

– [...] Goldstein e suas heresias viverão sempre. Todo dia a todo momento serão derrotados, desacreditados, ridicularizados,



cuspidos... e no entanto sempre sobreviverão. Este drama que representei contigo durante sete anos será representado inúmeras vezes, geração após geração, sempre em formas mais sutis. Sempre teremos aqui o herege à nossa mercê, gritando de dor, quebrado, desprezível... e no fim completamente arrependido, salvo de si próprio, rastejando aos nossos pés por sua própria vontade. [...] Vejo que começa a perceber o que será o mundo. Mas no fim farás mais do que compreender. Tu o aceitarás, aplaudirás, farás parte dele (ORWELL, 2003, p. 256)

## Capítulo 8

# Considerações Finais

Chegando ao fim da circunspeção proposta no início deste trabalho podemos concluir, acerca da utilização da escola do estrutural-funcionalismo, que a propositura de Lasswell no intuito de definir agentes no fenômeno comunicacional apresenta-se na forma de um teorema matemático de comunicação amplo e propício, que permite a busca pela riqueza de fontes de pesquisa em pensadores e comunicólogos de diversas escolas, interligando-os por meio de analogias ou antíteses para desenvolver-se o estudo – dispensando uma visão unilateral, à qual poder-se-ia chegar ao trabalhar-se com teóricos de uma única escola.

Desta forma, ao valerem-se do Paradigma de Lasswell, as análises (controle, conteúdo, meios, audiência e efeitos) abarcaram um grande campo de argumentos para ilustração das inferências. Simultaneamente, os conceitos de ruído em comunicação (Lazarsfeld), Teoria da Agulha Hipodérmica (Lasswell) e Teoria do *Two Step Flow* (Lazarsfeld), nascidos no pensamento funcionalista vieram a exemplificar-se em nosso microcosmo de estudo de maneira precisa.

Esta monografia tenciona, assim, servir como exemplo da utilização das teorias da escola de análise da qual valeu-se como ferramenta de trabalho. Quiçá complementando o mérito do estrutural-funcionalismo enquanto campo teórico amplo – solo possível de vasta pesquisa dentro de seus arcaibouços de agentes e sua teoria matemática da comunicação.

Em 1984 a mensagem adulterada, partindo, pois, da elite política, através de diversos meios de comunicação controlados por este emissor oligárquico, ora tendo como público a classe média, ora a classe baixa e em alguns casos a ambas, gera, através de um conjunto de afirmações sociais e confirmações ideológicas, as condições necessárias para a estabilidade do *status quo*.

Quanto ao terreno da análise literária, concluímos que esta obra pode ser

uma contribuição para o melhor entendimento da rapsódia de Orwell, sendo assim do interesse não apenas de estudiosos da Comunicação como também dos cativos às Letras.

Sociologicamente, ambicionaria o presente estudo constituir uma pequena contribuição para a abordagem de temáticas como a liberdade de pensamento e expressão dentro de um sistema social, tal como à compreensão das ambições e características de três camadas nítidas de uma sociedade estratificada, socialmente plausível de comparação com o campo capitalista hodierno e do passado.

Para maiores ilustrações sobre o tema, além da leitura das obras de Orwell (*1984* e *A revolução dos bichos*) aqui citadas, e de autores como Aldous Huxley (*Admirável Mundo Novo*) e Chico Buarque de Holanda (*Fazenda Modelo*), existe a opção do filme *1984*, dirigido por Michael Redford (*Nineteen Eighty-four*, Reino Unido, 1984).

Grato pela atenção.

João Pedro Vicente - jornalista

Ribeirão Preto / SP / Brasil – dezembro de 2005 E-mail do

autor: [jpvicente@estadao.com.br](mailto:jpvicente@estadao.com.br)

## Capítulo 9

# Referências Bibliográficas

ALENCAR, José de. O Guarani. São Paulo: FTD, 1998.

BUARQUE, Chico. Fazenda Modelo: Novela Pecuária. 15ª ed., São Paulo: Civilização Brasileira, 2003.

CARDOSO, Onésimo de Oliveira. Os paradigmas no ensino da comunicação: a transgressão epistemológica. In: MARQUES DE MELO, José e CASTELO BRANCO, Samantha. Pensamento comunicacional brasileiro – o grupo de São Bernardo. São Bernardo do Campo: Unesp, 1998.

CARMELO, Luís. Três perfis do controlo do destino: o profético, o político e o mediático. Artigo científico. Universidade Autónoma de Lisboa, 1999. Disponível em: [http://www.bocc.ubi.pt/pag/\\_texto.php3?html2=carmelo-luis-perfis-controlo.html](http://www.bocc.ubi.pt/pag/_texto.php3?html2=carmelo-luis-perfis-controlo.html), acesso: 17.mar.2005.

COLAPIETRO, V. M. Glossary of semiotics. New York: Paragon House, 1993. DORFMAN, Ariel e MATTELART, Armand. Para ler o Pato Donald: comunicação de massa e colonialismo. 5ª ed., São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ECO, Umberto. Apocalípticos e integrados. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

ELÍSIO DOS SANTOS, Roberto. Introdução à teoria da comunicação. São Bernardo do Campo: Editora do IMS, 1992.

FEARING, Franklin. A comunicação humana. In: COHN, Gabriel (org.). Comunicação e Indústria Cultural. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

- FIDALGO, Antônio e GRADIM, Anabela. Manual de Semiótica. Artigo científico. Lisboa: 2005. Disponível em:  
[http://bocc.ubi.pt/pag/\\_texto.php3?html2=fidalgo-antonio-manual-semiotica-2005.html](http://bocc.ubi.pt/pag/_texto.php3?html2=fidalgo-antonio-manual-semiotica-2005.html), acesso: 18.mar.2005.
- FOLHA DE S. PAULO. Entrevista de Levi-Strauss a Bernardo Carvalho. Publicada a 22 de outubro de 1989.
- \_\_\_\_\_. Charge de Laerte intitulada O triunfo do voyeurismo. Publicada no caderno TV Folha, a 10 de fevereiro de 2002.
- \_\_\_\_\_. Entrevista de Armand Mattleart a Alcino Leite Neto. Publicada a 04 de dezembro de 2001, disponível em: <http://www.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0412200106.htm>, acesso: mai.2002.
- FORLANI, Marcelo. Resenha de Diamond Dogs – David Bowie. Disponível em:  
, acesso em: fev.2005.
- GONZAGA, Sergius. O romance romântico. Disponível em:  
<http://www.terra.com.br/educacao/literatura>, acesso: 29.ago.2005.
- HORKHEIMER, Max e ADORNO, Theodor W. A indústria cultural – O iluminismo como mistificação das massas. In: LIMA, Luiz Costa (org.). Teoria da cultura de massa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- HUBERMAN, Leo. História da riqueza do homem. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.
- HUXLEY, Aldous. Admirável mundo novo. 2ª ed., São Paulo: Globo, 2004.
- LAURIANO NETO. Análise da ruptura na integridade filosófica do sistema versus Um novo modelo de controle social de dominação sócio-cultural. Artigo científico: Universidade Cândido Mendes, 2003.
- LASSWELL, Harold D. A estrutura e a função da comunicação na sociedade. In: COHN, Gabriel (org.). Comunicação e indústria cultural. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.
- LONY, Michael. Método dialético e teoria política. 4ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- MANDER, Jerry. Quatro argumentos para acabar com a televisão. Lisboa: Antígona, 1999.

- MARQUES DE MELO, José. Teoria da comunicação: paradigmas latino-americanos. Petrópolis: Vozes, 1998.
- MARTINET, André. A linguagem, instituição humana. In: COHN, Gabriel (org.). Comunicação e indústria cultural. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.
- MATTELART, Armand e Michele. Histórias das teorias da comunicação. São Paulo: Loyola, 1999.
- McLUHAN, Marshal Herbert. Os meios de comunicação como extensões do homem. São Paulo: Cultrix, 1971.
- \_\_\_\_\_. Visão, som e fúria. In: LIMA, Luiz Costa (org.). Teoria da cultura de massa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- MERTON, Robert K., LAZARFELD, Paul F., Comunicação de massa, gosto popular e organização social. In: LIMA, Luiz Costa (org.). Teoria da cultura de massa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- MOLES, Abraham A. Doutrinas sobre a comunicação de massa. In: LIMA, Luiz Costa (org.). Teoria da cultura de massa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- NOTH, W. Panorama da Semiótica: de Platão a Pierce. São Paulo: Annablume, 1995.
- O ESTADO DE S. PAULO. Fotos manipuladas por Stalin e legendas respectivas. Publicadas a 16 de novembro de 1997.
- OLIVEIRA, Regiane. Conceitos de Cultura. Disponível em:  
<http://www.pucsp.br/pos/cos/cultura/conceito.htm> acesso: 02.set.2005.
- ORWELL, George. 1984. 29ª ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2003.
- \_\_\_\_\_. A revolução dos bichos. 2ª ed., São Paulo: Globo, 2004.
- POMPÉIA, Raul. O Ateneu. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- REED, John. Os dez dias que abalaram o mundo. São Paulo: Círculo do Livro, 1988.
- REISMAN, David. O turno da noite. In: LIMA, Luiz Costa (org.). Teoria da cultura de massa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ROST, Martinho Carlos. A alienação social. Disponível em:

[www.armazem.literario.nom.br/](http://www.armazem.literario.nom.br/eles/martinhocarloshost/filosofia/34_modulo34.htm)

[eles/martinhocarloshost/filosofia/34\\_modulo34.htm](http://www.armazem.literario.nom.br/eles/martinhocarloshost/filosofia/34_modulo34.htm), acesso: 02.set.2005.

SANTAELA, L. O que é semiótica. São Paulo: Braziliense, 1983.

SCHILLING, Voltaire. O Big Brother de Orwell. Disponível em:

[http://educaterra.terra.com.br/](http://educaterra.terra.com.br/voltaire/politica/bigbrother.htm)

[voltaire/politica/bigbrother.htm](http://educaterra.terra.com.br/voltaire/politica/bigbrother.htm), acesso em: 30.ago.2005.

\_\_\_\_\_. História da Rússia soviética da revolução de 1917 ao stalinismo.

Disponível em: <http://educaterra.terra.com.br/voltaire/politica/completar.htm>,  
acesso em: 01.set.2005.

WEAVER, W., A teoria matemática da comunicação. In: COHN, Gabriel (org.). Comunicação e indústria cultural. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

WRIGHT, Robert. Não Zero – a lógica do destino humano. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

# Capítulo 10

## Anexos

Encontra-se a partir desta página material complementar para a compreensão desta obra, tanto na forma de conceitos acadêmicos como através de intertextualizações e as versões integrais das epígrafes utilizadas na introdução de cada um dos sete primeiros capítulos deste estudo.

### 10.1 Intertextualizações

Publicado em 1974, durante o período de censura militar brasileira, o livro citado no subcapítulo 5.1: *Fazenda modelo – novela pecuária*, de Holanda, têm a particularidade de trazer críticas a um governo autoritário através de sua trama de personagens, e, concomitantemente, ter precisado camuflar-se para vencer o crivo dos censores de seu tempo.

O livro que se intitula uma novela também poderia ser classificado como fábula e apresenta-se, a princípio, como estudo sobre pecuária. A ironia em Holanda transparece em aspectos dispersos durante a obra, como nas páginas 05 e 07 (HOLANDA, 2003), respectivamente reservadas à dedicatória e aos agradecimentos, onde o autor oferece o livro à esposa Latucha, e agradece o apoio de três professores e doutores: Latucha e os doutores/ professores citados são na verdade personagens fictícios encontrados no interior da obra. Também o prefácio é fictício e apresenta a obra como um estudo sobre reses.

Como veteranos pecuaristas, sentimo-nos, ao mesmo tempo, assustados e contemplados com o encargo que nos foi confiado. Apresentar Fazenda Modelo ao leitor é tarefa superior às nossas modestas faculdades, responsabilidade, pois, que nos assusta. Honra-nos, contudo, saber que ainda somos ouvidos e até mesmo solicitados por especialistas jovens, como este autor estreante. [...]



A veia literária está presente no estilo límpido com que o jovem aborda as múltiplas facetas da complexa questão pecuária, dando-lhe cunho de uma grande batalha a pelejar e apontando os meios de o nosso povo sagrar-se vitorioso (HOLANDA, 2003, p. 11)

Estabelecendo-se um interdiscurso entre a censura e reescrita literária de 1984 e um período de governo autoritário na História brasileira, a obra *Fazenda Modelo* serve como ilustração a uma forma de comunicação escrita para um ambiente de censura, trazendo em seu interior duplos sentidos e passagens de compreensão hermética, além de simbolismos, como forma de defesa perante as proibições ideológicas. Um exemplo disso é o parágrafo a seguir reproduzido:

Aurora despachada entra Beleza sai Beleza entra Balbina sai Balbina entra Betina sai Bidu entra Bigodes entra sai sai entra Bailarina entra Calu meia-volta entra Ciranda volta e meia Desirê passo à frente arretê gire um sorvete colorê sai Doralia entra você vira volta rodopia visavis com Doralia balancê changê Delicada Diabinha traversê tem boi na linha anavã galope tur e o magote de vaquinhas se acabou executado no primeiro paredón libidinoso da Fazenda Modelo, para aleluia e asco de Juvenal (HOLANDA, 2003, p. 32)

Como numa emulação de disfarce quanto aos próprios intentos críticos – *Fazenda Modelo* aborda temáticas como ditadura, homossexualidade masculina e feminina, incesto, imigração e desmatamento, entre outras – Holanda chega a introduzir uma receita de churrasco dentro de sua narrativa, receita aliás, na qual as vísceras do bovino devem ser retiradas com o animal ainda vivo (para servir o líder Juvenal, outro boi – canibalismo).

Seu preparo requer um animal cheio de saúde que deve ser atado pelos pulsos e tornozelos a uma trave horizontal, de maneira que seu lombo fique pendulando à meia altura. Utilizar um facão bem afiado para abrir o lombo e, com uma colher ou concha, selecionar as melhores carnes. Picá-las rapidamente, para que não esfriem<sup>1</sup> mexendo-as e amalgamando-as com uma gema de ovo.

Com a outra mão tempere a carne: três pitadas de sal, duas de pimenta-do-reino, um dente de alho, cebola a gosto e uma colher,

---

<sup>1</sup> Grifo meu, explicitando que as carnes em questão são retiradas de um boi ainda vivo.

das de sopa, de sopa de leite. Agite o preparado numa terrina a caminho da mesa de Juvenal que, naturalmente, não podia saber o que se passava lá embaixo na cozinha (HOLANDA, 2003, p. 23)

Também como ilustração que leve o tema da censura e controle de expressão para fora dos limites da ficção de Orwell, podemos citar o Projeto Echelon, que seria uma suposta rede de espionagem correlata às inteligências americana, canadense, britânica, neozelandeza e australiana, através da qual mensagens em diferentes níveis de comunicação seriam interceptadas e analisadas por agências de espionagem. Lauriano Neto define:

O ECHELON é uma rede de satélites (comportando, também, a monitoração de: microondas, celulares, fibras óticas, etc.) e computadores que visa capturar todas as comunicações mundiais, incluindo as comunicações de e para os Estados Unidos (projetamos uma capacidade de, atualmente, o sistema monitorar dois milhões de ligações, chamadas, faxes, e-mails e etc. por minuto). Os computadores da NSA utilizam um sistema muito sofisticado de filtragem para agrupar as comunicações interceptadas em conversas telefônicas, e-mail ou faxes numa série de palavras chave ou assuntos de interesses estratégicos (LAURIANO NETO, 2003, p. 15)

Entenda-se a sigla NSA no trecho acima como “Agência Nacional de Segurança”, onde “nacional” refere-se aos Estados Unidos. Ainda sobre o projeto ECHELON, Lauriano Neto prossegue:

Durante anos, diversos jornalistas conseguiram “desenterrar” fragmentos de informação sobre o ECHELON.

O ano passado, a existência do ECHELON internacionalizou-se quando o Parlamento Europeu recebeu dois relatórios detalhados sobre as operações conduzidas pelo programa e o governo australiano confirmou fazer parte do projeto. Em fevereiro/99, o Parlamento Europeu debateu o ECHELON que, de um momento para o outro, passou a ser tema público de discussão, apesar de a Grã-Bretanha e os Estados Unidos negarem a sua existência (NETO, 2003, p. 15)

## 10.2 Conceitos Gerais

Definições para semiótica:

O nome semiótica vem da raiz grega semeion, que quer dizer signo. [...] Semiótica, portanto, é a ciência dos signos, é a ciência de toda e qualquer linguagem. [...] A semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno de produção de significação e de sentido. (SANTAELA, 1983, pp. 07-13)

Semiótica é a ciência dos signos e dos processos significativos (semiose) na natureza e na cultura. [...] A semiótica, como teoria geral dos signos, tem a sua etimologia do grego semeion que significa “signo”, e sema, que pode ser traduzido por “sinal” ou “signo” (NOTH, 1995, pp. 17-21)

Colapietro (1993, p. 179) define, por sua vez: “Semiótica é o estudo ou doutrina dos signos, algumas vezes considerada como uma ciência dos signos; uma investigação sistemática da natureza, propriedades e tipos de signo”.

Para complementar o entendimento destas definições, podemos tomar os ditos de Fearing em sua definição acerca de signos – o foco do estudo da semiótica, como vimos.

Uma pessoa perdida numa floresta pode interpretar um filete de fumaça no horizonte como indício de fogo e de possível habitação humana. Isso é claramente um signo.

Se o fogo foi aceso com intenção de produzir um signo para outra pessoa, então torna-se um símbolo [...] Os símbolos têm três características de profundo significado em comunicação:

1. são produzidos por agentes humanos [...]
2. têm significado comunicativo somente na medida em que os comunicadores e receptores entraram previamente em acordo sobre seu significado
3. são produzidos com a intenção de estruturar situações em que as partes têm ou supõe-se que tenham interesses comuns (FEARING, 1971, p. 79)

Se a semiótica é o estudo dos signos e os signos são os sinais e indícios presentes na estética e linguagem das formas de comunicação (ou símbolos), podemos entender a semiótica como uma visão ampla dos contextos em que as mensagens existem, buscando inferir se tal contexto influi diretamente no conteúdo e no significado da mensagem (ou símbolo).

## 10.3 Íntegra das Epígrafes

Seguem-se as letras integrais das músicas que serviram de epígrafes para os capítulos deste trabalho, na ordem em que nele aparecem.

### 10.3.1 Epígrafe do Capítulo 1:

Big Brother

(David Bowie)

*Don't talk of dust and roses*

*Or should we powder our noses?*

*Don't live for last year's capers*

*Give me steel, give me steel, give me pulses unreal*

*He'll build a glass asylum*

*With just a hint of mayhem*

*He'll build a better whirlpool*

*We'll be living from sin, then we can really begin*

*Please saviour, saviour, show us*

*Hear me, I'm graphically yours*

*Someone to claim us, someone to follow*

*Someone to shame us, some brave Apollo*

*Someone to fool us, someone like you*

*We want you Big Brother, Big Brother*

*I know you think you're awful square*

*But you made everyone and you've been every where*

*Lord, I'd take an overdose if you knew what's going down*

*Someone to claim us, someone to follow*

*Someone to shame us, some brave Apollo*

*Someone to fool us, someone like you*

*Someone to claim us, someone to follow*

*Someone to shame us, some brave Apollo*

*Someone to fool, someone like you*

*Someone to claim us, someone to follow  
Someone to shame us, some brave Apollo  
Someone to fool, someone like you  
We want you Big Brother*

Fonte: <http://www.algonet.se/%7Ebassman/lyrics/dd/bb.html>, acesso: 09.mar.2005.

### 10.3.2 Epígrafe do Capítulo 2:

1984  
(David Bowie)  
*Someday they won't let you, now you must agree  
The times they are a-telling, and the changing isn't free  
You've read it in the tea leaves, and the tracks are on TV  
Beware the savage jaw  
Of 1984  
They'll split your pretty cranium, and fill it full of air  
And tell that you're eighty, but brother, you won't care  
You'll be shooting up on anything, tomorrow's never there  
Beware the savage jaw  
Of 1984  
Come see, come see, remember me?  
We played out an all night movie role  
You said it would last, but I guess we enrolled  
In 1984 (who could ask for more)  
1984 (who could ask for mor-or-or-or-ore)  
(Mor-or-or-or-ore)  
I'm looking for a vehicle, I'm looking for a ride  
I'm looking for a party, I'm looking for a side  
I'm looking for the treason that I knew in '65  
Beware the savage jaw  
Of 1984*

*Come see, come see, remember me?  
We played out an all night movie role  
You said it would last, but I guess we enrolled  
In 1984 (who could ask for more)  
1984 (who could ask for mor-or-or-or-ore)  
(Mor-or-or-or-ore)  
1984  
1984  
1984 (Mor-or-or-or-ore)  
1984  
1984 (Mor-or-or-or-ore)  
1984*

Fonte: <http://www.algonet.se/%7Eebassmanlyrics/dd/84.html>, acesso: 09.mar.2005.

### 10.3.3 Epígrafe do Capítulo 3:

Admirável Chip Novo  
(Pitty)  
Pane no sistema alguém me desconfigurou  
Aonde estão meus olhos de robô?  
Eu não sabia, eu não tinha percebido  
Eu sempre achei que era vivo  
Parafuso e fluído em lugar de articulação  
Até achava que aqui batia um coração  
Nada é orgânico é tudo programado  
E eu achando que tinha me libertado  
Mais lá vem eles novamente e eu sei o que vou fazer:  
Reinstalar o sistema  
Pense, fale, compre, beba  
Leia, vote não se esqueça  
Use, seja, ouça, diga

Tenha, more gaste e viva  
Não sinhô, Sim sinhô, Não sinhô, Sim sinhô

Fonte: <http://www.pitty.com.br/cifras/cifras2.asp#02>, acesso: 09.mar.2005.

#### 10.3.4 Epígrafe do Capítulo 4:

Admirável Gado Novo  
(Zé Ramalho)  
Vocês que fazem parte dessa massa que passa nos projetos do futuro  
É duro tanto ter que caminhar e dar muito mais do que receber  
E ter que demonstrar sua coragem à margem do que possa parecer  
E ver que toda essa engrenagem já sente a ferrugem lhe comer  
Ê, ô ô, vida de gado, povo marcado, ê, povo feliz  
Lá fora faz um tempo confortável, a vigilância cuida do normal  
Os automóveis ouvem a notícia, os homens a publicam no jornal  
E correm através da madrugada a única velhice que chegou  
Demoram-se na beira da estrada e passam a contar o que sobrou  
Ê, ô ô, vida de gado, povo marcado, ê, povo feliz  
O povo foge da ignorância apesar de viver tão perto dela  
E sonham com melhores tempos idos, contemplam essa vida numa cela  
Esperam nova possibilidade de verem esse mundo se acabar  
A arca de Noé, o dirigível, não voam nem se pode flutuar

Fonte: <http://ze-ramalho.lettras.terra.com.br/lettras/49361/>, acesso: 09.mar.2005.

#### 10.3.5 Epígrafe do Capítulo 5:

*Imitation of Life*  
(R.E.M.)  
*Charades, pop skill*  
*Water hyacinth, named by a poet.*

*Imitation of life*  
*Like a koi in a frozen pond*  
*Like a goldfish in a bowl*  
*I dont want to hear you cry*  
*Thats sugarcane that tasted good*  
*Thats cinnamon thats hollywood*  
*C'mon c'mon no one can see you try*  
*You want the greatest thing*  
*The greatest thing since bread came sliced.*  
*You've got it all, you've got it sized.*  
*Like a friday fashion show teenager*  
*Freezing in the corner*  
*Trying to look like you dont try*  
*Thats sugarcane that tasted good*  
*Thats cinnamon thats hollywood*  
*C'mon c'mon no one can see you try*  
*No one can see you cry*  
*Thats sugarcane that tasted good*  
*Thats freezing rain thats what you could*  
*C'mon c'mon no one can see you cry*  
*This sugarcane*  
*This lemonade*  
*This hurricane, I'm not afraid.*  
*C'mon c'mon no one can see me cry*  
*This lightning storm*  
*This tidal wave*  
*This avalanche, i'm not afraid.*  
*C'mon c'mon no one can see me cry*  
*Thats sugarcane that tasted good*  
*Thats who you are, thats what you could*



*C'mon c'mon no one can see you cry  
Thats sugarcane that tasted good  
Thats who you are, thats what you could  
C'mon c'mon no one can see you cry.*

Fonte: <http://www.rwmhq.com/flash/lyrics.html>, acesso: 09.mar.2005.

### **10.3.6 Epígrafe do Capítulo 6:**

O papa é pop  
(Engenheiros do Hawaii)  
Todo mundo tá relendo  
O que nunca foi lido  
Todo mundo tá comprando  
Os mais vendidos  
Qualquer nota  
Qualquer notícia  
Páginas em branco  
Fotos coloridas  
Qualquer nova  
Qualquer notícia  
Qualquer coisa que se mova  
É um alvo...ninguém tá salvo  
Todo mundo tá revendo  
O que nunca foi visto  
Tá na cara  
Tá na capa da revista  
Qualquer nota  
Uma nota preta  
Páginas em branco  
Fotos coloridas  
Qualquer rota

Rotatividade  
Qualquer coisa que se mova  
É um alvo...ninguém tá salvo  
Um disparo...um estouro  
O papa é pop  
O papa é pop  
O pop não poupa ninguém  
O papa levou um tiro à queima roupa  
O pop não poupa ninguém  
O presidente é pop  
Um indigente é pop  
Nós somos pop também  
A minha mente é pop  
A tua mente é pop  
O pop não poupa ninguém  
Uma palavra  
Na tua camiseta  
(o planeta na tua cama)  
Uma palavra  
Escrita a lápis  
(eternidades da semana)  
Qualquer nota  
Qualquer notícia  
Páginas em branco  
Fotos coloridas  
Qualquer coisa quase nova  
Qualquer coisa que se mova  
É um alvo...ninguém tá salvo  
Um disparo...um estouro  
O papa é pop

O papa é pop  
O pop não poupa ninguém  
O papa levou um tiro à queima roupa  
O pop não poupa ninguém  
O presidente é pop  
Um indigente é pop  
Nós somos pop também  
Antigamente é pop  
Atualmente é pop  
O pop não poupa ninguém  
Toda catedral é populista  
É pop, é macumba prá turista  
E afinal? O que é rock'n'roll?  
Os óculos do John, ou o olhar do Paul?  
O papa é pop  
O papa é pop  
O pop não poupa ninguém  
O papa levou um tiro à queima roupa  
O pop não poupa ninguém  
O papa é pop  
O papa é pop  
O pop não poupa...  
O pop não poupa...  
O pop não poupa... ninguém...

Fonte: <http://www2.uol.com.br/engenheirosdohawaii/index2.htm>, acesso: 09.mar.2005.